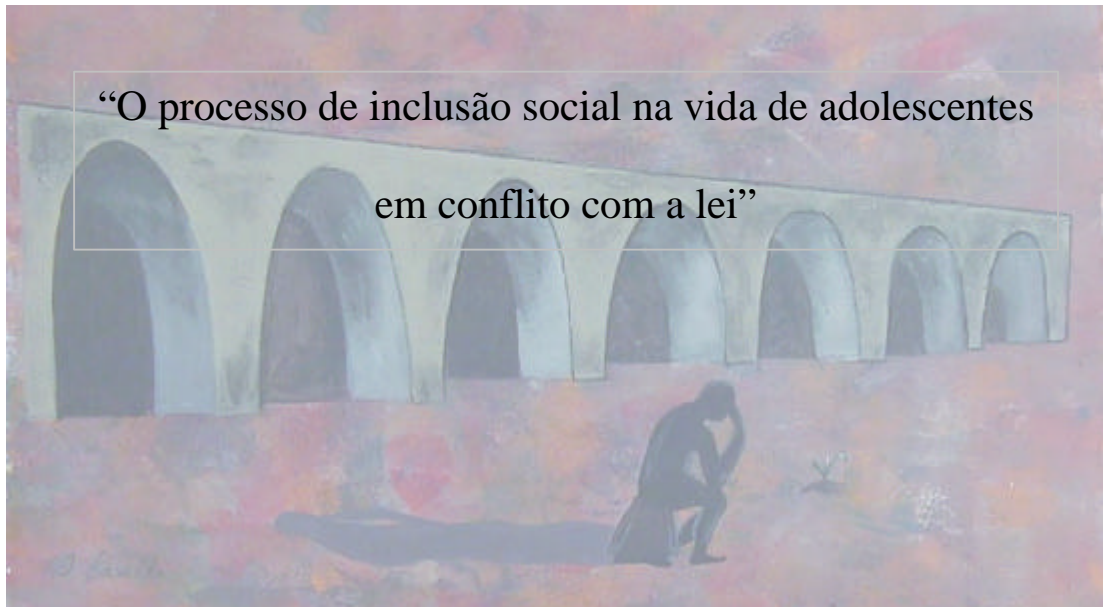


UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FFCLRP-USP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



“O processo de inclusão social na vida de adolescentes
em conflito com a lei”

Maria Cecília Rodrigues de Oliveira

*Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.*

Ribeirão Preto – SP

2002

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP-USP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

*“O processo de inclusão social na vida de adolescentes
em conflito com a lei”*

Maria Cecília Rodrigues de Oliveira

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosalina Carvalho da Silva

*Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.*

Ribeirão Preto – SP

2002

FICHA CATALOGRÁFICA

Oliveira, Maria Cecília Rodrigues de
O processo de inclusão social na vida de adolescentes em
conflito com a lei. Ribeirão Preto, 2002.
186 p. :il.; 30cm

Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP – Dep. de Psicologia
e Educação.

Orientadora: Silva, Rosalina Carvalho da

1. Adolescentes. 2. Exclusão/Inclusão 3. Problemas sociais

*Este trabalho é dedicado a todos os
adolescentes internos na FEBEM-RP que
ousaram romper com a inércia do fatalismo e
que, apesar de todo o sofrimento, foram
capazes de apontar saídas para que o processo
de inclusão social em suas vidas aconteça com
dignidade e justiça.*

A todos, o meu carinho e a minha gratidão.

Agradecimentos Especiais

A meus pais, Teresa e Anselmo (*in memorian*), e meus avós maternos, Anita (*in memorian*) e José (*in memorian*), pelo amor e dedicação com que me criaram, por investirem em minhas potencialidades e por permitirem que eu vivesse plenamente
minha infância e juventude;

Aos meus irmãos, Duda e Tina, por torcerem sinceramente por mim na vida;

Ao Paulo, meu amor mais bonito, meu marido e amigo, pelo apoio, carinho, dedicação e paciência com todas as horas suprimidas de nossas vidas, em respeito
aos meus projetos profissionais;

Às minhas filhas, Gabi, pela energia e competência que me inspiram, Amanda, pela serenidade e ponderação que me tranquilizam e Marina, pela determinação, coragem e apurado senso de justiça que me alavancam para um patamar de êxtase e felicidade.

Vocês são meus maiores e melhores referenciais no mundo!

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Lina, por me acolher e depositar sua confiança em meu trabalho, por abrir as portas para um novo e estimulante caminho em minha vida, caminho esse, repleto de ricos aprendizados, que tem me levado a uma visão mais dilatada dos relacionamentos humanos. A você “chefa”, minha sincera gratidão;

Agradeço à Profa. Vera Paiva, pela oportunidade e confiança, e à World Aids Foundation (WAF), pelo apoio financeiro para a realização do meu projeto, que teve como um dos resultados, a produção do “gibi” -“*Conversando sobre sexo com meus trutas*”- do qual sou co-autora. Esse e mais quatro livretos compõem um material educativo que tem sido editado pela Secretaria Municipal da Saúde de Ribeirão Preto – Programa Municipal DST/aids - e utilizado para trabalhos preventivos na área da saúde;

À Edna, pelo grande estímulo, compreensão e apoio, desde o início da minha jornada, com quem tenho tido o privilégio de compartilhar momentos importantes e delicados da minha vida, tanto profissionais como pessoais, “minha amiga e irmã” para sempre;

À Fernanda, companheira inseparável de trabalho, minha “miga”, minha “truta”, com quem convivi e compartilhei intensas emoções, das mais hilárias às mais tristes, que só fizeram com que nos aproximássemos ainda mais. “Ferdi”, foi bom demais poder contar com você!!!!;

À Marília, companheira querida, batalhadora incansável que tem me ensinado muito com seu jeito impulsivo e generoso de ser, “mana de ATITUDE” com quem tenho compartilhado o que antes, era só um sonho;

Aos integrantes do NEPDA, pelo carinho durante todo o tempo em que estivemos juntos, especialmente, à Cris, pelas cuidadosas revisões e pelo empréstimo de livros, à Jú, pelos livros e materiais cedidos, pela “força sempre amiga”, à Tati, pelas atenciosas sugestões; ao Leandro, pelo exemplo de garra e discrição, sempre gentil e prestativo. “Mano” de ATITUDE!,

Ao estimado Paulo Ramos, pela oportunidade que ofereceu, não só a mim, mas a toda equipe, pelo convite feito à Lina, para atuarmos na FEBEM-RP;

Aos dirigentes e funcionários da FEBEM-RP, pela confiança e carinho com que sempre me receberam;

Ao Prof. Raul Aragão Martins e à Profa. Maria de Fátima Quintal de Freitas, pela delicadeza com que fizeram as sugestões para o desenvolvimento do meu trabalho e pelas indicações preciosas de leitura durante meu Exame de Qualificação;

Às secretárias do programa de graduação e pós-graduação da FFCLRP-USP, “Dê”, Anália, “Inezinha”, Denise, “Soninha” e Izilda, que sempre me trataram com carinho e consideração, orientando meus passos nas tarefas burocráticas;

Ao Douglas Savelli, por ceder generosamente a imagem da tela que pintou para compor a capa deste trabalho.

A todos, muito obrigada!

SUMÁRIO

RESUMO

SUMMARY

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Exclusão Social: a origem do termo	4
Marginalidade	8
<i>Underclass</i>	10
Exclusão Social – um conceito em discussão	11
1.2. A assistência à infância no Brasil	15
A fase caritativa	15
A fase filantrópica	17
A fase do Bem-Estar Social	20
2. O CAMPO DE ESTUDO	27
2.1. Localização da Instituição	27
2.2. A Entrada em Campo	27
2.3. Caracterização da Instituição	28
2.4. Sobre as características estruturais e funcionais da UE3	29
2.5. Sobre a rotina da UE3 em 1998	31
2.6. O acesso ao campo	32
3. METODOLOGIA	34
3.1. A abordagem teórico-metodológica	34
3.2. Os instrumentos da coleta de dados	36
3.3. Participantes	38
3.4. Procedimentos éticos para inclusão dos sujeitos no estudo	39
3.5. Procedimentos para coleta de dados	40
3.6. A saída de campo	41
3.7. Procedimentos para análise dos dados	42
4. A VIDA CONCRETA DOS JOVENS	45
4.1. Sobre a vida cotidiana dos jovens entrevistados	47
4.2. Sobre a família	57
4.3. Sobre os relacionamentos afetivos	61

4.4. Sobre os delitos	66
5. SÍNTESES DAS IMPRESSÕES DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS	87
5.1. Diários de Campo – impressões sobre o contexto institucional	87
5.2. Impressões sobre os relacionamentos entre funcionários e adolescentes	96
5.3. Impressões dos jovens sobre a FEBEM	99
5.4. Linhas de vida: impressões dos principais fatos e acontecimentos na vida dos adolescentes entrevistados	103
6. O FUTURO: COTIDIANOS DE ESPERANÇAS	128
6.1. Os planos	128
6.2. As dificuldades: um ciclo perverso	131
6.3. As propostas	136
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	148
9. ANEXOS	154
Autorização da FEBEM	155
Anexo A	156
Anexo B	157
Anexo C	158
Anexo D	160
Anexo E	161
Anexo F	162
Normas para transcrição	163
Transcrição completa da Entrevista com E6	164

RESUMO

Os debates no universo conceitual sobre exclusão parecem deixar em segundo plano o foco que ilumina as análises baseadas na injustiça social que propõe pensar a exclusão como processo complexo e multifacetado, do qual a inclusão é parte constitutiva. Diante da ineficiência das propostas no atendimento a adolescentes em conflito com a lei que não tem levado em conta tal complexidade; da visão estigmatizada da sociedade sobre eles; e do número elevado de internações por ano na FEBEM-RP, propôs-se este estudo, com o objetivo de caracterizar a vida cotidiana desses jovens, identificar as percepções, concepções e crenças sobre as experiências vividas e, investigar as propostas de mudanças que possam facilitar o processo de inclusão social de jovens que praticaram delito. Participaram deste estudo onze adolescentes, do sexo masculino, com idades entre 15 e 18 anos, internos na FEBEM-RP, e seis funcionários da instituição. A entrevista individual com roteiro semi-estruturado foi o principal instrumento de coleta de dados, sendo complementada por notas em diários de campo e transcrições de trabalhos grupais. As falas dos funcionários também foram utilizadas como dados complementares para conferir ênfase ao tema que estava sendo abordado. A análise qualitativa dos dados, com enfoque interpretativista, privilegiou os pontos de vista dos entrevistados, iluminando os momentos-chave de sua existência. As análises dos dados mostraram que as várias facetas que compõem o processo de exclusão na vida desses jovens parecem ser apontadas por eles como as dificuldades encontradas para viverem o dia-a-dia longe das infrações. A vida concreta dos adolescentes entrevistados é percebida por eles pela precariedade, não só econômica, mas também de vínculos, que são calcados na violência, na provisoriidade e na instabilidade, perpassados por aspectos psicossociais como estigmatização e culpabilização. A vivência dessa realidade parece gerar sofrimento, freqüentemente, expresso pela revolta como forma de demonstrar a inconformidade diante das condições de existência e dos tratamentos recebidos. A coexistência desses motivos, dentre outros, acrescidos da humilhação, tanto na família como na escola, e da discriminação e truculência com que referem ser tratados pela polícia parecem favorecer a inclusão no mundo do crime. Outra faceta que faz com que estejam inseridos no mundo de forma injusta e pouco digna, diz respeito à vulnerabilidade frente ao desenvolvimento e exercício da vida sexual e reprodutiva, além de se perceberem mais vulneráveis em decorrência das rígidas regras de convivência estabelecidas entre seus pares, que tornam iminente o risco de morte. Referem ser coagidos pela polícia para assumirem delitos que não praticaram, o que parece colaborar para que sejam internos repetidas vezes, perpetuando a idéia de um caminho sem volta. Referem que a FEBEM-RP é um local marcado pela diferença de tratamento que privilegia uns e banaliza o sofrimento de outros. Na vida dos jovens entrevistados, a dialética da exclusão/inclusão também se manifesta pela confirmação, negação ou construção da identidade, que no caso deles, parecem forçadas de maneira a manter as estratégias de regulação de poder, sendo reconhecidos, predominantemente, por seus delitos. Expressam o desejo de parar de infracionar e realizam propostas que incluem a profissionalização, a retomada dos estudos, a aplicação da medida de semiliberdade, dentre outros. Para isso, referem a necessidade de apoio profissional e familiar, dentro e fora da FEBEM-RP, sem os quais a inclusão poderá recair na armadilha de uma inclusão ilusória que discrimina, humilha e gera sofrimento. Para eles, a concretização das propostas pode significar o rompimento de um fatalismo cruel e contribuir para uma inclusão mais digna e justa.

SUMMARY

The debates in the conceptual area about exclusion seem to omit the focus that elucidates the social injustice-based analysis that has in view the concept of exclusion as being a complex and multi-faceted process, of which inclusion is an essential part. Facing the inefficiency of the proposals in attending adolescents that come into conflict with the law for not taking into consideration such complexity; also facing the social stigmatized view of these same adolescents; and the increased number of new boarders that FEBEM, in Ribeirão Preto, receives each year, this study has been presented, aiming to point out these youngsters' daily life, identify the insights, conceptions and beliefs of the lived experiences, and investigate the changeover proposals that might favour the social inclusion of these youngsters that have committed some kind of trespass. Eleven male adolescents took part in this study, ranging from 15 to 18 years old, boarders at FEBEM, in Ribeirão Preto, and six employees that work for the institution. The individual interview with a semi-framed script was the major tool to gather data, being completed with fieldwork notes and transcription of group activities. The voices of the employees were also used as supplementary data in order to give emphasis to the topic being approached. The qualitative analysis of data, with an interpretative approach, favoured the point of view of the people interviewed, enlightening the key points of their existence. The analysis of data showed that the multiple facets that form the exclusion process in these youngsters lives seem to be mentioned by them as being the difficulties they come across to live their daily lives away from infractions. The interviewed adolescents' real life is noticed by them for its precariousness, not only the financial one, but also the precariousness of bonds that are consolidated in violence, transitory feature and inconstancy, due to psychosocial aspects like stigmatization and culpability. Living this reality seems to cause suffering, often expressed by revolt as a way of demonstrating non-conformism before existence conditions and treatment toward them. The co-existence of these reasons, among other ones, added by humiliation, both at home and at school, and discrimination and cruelty they affirm to receive from the police seem to favour their inclusion in the criminal world. Another facet that causes them to live in the world in such an unfair and unworthy way concerns the vulnerability toward the development and practice of sexual and reproductive life, besides viewing themselves as being more vulnerable due to the rigid co-existence rules fixed among their partners, creating an imminent death risk. They affirm to be constrained by the police to take the blame for trespasses they didn't commit, which seems to contribute for the act of putting them at the institution several times, perpetuating the concept of a situation with no way back. They affirm that FEBEM-RP is a place that is noticed by the difference in treatment that benefits some people while vulgarizes the suffering of others. In the interviewed youngsters' lives, the logic of exclusion/inclusion is also revealed by the confirmation, denial or construction of their identity, that in their case, seem to be engendered in order to support the strategies of authority regulation, being distinguished, predominantly, for their trespasses. They show an urge to quit trespassing and execute proposals that include professionalizing programs, going back to school, the application of a method of semi-freedom, among others. For this reason, they affirm to need professional and familiar support, inside and outside FEBEM-RP, without which their inclusion may fall back in the trap of an illusory inclusion that discriminates, humiliates and causes suffering. For these youngsters, the materialization of these proposals may mean the disruption of a cruel fate and contribute to a more worthy and fair inclusion.

1. INTRODUÇÃO

Era um final de tarde de primavera em 1997..... Entrei pela primeira vez na FEBEM-RP em companhia de minha orientadora, Lina, e também, coordenadora do Núcleo de estudos para prevenção às DST/aids e uso indevido de drogas (NEPDA), juntamente com outros colegas da equipe.

A pedido dos dirigentes da instituição e do Dr. Paulo Ramos, a equipe do NEPDA elaborou um projeto de extensão universitária para ser desenvolvido com os adolescentes internos e com os funcionários da instituição. Dr. Paulo Ramos, um dos responsáveis pelo “Projeto Amanhã”, nos guiava para apresentar o local e nos encaminhava até o prédio administrativo para, então, travarmos um primeiro contato com a equipe diretiva da Unidade. Grande emoção envolvia a equipe do NEPDA.

Sensações incômodas concorriam com a surpresa e o descobrimento pelo novo. A presença de agentes policiais, desde a primeira portaria, não combinava com a placa da entrada: “Unidade Educacional 3 – FEBEM-SP”. Paramos os carros no começo da segunda portaria e seguimos a pé até o prédio da administração, carregando nossos livros e bolsas após uma rápida e superficial revista policial.

A equipe foi muito bem recebida pelos dirigentes da Unidade.

Conversamos por algum tempo e em seguida fomos convidados a conhecermos o restante do prédio.

A presença da equipe causou impacto à medida que adentrava os pavilhões e que se colocava frente a frente com os adolescentes. A cada portão ultrapassado, ouvia-se o som do fechamento dos mesmos e dos cadeados que os trancavam. Essas sensações não eram então só incômodas; eram desagradáveis, assustadoras em alguns

momentos, e constrangedoras em outros. Mas estávamos finalmente dentro, com o firme propósito de levar adiante o projeto, cuja implantação só teve início no ano de 1998.

Nesse ano, os integrantes do NEPDA foram se firmando como equipe de trabalho dentro da UE3 e conquistando a confiança dos adolescentes e funcionários. Não constituíamos ameaça e éramos vistos como a “equipe da USP”. Acreditávamos que só pacificamente poderíamos contribuir para mudanças. Assim, alguns de nós resolveram realizar seus trabalhos de mestrado para ajudar a construir um mundo, onde as vozes dos jovens internos também pudessem ser ouvidas.

Muitas questões me perturbavam: por que tantos jovens retornavam à instituição? O que acontecia ou deixava de acontecer em suas vidas para que a internação se repetisse? Que dificuldades enfrentavam e quais seriam suas propostas de mudanças? Que significados seriam atribuídos às experiências vividas?

Enfim, um turbilhão de perguntas sem respostas..... até que meus objetivos foram traçados e coloquei mãos à obra!

Frequentei a UE3 por três longos anos. Longos, no sentido das inúmeras situações vivenciadas. Foram anos tão intensos e perturbadores que permanecerão na minha memória como mulher, pesquisadora, mãe e amiga, até o fim dos meus dias. Tenho vivos na minha lembrança, os rostos dos adolescentes com quem trabalhei. Com eles, pude conhecer outros modos de vida e estratégias de sobrevivência. Tive o privilégio de perceber que, mesmo diante de cotidianos tão marcados pela exclusão, muitos ainda conseguiam se encantar com a vida e ter esperanças de um futuro melhor.

Entre o início e o término deste trabalho, alguns adolescentes foram desinternados, outros retornaram à instituição, e outros, lamentavelmente, morreram.

Tanto eles quanto eu sabíamos que isso poderia ocorrer. No entanto, prosseguimos acreditando que a contribuição deste trabalho reside na possibilidade de subsidiar programas ou políticas públicas, presentes e futuras, que possam facilitar o processo de inclusão social de adolescentes em conflito com a lei.

1.1. EXCLUSÃO SOCIAL : *a origem do termo*

O surgimento do termo é atribuído a René Lenoir, em 1974, cuja obra¹ tem o mérito de suscitar o debate sobre a concepção de exclusão, não mais como um fenômeno de ordem individual, mas social, que emerge do próprio funcionamento das sociedades modernas, tendo como causas, por exemplo, o rápido processo de urbanização desordenado, as desigualdades de renda e de acesso aos serviços, não estando restrito unicamente “...à franja dos subproletários, mas um processo em curso que atinge cada vez mais todas as camadas sociais” (WANDERLEY, 1999).

No momento da publicação do livro de Lenoir, a noção de exclusão estava relacionada à dimensão mais subjetiva da pobreza, ou seja, ser pobre era o mesmo “que ser tratado como objeto” (Silver apud ESCOREL, 1999), e não à sua dimensão objetiva, econômico-ocupacional.

A percepção de pobreza, no entanto, nem sempre foi essa e tem se modificado ao longo da história. Após a reforma protestante, os sofrimentos advindos da pobreza, que eram vistos pelo catolicismo como o passaporte para a entrada no reino de Deus, perderam seu sentido de redenção e a riqueza terrena assumiu o *status* de sinal divino, passando a ser uma obrigação espiritual (ZALUAR, 1994).

Essa mudança de eixo significou, nas sociedades pré-industriais, uma associação da pobreza à figura do vagabundo decorrente da classificação da população pobre entre inválidos e incapazes, onde uns eram merecedores de proteção e caridade, e outros, nem tão merecedores, pois, mesmo estando em condições de trabalhar, não o faziam e eram, por essa razão, considerados vadios. Durante a

¹ “*Les Exclus: un français sur dix*” – título do livro de René Lenoir conferido por seu editor baseado no sucesso dos trabalhos de Foucault em sua história sobre a loucura (Didier apud ESCOREL, 1999)

Revolução Industrial, frente à expressiva demanda de mão-de-obra, a pobreza passou a ser encarada como um castigo “natural” da preguiça (ESCOREL, 1999; LARANJEIRA, 1999) diante da recusa para o trabalho, sendo necessária sua penalização para que não se constituísse em “mau exemplo”. A partir da segunda metade do século XIX, na Europa, as lutas sociais e a organização dos movimentos de trabalhadores por melhores condições de vida e trabalho forçaram os governos a adotarem legislações mais cautelosas, sendo a inserção no mundo do trabalho a forma entendida para superação da pobreza. Após a Segunda Guerra Mundial, a pobreza passa a ser concebida como responsabilidade de caráter social e coletivo, e a resposta para sua superação é pensada a partir do desenvolvimento econômico, mantendo-se assim até a década de 70 do século passado.

No contexto brasileiro, as representações sobre a pobreza, ou seja, *quem e como são os pobres*, perpassam todo nosso passado tendo a escravidão dos negros africanos como matriz (WANDERLEY, 1999).

Na virada do século XX, pobre era o trabalhador imigrante atraído pela próspera economia da cultura de café (VALLADARES, 1991). Os pobres habitavam os cortiços, muitas vezes insalubres, do centro da cidade, sendo considerados portadores de “vícios contagiosos”² (ESCOREL,1999), tidos como perigosos, doentes e desordeiros. Entre os anos de 1930 e 1950, houve um crescimento urbano e industrial que associava a figura do pobre ao ambiente rural. A pobreza aí era considerada uma consequência da indolência individual e da falta de apego aos valores tradicionais.

² “Vícios contagiosos”: tais como viver na vadiagem e ser portador de doenças contagiosas

O momento histórico conhecido como “desenvolvimentismo”, entre 1950 e 1960, marcou as relações sociais que passaram para urbano-industrial em lugar do tipo agro-exportador. Com a industrialização voltada para o mercado interno, observou-se um grande movimento migratório rural-urbano, principalmente, em direção às regiões Sul e Sudeste do país. Esses contingentes pobres acumulavam-se em áreas da cidade desprovidas ou com escassez de serviços urbanos - favelas e periferias - numa proporção sempre superior à demanda de mão-de-obra o que gerou grande número de desempregados ou subempregados que exerciam atividades nem sempre legalizadas, ficando conhecidos como “biscateiros” e “camelôs” (VALLADARES, 1991).

A inserção da população pobre, no entanto, era parcial - constituindo um exército industrial de reserva – e os ganhos insuficientes para prover as necessidades biológicas e sociais, caracterizando-os como carentes. Com o desenvolvimento nacional em ascensão, passava a ser considerado pobre, aquele que não estivesse inserido na modernidade, aqui relacionada à expansão industrial e à aquisição dos primeiros eletrodomésticos, como geladeira e televisão. Surge, nessa época, a figura paradoxal do “malandro” freqüentemente associada à indisciplina, ao ócio e à elegância (VÉRAS, 1999).

O período entre 70 e 80 foi caracterizado pela franca urbanização concentrando nas cidades 70% da população economicamente ativa. Apesar dos fenômenos migratórios terem diminuído, ocorreu um processo de segregação e periferização da pobreza, superlotando as favelas (VALLADARES, 1991).

Numa pesquisa de avaliação de programas esportivos, em meados da década de 80, ZALUAR (1994) identifica que jovens que pertenciam à comunidade do

bairro carioca “Cidade de Deus”, eram estigmatizados por outros de comunidades vizinhas, sendo vistos como “bandidos, maconheiros, mais fortes e violentos”. Faziam parte de famílias auto-denominadas pobres cujos rendimentos estavam associados à precariedade de consumo. Apesar da mudança de percepção sobre aqueles que residiam na “Cidade de Deus” e os outros jovens que freqüentavam o mesmo programa esportivo, vinculou-se, nessa época, a pobreza à violência e ao banditismo. Nas palavras de ESCOREL (1999),

“A carência de bens materiais era associada à ausência de valores morais, gestando um “caldo de cultura” de onde brotariam os bandidos. Na constituição da identidade social dos trabalhadores pobres que reafirmavam o trabalho como modalidade de legítima inserção social, a principal oposição deixou de ser o “malandro” e passou a ser o “bandido”.

Em todas as mudanças de representação sobre o que é ser pobre, dois traços foram constantes: a estigmatização e a naturalização da pobreza, como se ela pertencesse naturalmente ao mundo, “...constituída fora da interação humana e histórica” (Telles apud ESCOREL, 1999).

O campo de estudo da pobreza, ao contrário, está inserido nas histórias sociais e intelectuais que são particulares a cada contexto. Desse modo, no período entre 1960 e 1980, o percurso das condições e representações sobre a pobreza, acrescido pelo agravamento das desigualdades sociais, recebeu diferentes denominações: marginalidade na América Latina, *underclass* nos Estados Unidos e exclusão social na França (DEMO, 1998).

Marginalidade

Comumente, a palavra *marginal* é empregada com conotações negativas e associada àquele que está à margem da sociedade ou fora da lei, como vagabundo, delinqüente e mendigo. Nos estudos sobre marginalidade, observa-se uma variação conceitual extensa que engloba aspectos biológicos, psicológicos, culturais, sociais e econômicos, acabando por gerar grande imprecisão (VASCONCELOS, 1997).

O conceito de marginalidade começou a ser utilizado na sociologia norte-americana, por Robert Park, em 1928, para quem, *marginal* era o indivíduo que se apresentava parcialmente inserido em duas sociedades e culturas diferentes³, sendo considerado um “híbrido cultural” (BOGDAN & BIKLEN, 1994), sem apresentar, no entanto, qualquer conotação de superioridade ou inferioridade. Era percebido como uma pessoa com capacidade crítica suficiente para se tornar um agente de transformação social. Na América Latina, na primeira metade do século XX, começaram a se formar os bairros marginais, às margens dos centros urbanos tradicionais, onde as pessoas moravam precariamente, passando a ser denominadas de populações marginais. Contraditoriamente, aqueles que habitavam o centro da cidade eram também considerados marginais em função do tipo de moradia, numa lógica contrária, portanto, ao raciocínio de se pensar a marginalidade como uma noção que evoca a oposição centro/periferia, o que confirma a imprecisão do termo (ESCOREL, 1999).

A partir da década de 50, a marginalidade passou a ser conceitualizada como cidadania limitada, representada, segundo VASCONCELOS (1997)

³ Os trabalhos de Robert Park objetivavam esclarecer comportamentos, atitudes e modos de vida do enorme contingente de migrantes, nacionais e estrangeiros que povoavam a cidade de Chicago, entre 1920 e 1930, que apresentava intenso desenvolvimento econômico, industrial e comercial (BOGDAN & BIKLEN, 1994)

“ por todo indivíduo ou grupo que tem seu direito de cidadania limitado, por não poder, em função das desigualdades geradas pela estratificação social, participar do processo de desenvolvimento econômico e promover sua ascensão na estrutura de classes” (p.57)

Ainda, segundo o mesmo autor, nos últimos anos, a marginalidade

*“...é vista como um fenômeno psicossocial no qual a falta de consciência do grupo, numa situação de pobreza, é que dá origem à **cultura da pobreza**” (.....) sendo considerado marginal, o conjunto de indivíduos pobres e incapazes de perceber seus problemas individuais como problemas coletivos de um grupo ou de toda uma classe social (p.58).*

Dos conceitos utilizados para caracterizar a marginalidade, observa-se que os mesmos são definidos principalmente pelas suas carências, associados à idéia da *falta de integração em*, o que reforça a concepção funcional *“...de que a sociedade é um todo harmônico, cujo equilíbrio se mantém pelo cumprimento dos papéis e expectativas que lhe são atribuídos pela cultura, pela religião e pelos chamados aparelhos ideológicos do Estado”* (VOLPI, 2001, p. 38).

Na visão funcionalista, o sujeito que está “à margem” necessita ser “re”integrado à sociedade, como se a ela não pertencesse, e acaba responsabilizado pela sua adaptação ou inadaptação aos valores dominantes (VIOLANTE, 1989). Dentro dessa abordagem, o emprego do prefixo “re” é utilizado com o propósito de firmar a idéia de retorno à normalidade, explicitado por expressões como: ressocialização, reinserção, reintegração, etc (VOLPI, 2001); culpabiliza o sujeito

por atribuir a ele a responsabilidade para se “re”integrar, ou não, sem levar em conta “*as condições marginais da existência*”(VASCONCELOS, 1997; p. 55).

Enquanto a marginalidade é freqüentemente definida por suas carências no âmbito habitacional e em termos de cidadania, *underclass* tem forte conotação racial. Ambos são termos relacionais que guardam semelhanças entre si, mas fazem parte de contextos específicos.

Underclass

O termo *underclass* surgiu nos Estados Unidos, na década de 60, nos trabalhos do economista sueco, Gunnar Myrdal, sobre o surgimento de uma população de desempregados nos guetos negros urbanos em meio à próspera economia norte-americana. A essa parcela dos negros mais pobres era atribuída a autoria das principais revoltas urbanas da década de 70 nos EUA, da qual faziam parte grande número de jovens tidos como delinqüentes, drogados e em situação de fracasso escolar, que viviam em famílias monoparentais, chefiadas, principalmente, por mulheres dependentes da assistência social (ESCOREL, 1999).

Segundo DEMO (1998), *underclass*, que não é classe, é a designação de comportamentos anti-sociais ligados a desvios de conduta e cultural.

Dentre as noções de pobreza urbana contemporânea, *underclass* é a única a se referir às desigualdades na população negra que enfatiza o caráter de raça das desigualdades sociais nos EUA. Ela reafirma a emergência de um contingente populacional supérfluo e indesejável resultante da mais extrema marginalidade econômica e de profundo isolamento social (ESCOREL, *op.cit.*), condenado a

“...desenvolver uma subcultura específica numa base territorial” (CASTEL, 2000, p.44).

Exclusão Social: um conceito em discussão⁴

A noção de exclusão social tornou-se familiar no cotidiano de diferentes sociedades, estando presente na mídia, no discurso político e nos planos e programas governamentais. Trata-se de um fenômeno que atinge não só os países pobres mas também parcelas majoritárias da população mundial, quer seja pelas transformações do mundo do trabalho ou pelas inaceitáveis desigualdades decorrentes de modelos e estruturas econômicas. No entanto, a concepção de exclusão continua fluida como categoria analítica, difusa e provocadora de intensos debates, apesar dos estudos existentes (WANDERLEY, 1999).

Exclusão social é uma expressão que inclui todas as modalidades de miséria do mundo: o desempregado recorrente ou de longa duração, o jovem da periferia, o sem domicílio fixo, enfim, um “conceito mala ou bonde”, segundo CASTEL (2000), que comporta “....toda situação ou condição social de carência, dificuldade de acesso, segregação, discriminação, vulnerabilidade e precariedade em qualquer âmbito” (SCOREL, 1999; p. 23). Segundo a autora, “quando um termo pode designar muitos fenômenos, acaba por não caracterizar fenômeno algum”.

O debate sobre o conceito de exclusão social ganhou relevância e publicidade, na França, no final do século passado, com os trabalhos de Robert

⁴ Segundo Minayo (1998), as noções podem constituir os elementos iniciais de um processo de conhecimento, usados como “imagens” na explicação do real. Os conceitos correspondem às unidades de significação e representam as vigas mestras da construção teórica, onde os conceitos mais importantes são denominados ‘categorias’.

Castel e Serge Paugam, entre outros. Insatisfeitos com a fluidez e heterogeneidade de usos do conceito de “exclusão”, propõem sua substituição.

Castel elabora o conceito de “desafiliação”⁵ que é definido pela ruptura de pertencimento, ou seja, pela perda do vínculo societal (WANDERLEY, 1999), no qual “desfiliado” é “aquele cuja trajetória é feita de uma série de rupturas com relação a estados de equilíbrios anteriores, mais ou menos estáveis, ou instáveis” (CASTEL, 2000).

Nas palavras de VÉRAS (1999), a “desafiliação” de Castel

*“.....aborda processos contemporâneos como a **desestabilização dos estáveis** que se tornam vulneráveis e se **instalam na precariedade** (desemprego de longa duração ou recorrente), culminando pela inexistência ou **déficit de lugares ocupáveis na estrutura social** (inutilidade social), transformando-se em não-forças sociais, perdendo a identidade de trabalhadores e percorrendo o difícil caminho **suspenso por um fio**” (grifos da autora) (p. 35)*

PAUGAM (1999), propõe o conceito de “*desqualificação social*, que caracteriza o movimento de expulsão gradativa, para fora do mercado de trabalho, de camadas cada vez mais numerosas da população – e as experiências vividas na relação de assistência, ocorridas durante as diferentes fases desse processo” (p.68)

Segundo o autor, a pobreza constitui-se num processo e não em um estado perpétuo e imutável, e sua definição estática pode agrupar populações heterogêneas, sem levar em conta a origem e os efeitos a longo prazo das dificuldades dos indivíduos e de suas famílias. O conceito de desqualificação social destaca o aspecto

multidimensional, dinâmico e evolutivo da pobreza e a relação de interdependência entre os pobres socorridos e os serviços sociais. O sentimento de enfraquecimento dos vínculos sociais se dá pela perda ou precariedade da vida profissional, gerando profunda angústia coletiva, até a ruptura total, onde a miséria é sinônimo de dessocialização.

Dentro do universo conceitual sobre exclusão, que emerge de diferentes matrizes psicológicas e sociológicas, destaca-se no Brasil, a proposta de CRISTOVAM BUARQUE (1999) que propõe o conceito de *apartação social*, ou seja, processo pelo qual um ser é expulso não só dos meios de consumo, dos bens e serviços, mas do gênero humano, onde o outro é visto como *um não semelhante*; fenômeno que parece “...caminhar para a criação de um sistema internacional de ricos, separados das multidões de miseráveis excluídos da utopia consumista, independentemente do país onde vivam” (p. 29)

Para WANDERLEY (1999), com a passagem do predomínio do termo pobreza para exclusão, chegou ao fim a ilusão de que as desigualdades sociais eram temporárias. Embora não se constituam sinônimas, pobreza e exclusão estão fortemente ligadas entre si, e à desigualdade social que, no caso do Brasil, é uma das maiores do mundo.

Até agora, as análises descritas sobre exclusão puseram seu foco ora no econômico, ora no social “...minimizando o escopo analítico fundamental da exclusão, que é o da injustiça social”(SAWAIA, 1999, p. 7). Segundo a autora, “a sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão” (p.8). Entende a exclusão

⁵ A palavra *desaffiliation* é um neologismo na língua francesa e não possui tradução na língua portuguesa, bem como, os termos desafiliação ou desfiliação.

como processo complexo e multifacetado de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas, sendo a inclusão, parte constitutiva desse processo. Assim, sugere o aprimoramento do conceito em vez de sua substituição, e propõe pensar na “dialética da exclusão/inclusão”, não como coisa ou estado, mas como processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros, “*cujas subjetividades manifestam-se no cotidiano como identidade, afetividade, consciência e inconsciência, (.....) sociabilidade e projeto de vida*” (p.9), e que abrange desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado.

Para SAWAIA (*Op. cit.*), essa concepção introduz a ética e a subjetividade na análise sociológica da desigualdade, ampliando as interpretações reducionistas baseadas no sistema de empregabilidade e crises do Estado, e entende a exclusão como “*descompromisso político com o sofrimento do outro*” (p.8). Na análise psicológica, a concepção dialética inverte a idéia de inclusão social e desarticula-se da noção de adaptação, normatização e culpabilização individual para ligá-la aos mecanismos psicológicos de coação. Denuncia uma ordem social mantida por aqueles que são constantemente incluídos numa sociedade que os exclui, por meio do principal mecanismo de coação, que é o de culpabilização individual.

Ainda hoje, os mecanismos adaptativos e normativos têm norteadado práticas, programas e instituições no atendimento de crianças e adolescentes brasileiros que, juntamente com mendigos, vagabundos e marginais, ao longo dos séculos, figuram num quadro perpassado pela herança da exclusão que marca a história do Brasil desde o descobrimento.

1.2. A ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA NO BRASIL

A assistência à infância brasileira pode ser dividida em três etapas, segundo MARCÍLIO (1998): a primeira, de caráter *caritativo*, que vai do período colonial até meados do século XIX; a segunda, de caráter *filantrópico-caritativo*, que vai do fim do Império até a década de 1960; e a terceira fase, que, a partir de 1960, é caracterizada pela emergência do *Estado de Bem-Estar Social, ou Estado-Protetor*, que após pretender assumir a assistência à criança “desvalida ou desviante”, passa, numa fase seguinte, a encará-la como partícipe da cidadania, e portanto, sujeito de Direito.

A fase caritativa

Do período colonial até meados do século XIX, a assistência à infância no Brasil teve como marca principal o sentimento da fraternidade humana, de conteúdo paternalista, mas sem pretensão de mudanças sociais. Esta fase foi denominada *caritativa* e se caracterizou pelas “esmolas e boas ações” dos ricos com o objetivo de minimizar o sofrimento dos mais necessitados. Em contrapartida, os mais abastados esperavam receber a salvação de suas almas e o reconhecimento da sociedade como beneméritos, procurando preservar a ordem pelos comportamentos conformistas dos mais pobres (MARCÍLIO, *Op.cit.*)

Nos séculos XVI e XVII, tanto a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia⁶ como as Câmaras Municipais estavam incumbidas de prestar assistência a crianças abandonadas e enjeitadas e de procurar para elas uma “colocação” em casa de particulares, onde deveriam ser amamentadas por amas-de-leite, até três anos de idade, mediante pagamento. No entanto, os custos dessa assistência foram motivo de constantes atritos, pois o governo real cumpria mal suas responsabilidades. As tensões entre o governo e a Santa Casa aumentaram quando, no século XVIII, na Bahia, o número de bebês abandonados nas ruas começou a chamar atenção das autoridades, religiosos e homens públicos. Os pequenos eram muitas vezes deixados pelas mães e freqüentemente devorados pelos cães, o que intensificava os debates em torno da criação das Rodas de Expostos. Apesar de toda polêmica envolvendo aspectos morais, religiosos, humanitários, políticos e econômicos, foi autorizada sua criação, pelo rei, em 1726, na Bahia. A Roda era um dispositivo cilíndrico no qual eram colocadas as crianças enjeitadas e que rodava do exterior para o interior da casa com o objetivo de salvar a vida dos recém-nascidos abandonados para depois encaminhá-los para trabalhos produtivos e forçados (FALEIROS, 1995).

Legalmente, a assistência prestada aos expostos através da Roda deveria ser financiada pelas Câmaras Municipais, bem como pelas doações do rei. No entanto, as Irmandades da Santa Casa de Misericórdia dependiam basicamente de doações de particulares, de juros e espólios de senhores ricos, evidenciando os acordos e desacordos entre o público e o privado (MARCÍLIO, 1998).

A partir de sete anos de idade, os poucos sobreviventes das Rodas eram encaminhados para casas de família onde pudessem aprender algum ofício e ser

⁶ Popularmente conhecida com Santa Casa da Misericórdia ou Santa Casa

amparados. Entretanto, eram explorados e colocados em trabalho precoce como forma de ressarcirem o Estado ou seus “criadores”, deixando clara a desvalorização de sua existência e vida no período colonial (FALEIROS, 1995).

As tentativas de estabelecer um projeto de assistência à infância desamparada surgiram apenas em meados do século XIX com a criação da Casa de Educandos Artífices, representando o primeiro passo para a implementação de uma assistência filantrópica.

A fase filantrópica

A fase filantrópica surge para dar continuidade à obra de caridade, numa nova concepção. A principal contribuição do Governo Imperial, para a assistência pública à criança no Brasil, foi a de regulamentar a criação de asilos de proteção para “meninos desvalidos”, isto é, crianças que haviam sido abandonadas, órfãs, pobres ou indigentes que vagavam pelas ruas (RIZZINI, Irma, 1995).

A fase filantrópica caracterizou-se pela intervenção das ciências médicas e jurídicas, inclusive pela mudança da designação do termo “criança” que era empregado para filhos de famílias abastadas, enquanto o termo “menor” era discriminativo da infância “*desfavorecida, delinqüente, carente e abandonada*” (MARCÍLIO, 1998 p.195). Em 1855, surgiram asilos em muitas províncias, inclusive para meninas, como a primeira etapa da construção de uma assistência filantrópico-científica, cuja tônica higienista era muito apreciada nos meios cultos e que tinha como objetivo

“preparar o homem higiênico (capaz de viver bem nas grandes cidades, em boa forma e com boa saúde),

formar o bom trabalhador, estruturar o cidadão normatizado e disciplinado” (Idem, p. 207)

A criação desses asilos surgiu pelo temor das elites ficarem sem mão-de-obra suficiente para os trabalhos domésticos e agrícolas, logo após a abolição do tráfico de escravos, e também pelas pandemias de febre amarela e cólera que deixaram grande número de crianças órfãs e desamparadas.

Para os menores de idade, antes mesmo dos 14 anos, que tivessem praticado atos violentos “com discernimento”, o Código Criminal do Império, datado de 1830, determinava a internação em Casas de Correção, cujo recolhimento não deveria exceder a idade de 17 anos (SANTOS, 1999).

Com a República, no final do século XIX, as práticas assistenciais seguiam a tradição das práticas caritativas, acrescidas do pensamento higienista, com o objetivo de recolher e educar “os menores viciosos e abandonados” em institutos, reformatórios, escolas premonitórias e correcionais (RIZZINI, Irma, 1995). À categoria de “menores viciosos” pertenciam “os menores inculcados criminalmente, que tivessem agido sem discernimento, bem como aqueles que, por serem órfãos ou por negligência, fossem encontrados sós na via pública” (*Idem, p.247*). Tal iniciativa do Governo Republicano deixa clara a predominância da pauta repressiva, que encontrava na orfandade e na pobreza, justificativas para a apreensão do “menor”.

As Escolas Correcionais tinham como objetivo regenerar os “inadaptados” pela educação física, moral e cívica, intelectual e profissional, sendo que, as duas últimas se davam, respectivamente, pela conclusão do nível primário e pela formação agrícola-industrial.

Para MARCÍLIO (1998),

“segundo princípios higiênicos e disciplinares, médicos e juristas criaram um verdadeiro projeto de prisão-modelo para os menores carentes ou infratores, de acordo com os valores e as normas científicas propostos pelo filantropismo, segundo os quais os meios fundamentais de recuperação eram a educação, o trabalho e a disciplina” (p. 218)

Nos primeiros anos do século XX, em 1913, foi criado o Instituto Sete de Setembro para atender o infrator⁷, como decorrência dos projetos legislativos em defesa do direito de crianças e adolescentes, embora recebesse tanto infratores como desvalidos (OLIVEIRA & ASSIS, 1999).

O Estado começava a dar seus primeiros passos para a aprovação do Código de Menores, em 1927. Essa lei garantia, independentemente do “discernimento”, que menores de 14 anos não fossem mais submetidos a processo penal (FALEIROS, 1995), o que causou grande desagrado na sociedade da época, que solicitava o recolhimento dos “precoces criminosos” nos institutos de reforma ou nas prisões (OLIVEIRA & ASSIS, *Op. cit.*).

Na Constituição de 1939, a infância e a juventude foram contempladas com garantias especiais de cuidados, primeiramente, por parte dos pais e, em seguida, pelo Estado, que reconhecia como seu dever, “o ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas”, revelando a dualização do ensino para as elites e a profissionalização das classes subalternas, numa distinção clara entre criança rica e pobre. A rica era preparada para dirigir a Sociedade, e a pobre era

⁷ Michel Foucault usa a denominação infrator para referir-se àquele que infringiu as normas jurídicas estabelecidas, enquanto delinqüente é a condição a que o sistema submete o indivíduo, estigmatizando-o e controlando-o formal ou informalmente, inclusive após ter cumprido sua pena (*Cf. Vigiar e punir. História da violência das prisões. Petrópolis. Vozes. 1996*)

“virtualmente inserida nas ‘classes perigosas’ e estigmatizada como ‘menor’ (MARCÍLIO, 1998, p. 224)” devendo ser controlada e preparada para o mundo do trabalho.

Em 1941, foi criado um sistema nacional chamado Serviço de Assistência ao Menor (SAM) em substituição ao Instituto Sete de Setembro, com o objetivo de atender infratores e desvalidos, caracterizado por uma política de horror, onde os internos ficavam amontoados em instalações físicas inadequadas, os técnicos eram despreparados e os espancamentos sofridos pelas crianças eram frequentes (FALEIROS, 1995). Buscando escapar dessa situação, foi proposta a extinção do SAM, que era considerado por alguns juízes, um sistema ineficaz e perverso, fábricas de delinquentes e escolas do crime, sendo substituído, em 1964, pela Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, a FUNABEM (MARCÍLIO, 1998).

A fase do Estado do Bem-Estar Social

Ao longo da história brasileira, um grande número de leis e projetos de assistência tem tido como alvo o bem-estar da criança, ao mesmo tempo em que existe a necessidade de defender também o bem-estar da sociedade, o que configura uma dualidade de interesses.

Até a década de 1960, o Estado brasileiro restringia suas funções a estudar, vigiar e controlar a assistência ao “menor/infrator” através da criação de órgãos públicos ineficientes, como o SAM. A partir daí, houve um incremento de medidas repressivas e os “grupos de menores” passaram à categoria de “problema de Segurança Nacional”, uma vez que ameaçavam a ordem pública com ações e crimes contra o patrimônio e homicídios (RIZZINI, Irene, 1995).

Após o golpe militar de 1964, o SAM foi substituído pela FUNABEM, cujos objetivos eram: pesquisar métodos e técnicas para a elaboração científica de princípios norteadores de ações que visassem à “reintegração do menor” na família e na sociedade. A tecnocracia e o autoritarismo presentes na FUNABEM se contrapunham ostensivamente à Declaração Universal dos Direitos da Criança, o que forçou a elaboração, em 1979, de um novo Código de Menores. Com o novo Código, surgiu a denominação “menor em situação irregular”, que servia para designar tanto o abandonado como o autor de infração penal (OLIVEIRA & ASSIS, 1999).

Segundo MARCÍLIO (1998),

“o novo Código determinava que as entidades de assistência e proteção ao menor seriam criadas pelo Poder Público e dispõem de centros especializados ‘destinados à recepção, triagem e observação e à permanência de menores’. Nestes termos, surgiram as Fundações Estaduais para o Bem-Estar do Menor, as FEBEMs ou congêneres.(...)..em vários estados da federação.....(...) essas ‘instituições totais’ de internamento, para abrigo da infância desamparada e com desvios de conduta, eram de responsabilidade dos governos estaduais, mas estavam sob a supervisão das ‘políticas’ gerais estabelecidas pela FUNABEM. A maior parte dessas instituições, no entanto, já existia e funcionava desde fins do século passado(...) tendo sido apenas repassadas para os governos estaduais, que se incumbiram do abrigamento dos menores carentes e dos menores infratores”(p. 226)

No entanto, desde o surgimento das Fundações Estaduais para o Bem Estar do Menor – FEBEM, após o golpe militar de 1964 (MERISSE et al, 1997), pôde-se observar que o objetivo dessas instituições era o de reeducar e disciplinar os “menores/infratores” através da violência (QUEIROZ, 1987; ALTOÉ, 1990)

entendida como mecanismo educativo para se alcançar a condição de “reinserção social”(ROURE, 1996)

Na década de 1980, o Poder Público teve sua capacidade de atendimento desafiada pelo rápido crescimento da pobreza. O quadro social era desolador e a violência progredia em escala geométrica. Crescia visivelmente o número de crianças nas ruas em busca de melhores possibilidades de sobrevivência, constituindo-se num dos problemas sociais mais graves que o país iria enfrentar – os meninos de rua (RIZZINI, Irene 1995). A sociedade, então, procurou se organizar para tentar reverter essa situação e dessa movimentação surgiram numerosos grupos em defesa dos direitos das crianças e adolescentes, que eram “freqüentemente violados pela polícia ou pelas FEBEMs do governo” (MARCÍLIO, 1998, p. 227).

Preparava-se o terreno para a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Em 13 de julho de 1990, o ECA⁸ foi promulgado como fruto da ratificação da Declaração Universal dos Direitos da Criança e do Adolescente da Organização das Nações Unidas (ONU), em substituição ao Código de Menores de 1979 (OLIVEIRA & ASSIS, 1999). Neste mesmo ano, a FUNABEM foi extinta.

A Lei n^o 8.069, de 1990, é dirigida a todas as crianças e adolescentes, sem distinção, e define, em suas disposições preliminares, a garantia de proteção integral com absoluta prioridade, considerando

“Criança.....a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (Art. 2^o). “A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por

⁸ Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei n^o 8.069, de 13 de julho de 1990

outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (Art. 3º). Ainda como disposição preliminar, a lei estabelece que: “Na interpretação da Lei levar-se-ão em conta os fins sociais a que ela se dirige, as exigências do bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos, e a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento” (Art. 6º)

Segundo o ECA (1990), aos menores de dezoito anos, que tiverem praticado ato infracional⁹, devem ser aplicadas medidas sócio-educativas tais como: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, inserção em regime de semi-liberdade e internação, além de outras medidas que visem ao acompanhamento do jovem¹⁰ autor de delito, na família, na escola, nos serviços de saúde, etc. A medida de internação implica em privação de liberdade, total ou parcial, e só pode ser aplicada pelo juiz em caso de infração cometida por meio de grave ameaça, violência à pessoa ou no caso de reincidência de ato infracional grave. Não existe um tempo pré-determinado para a reclusão de adolescentes autores de delito. A permanência no estabelecimento deverá ser avaliada semestralmente e não deverá ultrapassar três anos, sendo compulsória a libertação, a partir de vinte e um anos de idade.

Essas medidas têm a missão de garantir aos jovens em conflito com a lei, um conjunto de ações que lhes permitam, como pessoas em fase de desenvolvimento, ter acesso “à educação formal, profissionalização, saúde, lazer e demais direitos assegurados legalmente” (VOLPI, 1997, p. 14). Apesar da coexistência de estratégias

⁹ No seu artigo 103, o ECA (1990) define como ato infracional, a conduta prevista em lei como contravenção ou crime (a partir dos 12 anos), o que coloca o adolescente autor de delito numa categoria jurídica e portanto sujeito de direitos.

¹⁰ Para a realização deste estudo, as palavras *adolescente* e *jovem* foram consideradas sinônimas.

repressivas e educativas, as medidas sócio-educativas devem constituir-se numa oportunidade para minimizar a ocorrência de atos infracionais.

No entanto, pode-se dizer que as instituições destinadas a abrigar adolescentes autores de ato infracional, mesmo tendo objetivos que visem estimular o exercício de cidadania, estão longe de adotar condutas verdadeiramente democráticas¹¹, onde o confinamento é visto como opção para aqueles que se encontram em conflito com a lei, para que não ofereçam perigo à sociedade. Nessas instituições, pouco ou quase nada se fala sobre os trâmites processuais tais como desinternação, contato com a família, etc, nem se discutem fracassos ou desilusões (MARIN,1998).

Para VOLPI (1997), uma das grandes dificuldades encontradas para se lidar com as questões relativas aos adolescentes em conflito com a lei , reside na falta de um consenso geral sobre como denominá-los. As formas estigmatizantes (trombadinhas, pivetes, delinquentes) utilizadas pelos meios de comunicação têm dificultado a aceitação da sociedade para uma visão menos preconceituosa, que não consegue conceber esses adolescentes como pessoas em desenvolvimento, desqualificando-os, pela condição de terem praticado ato infracional. Seguindo essa linha de raciocínio, fica cada vez mais difícil, para a sociedade, conciliar a idéia de segurança e cidadania, e reconhecer no adolescente infrator um cidadão.

Este estigma fica ainda reforçado, muitas vezes, não pelo ato infracional em si, mas à condição socioeconômica a que pertencem vários desses adolescentes, por serem moradores da periferia das cidades e favelas, cujas famílias possuem baixa

¹¹ “Perdem-se o nome, os cabelos, a roupa, o contato com o mundo, com a mulher, os filhos” (p. 104, MARIN, 1998)

renda (RAMALHO,1979). Associa-se, erroneamente, pobreza e predisposição infracional.

No Brasil, e principalmente no Estado de São Paulo, os acontecimentos¹² ligados a adolescentes autores de delito marcaram tragicamente os últimos anos do século XX e deixaram a nação paralisada. As instituições destinadas a abrigar adolescentes infratores estavam superlotadas, constituindo-se em um dos agravantes para a ocorrência de manifestações violentas.

A pesquisa realizada por VOLPI (1997), a partir de dados coletados entre outubro de 1995 e abril de 1996, provenientes das próprias instituições estaduais em todos os estados brasileiros, demonstrou haver 4245 adolescentes privados de liberdade no Brasil, naquele momento, dos quais 2090 (49,2%) eram do estado de São Paulo. A pesquisa de BRANDÃO (2000) sobre a distribuição socioespacial de adolescentes infratores e sua relação com nível de exclusão social na cidade de São Paulo confirma o aumento do número de internações.

Na região nordeste do interior do Estado de São Paulo, localiza-se a cidade de Ribeirão Preto, a 313 km da capital. De acordo com o último censo demográfico¹³, o município conta com uma população de 504.923 pessoas, sendo que, deste total, aproximadamente, 70.000 são jovens com idades entre 15 e 19 anos.

No período entre 01/10/97 a 01/10/98, foram encaminhados para a Unidade Educacional 3 (UE3), de Ribeirão Preto, 972 jovens, sendo 483 designados *primários* na medida de internação e 489 designados *reincidentes*, e no período de

¹² Em 25 de outubro de 1999, explodiu uma rebelião numa das unidades da FEBEM em São Paulo, onde monitores foram feitos reféns, adolescentes foram espancados, mortos e carbonizados por outros adolescentes. Momentos violentos das tentativas de negociação foram filmados pelos canais de televisão e retransmitidos em cadeia nacional.

¹³ Fundação SEADE e Censo Demográfico IBGE 2000

01/10/98 a 01/10/99, foram internados 969 adolescentes, sendo 455 *primários* e 514 *reincidentes*¹⁴.

Considerando-se: o elevado número de internações por ano na FEBEM-RP; a ineficiência das propostas no atendimento a adolescentes em conflito com a lei; a visão estigmatizada da sociedade sobre eles; e o modelo uniformizante das políticas públicas que não têm contemplado suas peculiaridades, propôs-se este estudo, que privilegia o ponto de vista dos adolescentes, com o **objetivo de caracterizar a vida cotidiana desses jovens; de identificar as percepções, concepções e crenças sobre as experiências vividas; e investigar as propostas de mudanças que possam subsidiar trabalhos que visem facilitar o processo de inclusão social de adolescentes que praticaram delito.**

¹⁴ O número de *reincidentes* pode apresentar uma variação de 10% para mais ou para menos, pois quando ocorre uma fuga e o adolescente é capturado, essa entrada é contada, mas não representa na realidade uma reincidência de ato delituoso (Dados fornecidos pela própria Unidade).

2. O CAMPO DE ESTUDO

2.1. Localização da Instituição

A Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor em Ribeirão Preto (FEBEM-RP) existe desde 1975 e localiza-se na rodovia Mário Donegá, km 2, entre Ribeirão Preto e Dumont, municípios do interior de São Paulo.

2.2. A Entrada em Campo

O NEPDA iniciou seus primeiros contatos com a FEBEM-RP em setembro de 1997. A partir de fevereiro de 1998, começou a desenvolver um trabalho para promoção de saúde, com uma equipe composta por nove integrantes que foi subdividida em pequenos grupos para atender inicialmente aos adolescentes do Pavilhão 7.

O início das atividades foi marcado pelo apoio dos dirigentes da FEBEM-RP mas também pelas dificuldades de infra-estrutura básicas para o desenvolvimento das mesmas.

No decorrer dos meses, foi possível observar mudanças significativas no cotidiano da própria instituição. Como exemplo disso pode-se citar: a reforma de uma sala que se encontrava desocupada, sem iluminação e sem instalação elétrica

que foi adequada para a realização das “Oficinas para promoção de Saúde” com os jovens.

O NEPDA também trabalhou com coordenadores e monitores desenvolvendo “Oficinas para trabalhos com jovens”, desde fevereiro de 1998, contando inicialmente com a adesão de uns poucos funcionários. O número de participantes foi crescendo e dobrou no segundo semestre. Com o aumento da demanda, abriu-se um novo horário de trabalho para atender ao novo grupo.

Pode-se citar, ainda, a ocorrência de uma negociação pacífica na qual os internos do Pavilhão 7 reivindicavam melhores condições de alojamento, quando da sua transferência para outro pavilhão. Ao invés de recorrerem ao habitual “levante” (situação na qual ocorre desde a depredação da instituição até o ateamento de fogo nos colchões e cobertas), decidiram fazer greve de fome até que fossem atendidos pela direção para exporem suas pautas reivindicatórias. A greve não durou mais do que três horas e foram então recebidos. Num clima de respeito e maturidade, segundo o vice-diretor, fizeram suas solicitações: melhores condições de higiene e acomodação, bem como a manutenção de algumas atividades a que tinham direito quando internos no Pavilhão 7, inclusive a continuidade dos trabalhos grupais desenvolvidos pela equipe do NEPDA.

Dessa forma, teve início a ampliação de nossas atividades.

2.3. Caracterização da Instituição

Da estrada, logo à frente da primeira portaria, era possível visualizar uma grande placa azul-claro (atualmente, pintada de amarelo) com as inscrições: UNIDADE EDUCACIONAL 3–FEBEM-SP (UE3). Um longo trajeto asfaltado entre

árvores e vegetação separava a primeira portaria da segunda onde ficavam os guardas que faziam a revista dos carros e dos objetos pessoais, como bolsas e pastas, das pessoas autorizadas a entrar. Dessa portaria avistava-se o prédio da administração. O estacionamento em frente ao prédio era amplo e possuía jardins. Nessa área externa, também existia um local para o cultivo de verduras (horta).

No prédio da administração ficavam a sala da Diretoria, o consultório dentário, a sala da enfermagem, da equipe técnica (psicólogas e assistentes sociais) e outra que continha a documentação processual e arquivos. No prédio da administração também ficavam guardados os pertences de cada adolescente que era interno (documentos, dinheiro, relógio, etc). O setor pedagógico ficava na parte de trás da Unidade, ao lado das salas de aula.

Fora da construção central (pavilhões e prédio da administração) estavam o campo de futebol (“Canindé”) e a piscina que se encontrava fora de uso há anos.

A UE3 recebia jovens de 12 a 18 anos que tivessem praticado ato infracional nesse município ou região, ou ainda, jovens autores de delito em situação de risco para suas vidas em outras unidades da FEBEM de São Paulo, por designação judicial.

2.4. Sobre as características estruturais e funcionais da UE3

Em 1998¹⁵, a instituição contava com sete pavilhões com capacidade prevista para abrigar 120 jovens, tendo no entanto, 180 internos.

Possuía duas Unidades de Atendimento Provisório denominadas UAP4 que incluíam o Pavilhão 7 (para *internos primários*¹⁶) e os Pavilhões 1 e 2 (para *internos*

¹⁵ Considerei importante as descrições sobre o campo de estudo no ano de 1998 para ilustrar as sucessivas mudanças referidas pelos entrevistados no ano de 1999 (ano em que se realizou a coleta de dados).

reincidentes). Estas unidades constituíam-se em locais de espera para determinação judicial que, num prazo de até 45 dias, determinava a permanência ou não, desses internos na instituição.

Após a determinação judicial, os jovens eram então desinternados por falta de provas contundentes ou permaneciam na instituição sendo, então, redistribuídos para os demais pavilhões, denominados Unidades Educacionais (UE3). Eram eles: os pavilhões 3, 4, 5 e 6.

No Pavilhão 6 permaneciam os jovens designados *primários*. Os pavilhões 6 e 7 possuíam um pátio em comum com quadra para futebol, uma quadra coberta para vôlei, mesa de sinuca, além de um amplo refeitório. Somente o Pavilhão 1 possuía a mesma disposição física que os Pavilhões 6 e 7. Os demais apresentavam pátios muito menores. Os *reincidentes* eram distribuídos entre os pavilhões 3, 4 e 5.

O Pavilhão 5 era denominado “seguro”, termo utilizado para designar o local onde os jovens ficavam isolados para sua própria proteção, tanto para impedir confrontos com internos de outros pavilhões por divergências anteriores, como para não expô-los a maus tratos gratuitos nos pavilhões para os quais haviam sido designados originariamente.

Os pavilhões eram separados com muros e portões, mas existia livre acesso à parte de trás da instituição onde ficam (até hoje) as salas de aula (inclusive as de informática e artes plásticas) além das oficinas de marcenaria e mecânica. O estado de conservação era precário e em alguns pontos podia-se sentir o mau cheiro oriundo

¹⁶ A denominação que divide os adolescentes internos em *primários e reincidentes* foi adotada para designar, respectivamente, aqueles que praticaram ato infracional pela primeira vez e aqueles que reincidiram em atos delituosos. Entretanto, sabe-se que muitos adolescentes são considerados “primários” somente na aplicação da medida, pois já tinham se envolvido em atos delituosos antes da internação.

dos encanamentos dos banheiros. As paredes internas e os muros estavam sujos e com bastante escritos e desenhos feitos pelos adolescentes.

2.5. Sobre a rotina na UE3 em 1998

As refeições eram preparadas na própria Unidade e servidas num amplo refeitório que permanecia fechado à chave e protegido por grades. Antes de cada refeição, os adolescentes formavam uma fila e rezavam. Após o ritual, tinham acesso à comida. Ao final das refeições, os pratos, canecas e colheres eram entregues para lavagem.

Nos quartos (ou “barracos”, como são denominados pelos jovens), não havia portas, nem armários. Apenas o colchão sobre uma estrutura de alvenaria, roupas de cama e banho. Os quartos não possuíam iluminação, nem janelas, chegando a acomodar, nos períodos de superlotação, até dois adolescentes, sendo que um dormia com o colchão no chão.

Ao serem internos, recebiam uma bermuda jeans, uma camiseta de algodão branca e um par de chinelos de borracha. As roupas pessoais eram recolhidas a cada três dias para lavar e, durante este período, muitos adolescentes ficavam com a roupa suja e mau cheirosa.

A limpeza dos pavilhões era feita pelos próprios internos, diariamente, através de escalas, sempre após o almoço.

Produtos de higiene pessoal (como pasta de dentes, papel higiênico, sabonete, desodorante e aparelho de gilete para a barba) precisavam ser solicitados para os monitores.

Pequenos grupos de internos eram encaminhados diariamente às salas de aula,

oficinas de mecânica e artesanato, permanecendo , no máximo, 1 hora em cada atividade proposta.

Desde a nossa entrada, embora não tivessem ainda um projeto consistente e adequado ao que se espera de uma Unidade Educacional, não se observavam os maus tratos físicos, referidos constantemente pela mídia e pelas pesquisas, tal como ocorrem em outras unidades de São Paulo.

Durante o ano de 1999, muitas alterações aconteceram, incluindo a estrutura física, parte administrativa e a rotina da unidade. Outras alterações poderão ser acompanhadas através dos relatos e descrições subseqüentes.

2.6. O acesso ao campo

No ano anterior à coleta de dados, a presença da equipe causou estranhamento em todos que viviam e conviviam na instituição. Aos poucos, esse sentimento foi cedendo lugar à construção de vínculos saudáveis e duradouros. Nos primeiros dias na UE3, a sensação era de reconhecimento das pessoas e do local. Éramos observados e observávamos, mas o clima de respeito mútuo sempre esteve presente e somente nossa assídua permanência em campo poderia permitir a fidedignidade dos relatos cedidos.

O que no começo estava restrito à observação, ampliou-se para a participação. Pode-se dizer que, nesta ocasião, a equipe já era considerada “íntima” e digna da confiança de funcionários e internos. Uma das etapas mais importantes do trabalho havia sido ultrapassada. Rompia-se o formalismo e passávamos a compreender, paulatinamente, a dinâmica institucional.

Somente com esse tipo de inserção da equipe do NEPDA, na UE3, é que foi possível a realização deste estudo. Após um ano, como uma das coordenadoras das “Oficinas para promoção de saúde”, tanto com os adolescentes internos, como com os funcionários, tinha definido meus objetivos para a realização deste trabalho, que, por sua vez, só poderiam ser alcançados pela metodologia qualitativa. Este tipo de investigação distingue-se da abordagem quantitativa pelo cunho descritivo, pela preocupação com o processo e não simplesmente com os resultados e pelos significados atribuídos pelos sujeitos, que assumem importância vital (TRIVIÑOS, 1992; BOGDAN & BIKLEN, 1994)

3. METODOLOGIA

3.1. A abordagem teórico-metodológica

Na investigação qualitativa, a palavra *teoria* é utilizada de várias maneiras (BOGDAN & BIKLEN, 1994). Neste estudo, sua utilização foi semelhante ao modo como é empregada em sociologia e antropologia, ou seja, semelhante ao termo *paradigma*. Segundo GUBA E LINCOLN (1994) “os paradigmas são como um sistema de crenças básicas que guiam o investigador” (p. 105). Essas crenças básicas dizem respeito aos princípios e pressupostos sobre: a) a natureza da realidade investigada (pressuposto ontológico); b) sobre o modelo de relação entre o investigador e o investigado (pressuposto epistemológico); c) sobre o modo em que podemos obter conhecimento da dita realidade (pressuposto metodológico).

Assim como em qualquer outro paradigma, há de se pensar, além da questão do método, também, nos aspectos ontológicos e epistemológicos (GUBA E LINCOLN, 1994) que devem estar interrelacionados de maneira coerente de modo a se constituírem em um guia para o investigador durante toda a pesquisa (VALLES, 1997; GUBA E LINCOLN, 1994).

A opção para a realização deste estudo foi pela metodologia qualitativa, com abordagem interpretativista, cujas origens heterogêneas encontram-se na tradição intelectual alemã da hermenêutica, na tradição em torno do conceito de compreensão

verstehen) em sociologia e na fenomenologia social de Alfred Schutz, numa oposição ao positivismo clássico (SCHWANDT, 1994).

Na sociologia compreensiva, Dilthey e Weber defendem “....a compreensão e a inteligibilidade como propriedades específicas dos fenômenos sociais, mostrando que o SIGNIFICADO E A INTENCIONALIDADE os separam dos fenômenos naturais” (MINAYO, 1998: p.50). A prioridade é a compreensão da realidade humana vivida socialmente, não havendo preocupação em quantificar ou em explicar a causalidade dos fenômenos como na perspectiva positivista (TRIVIÑOS, 1992; SILVA, 1998; MINAYO, 1998).

Contra os princípios do positivismo, Max Weber nos diz “....que as realidades sociais são construídas nos significados e através deles e só podem ser identificadas na linguagem significativa da interação social. Por isso, a linguagem, as práticas, as coisas e os acontecimentos são inseparáveis” (MINAYO, 1998) p. 51.

Sob a perspectiva interpretativista de Denzin, assim como na fenomenologia sociológica de Schutz, destaca-se a vida cotidiana dos sujeitos, onde o homem se situa com suas angústias, sentimentos e sofrimentos com seus semelhantes (SCHWANDT, 1994).

Assim, a atenção fica voltada para a captura do ponto de vista dos atores sociais, privilegiando os aspectos conscienciais, a subjetividade entre o sujeito e o pesquisador e os significados atribuídos pelos atores num determinado contexto (TRIVIÑOS, 1992; VALLES, 1997). São, pois, pontos de vista específicos e “....cada estudo traz uma versão possível para os fenômenos investigados” (SILVA, 1998: p. 166). Em outras palavras, vale dizer que, no paradigma adotado, a natureza da realidade é múltipla e, portanto, relativizada (pressuposto ontológico), e que,

epistemologicamente, o conhecimento é uma suposição subjetiva, criado na interação entre investigador e investigado.

Desse modo, todo o processo de conhecimento na investigação social acaba permeado pelas diferentes visões de mundo, tanto dos atores sociais como do pesquisador que, por sua vez, também acaba nessa interação social, sendo parte da observação (MINAYO, 1998).

Dentro dessa abordagem, o processo é mais importante do que os resultados, não se busca a verdade única, explicações causais ou generalizações e os fenômenos são únicos do mesmo modo como são apreendidos e interpretados.

No interpretativismo de Denzin, a ação hermenêutica repousa o acento no sujeito e suas interações, ou ainda na dialética entre ele e o mundo em que vive, mas sempre privilegiando sua voz. As influências macrossociais ou econômicas não são negadas, ao contrário, admite-se que a macroestrutura modifica e é modificada pelos sujeitos, mas não se constitui, aqui, a tônica principal.

3.2. Os instrumentos da coleta de dados

A entrevista com roteiro semi-estruturado constituiu-se no principal instrumento de coleta de dados sendo complementada por notas de campo com observações e reflexões realizadas por mim sobre as expressões verbais e as ações dos entrevistados, segundo sugerem TRIVIÑOS (1992) e BOGDAN & BIKLEN (1994).

A entrevista permite a obtenção de respostas de maior profundidade e espontaneidade, além de favorecer o tratamento de temas complexos (CEA D'ANCONA, 1996). Segundo Jahoda, 1951 apud MINAYO (1998)

“... a entrevista fornece dados secundários e primários, referentes a fatos, idéias, crenças, maneira de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de sentir; maneiras de atuar; conduta ou comportamento presente ou futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas crenças, sentimentos, maneiras de atuar ou comportamentos” p. 108

O roteiro semi-estruturado foi construído contendo temas e subtemas que contemplam os objetivos da investigação, além de servir como guia para os questionamentos a serem feitos a cada entrevistado. Sua estrutura foi elaborada com base na literatura sobre como formular questões de modo a capturar a fala espontânea dos participantes (LODI, 1991; BOGDAN & BIKLEN, 1994; CEA D’ANCONA, 1996). Além disso, nas entrevistas com roteiro semi-estruturado têm-se melhor condição de comparar os dados entre os sujeitos do que nas entrevistas abertas (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

Utilizei transcrições de sessões grupais e diários de campo como instrumentos complementares para a coleta de dados. As sessões grupais faziam parte do trabalho de extensão de serviços à comunidade desenvolvidas pelo grupo NEPDA. As transcrições dessas sessões eram realizadas logo após o término das oficinas dirigidas aos jovens (segundo roteiro padronizado – ANEXO F) que foram coordenadas por vários membros do grupo. Selecionei aquelas cujo conteúdo trabalhado diziam respeito aos objetivos a serem alcançados nesta pesquisa para serem analisadas posteriormente com o restante dos dados coletados.

O diário de campo consistiu no registro de eventos relevantes durante todo período de coleta de dados, ou seja, durante as entrevistas com os sujeitos, nas sessões grupais realizadas pela equipe, nas quais estive presente respaldando bolsistas e estagiários e nos eventuais encontros com a equipe técnica da FEBEM.

Fizeram parte do diário de campo: anotações de natureza descritiva e reflexiva (BOGDAN & BIKLEN, 1994; TRIVIÑOS, 1992). As de natureza descritiva compreenderam: data, hora, local, temas trabalhados, além das expressões verbais e ações dos sujeitos; as de natureza reflexiva continham meus comentários mais subjetivos a respeito dos sentimentos, problemas, idéias e impressões.

Para os investigadores qualitativos, as notas de campo são uma forma de limitar os enviesamentos dos pesquisadores (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

Foi com esse objetivo que me servi de instrumentos complementares e do cruzamento de outros pontos de vista de outros pesquisadores da equipe para minimizar meus vieses.

3.3. Participantes

Foram sujeitos deste estudo 11 internos do sexo masculino, com idades entre 15 e 18 anos e 6 funcionários da referida instituição.

Os 6 funcionários entrevistados possuem nível superior completo e estavam na FEBEM-RP há um tempo que variava de 8 meses a 24 anos. Desempenhavam suas funções nas equipes diretiva, técnica, de coordenadoria e de monitoria.

Inicialmente, o número de sujeitos previsto para este estudo era de 16 internos (8 reincidentes e 8 primários¹⁷ na medida de internação) e um total de 8 funcionários.

Considerando-se que o critério de amostragem para análise qualitativa dos dados não é numérico, o número de participantes foi alterado, pois como afirma MINAYO (1994) “a amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade

¹⁷ Um dos objetivos iniciais deste estudo era o de comparar as opiniões de adolescentes primários e reincidentes. No entanto, entendeu-se que essa *primariedade* refere-se somente à medida de internação, não sendo sinônimo de *primeiro ato infracional praticado*, como se pensava Segundo os adolescentes, “*eles tiveram a sorte de não serem pegos antes*”.

do problema investigado em suas múltiplas dimensões”. (p. 43), utilizando-se a reincidência dos dados como critério para cessar a coleta de dados.

3.4. Procedimentos éticos para inclusão dos sujeitos no estudo

Para os internos:

Foi concedida autorização (em anexo), por escrito, para este estudo, através da diretoria da FEBEM-RP, da Promotoria Pública e da Vara da Infância e Juventude de Ribeirão Preto, uma vez que, os adolescentes em questão encontravam-se privados de liberdade e estavam sob custódia destes responsáveis legais.

Eu fazia o convite para a participação do trabalho, esclarecendo os objetivos e métodos do estudo através do rapport (ANEXO A), segundo as “Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos” (Ministério da Saúde, 1997). Esclarecia também que as entrevistas seriam gravadas, sendo resguardado o anonimato, sem repercutir em qualquer sanção para aqueles que não quisessem participar voluntariamente.

Foram incluídos os adolescentes pertencentes à faixa adotada para o estudo, internos na instituição e que tivessem, voluntariamente, aceito participar do estudo, permitindo a gravação das entrevistas, bem como a publicação dos dados, garantido o anonimato.

Para os funcionários:

O convite (ANEXO B) era feito por escrito, entregue pessoalmente e continha os objetivos e métodos que seriam empregados na pesquisa. Estava explícita a voluntariedade da participação, sem que houvesse qualquer prejuízo para aqueles que não aceitassem participar.

Foram incluídos aqueles que aceitaram livremente fazer parte deste estudo, que estavam trabalhando regularmente na instituição e que permitiram a gravação das entrevistas e publicação dos dados, resguardado o anonimato.

3.5. Procedimentos para coleta de dados

Para os internos:

A escolha dos participantes foi intencional, baseada na disposição do jovem para falar sobre os temas eleitos para este estudo e no interesse e falas significativas observadas no contato com os adolescentes.

Na época da coleta de dados, a presença da equipe do NEPDA na instituição, já fazia um ano, o que facilitou a construção do roteiro semi-estruturado (ANEXO C), sendo possível verificar a adequação da linguagem pelo bom entendimento por parte dos entrevistados durante a aplicação de duas entrevistas-piloto.

Antes das entrevistas, agendávamos um horário que não viesse a interferir ou coincidir com qualquer atividade na qual o adolescente estivesse previamente inserido.

As entrevistas foram realizadas, individualmente, utilizando-se um pequeno gravador e fitas de audiocassete. Os primeiros momentos eram destinados à descontração nos quais o adolescente entrevistado poderia fazer algumas gravações de sua voz e ouvi-la em seguida. Não havia um lugar fixo e o tempo estimado para cada entrevista era de aproximadamente 1 hora.

Ao final, agradecia e me oferecia para esclarecer quaisquer dúvidas.

As entrevistas foram transcritas integralmente, segundo as normas de transcrições propostas por PRETI (1993), em anexo, preservando-se as características

originais da fala, tais como gírias, hesitações, erros gramaticais, risos, pausas ou outros acontecimentos, para análise posterior dos dados (MINAYO, 1998).

Para os funcionários:

Nesse caso, foram selecionados os sujeitos mais sensibilizados com o trabalho desenvolvido pelo NEPDA, reconhecidos por mim, através da aproximação destes, para esclarecimentos e/ou colaboração sobre o trabalho da equipe.

As duas entrevistas-piloto foram realizadas com base no roteiro semi-estruturado (ANEXO D), não havendo necessidade de reformulações. Todas as entrevistas foram feitas individualmente e gravadas em fita de audiocassete mediante consentimento informado (ANEXO E).

Os agendamentos foram feitos no horário e local convenientes aos participantes. Com exceção de uma, realizada na Universidade, as entrevistas aconteceram na própria instituição.

O tempo de duração para cada uma foi de aproximadamente 40 minutos. Ao final, também agradecia e me colocava à disposição para possíveis esclarecimentos.

As entrevistas foram transcritas segundo as mesmas normas descritas anteriormente.

3.6. A saída do campo

Em dezembro de 1999, minhas idas à FEBEM-RP aconteciam uma vez por semana e foram rareando até o Natal, quando então, toda equipe se despediu. Foi um momento muito difícil, vários sentimentos se contrapondo. Havia a necessidade de criar um certo distanciamento para proceder com as etapas subseqüentes do trabalho

pressionada pelo apelo dos adolescentes para que não nos esquecêssemos deles. Como se isso fosse possível.....

Mesmo dizendo que voltaríamos para visitas esporádicas, não parecia o bastante. Talvez, nem para eles e nem para nós.

Retornei em fevereiro de 2000 para uma visita e, em março, realizei minhas duas últimas entrevistas. Ao sair, ainda passei no setor administrativo para conferir as datas de internação e saída da Unidade de alguns dos entrevistados, pois os adolescentes não tinham certeza das mesmas.

Sair, foi novamente difícil. Só consegui quando me percebi movida pela responsabilidade em tentar devolver as perguntas feitas com a realização do trabalho.

3.7. Procedimento para a análise dos dados

Na abordagem qualitativa, a análise dos dados pode ocorrer à medida em que estes vão sendo recolhidos. É interessante que assim ocorra, pois algumas dúvidas, quando existentes, podem ser retiradas, uma vez que ainda há acesso ao campo e aos entrevistados. E desse modo, procedi.

O contato permanente com o material coletado não impediu, entretanto, que eu me surpreendesse com a quantidade de dados recolhidos ao final do trabalho de campo. Era muito material.

Iniciei a pré-análise, como sugerida por MINAYO (1998), com a ordenação de todos os dados obtidos:

- as transcrições das fitas de audiocassete das 17 entrevistas;
- a releitura do material;

- a organização dos relatos, registros de campo e transcrições das sessões grupais, como início de um processo classificatório. Esta fase forneceu uma visualização horizontal dos dados.

Do ponto de vista dialético, o processo de classificação é feito a partir do material recolhido não perdendo de vista os pressupostos teóricos assumidos. Assim, prossegui fazendo uma leitura exaustiva e repetida dos textos com o objetivo de apreender as idéias centrais e relevantes dos atores sociais, tentando transmitir, como é denominado por MINAYO (1998), os “momentos chaves de sua existência”. Ou ainda, segundo DENZIN (1994), “tentando iluminar os momentos de crises que ocorrem nas vidas dos sujeitos”, que serviram como balizas no processo interpretativo.

Fazendo parte do processo classificatório, houve a constituição de dois *corpus* de comunicação, referindo-me aqui, aos relatos dos adolescentes e dos funcionários da instituição FEBEM-RP, onde cada um dos grupos forneceu informações específicas sobre o que estava sendo investigado. A partir da leitura transversal do material, iniciei a busca dos temas ou tópicos emergentes (TAYLOR & BOGDAN, 1998) destacando o que era relevante nos textos, através de sínteses coincidentes e divergentes de idéias (TRIVIÑOS, 1992), para a elaboração de categorias empíricas que, por sua vez, foram confrontadas com as categorias teóricas, num processo dialético entre ambas. Para MINAYO (1998), essa primeira classificação geral pode ser comparada a gavetas, “ onde cada assunto, tópico ou tema é cuidadosamente separado e guardado” (p. 236).

As falas dos funcionários foram utilizadas para complementar as falas dos adolescentes, cuja apresentação simultânea teve o objetivo de conferir ênfase ao que

estava sendo abordado.

Após realizar os recortes, iniciei o aprofundamento das idéias trabalhadas, desde a etapa de pré-análise, abrindo perspectivas para compreensão dos fenômenos sociais que eram analisados, cotizando-os com diferentes possibilidades de interpretações.

Desse modo, nas análises dos dados, não parti de uma “teoria específica” para realizar os recortes, mas de suposições e pressupostos advindos da minha visão de mundo como pesquisadora, reunidos a outras teorias coerentes com a visão de mundo e abordagem teórico-metodológica adotadas neste estudo, com o objetivo de expandir a compreensão (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

4. A VIDA CONCRETA DOS JOVENS

As páginas que se seguem contêm os dados sobre a vida concreta dos adolescentes entrevistados. À vida concreta correspondem as informações sobre os dados sociodemográficos, os dados familiares e/ou afetivos e os dados referentes à prática de atos infracionais, acrescidos das análises de relatos que iluminam os momentos críticos da vida dos sujeitos. Juntos compõem uma caracterização geral do grupo estudado.

Em função da quantidade de informações, os dados obtidos nas entrevistas individuais e as anotações realizadas em diários de campo foram compilados em formato de quadros que contêm:

- ◆ **Quadro 1:** os dados sociodemográficos, as informações referentes ao grau de escolaridade, repetências e o tempo que referem ter parado de estudar; (p. 46)
- ◆ **Quadro 2:** os dados referentes às funções e ocupações dos pais e outros familiares; a idade, a ocupação e o número de filhos dos irmãos; e a existência de namorada e/ou filhos; (p. 59)
- ◆ **Quadro 3:** os dados relativos aos atos infracionais cometidos, atribuídos e/ou assumidos e seus códigos, o número de passagens pela instituição, visitas que recebem e o tempo de internação desde o último delito praticado, atribuído e/ou assumido. (p. 67)

Quadro 1. Dados sociodemográficos e referências escolares

Adolesc/ e Data da entrevista	Idade	Local de Nasc.	Local onde morava	Com quem morava	Tipo de moradia	Escolaridade	Sabe ler e escrever	Repetências na escola	Quando parou de estudar?
E1 Mar/99	16	Ribeirão Preto/SP	Ipiranga	Mulher e a filha	Casa própria cedida pela sogra	4ª série do E. Fundamental	Sim	2 vezes a 4ª série	Há 3 anos
E2 Abril/99	17	Ribeirão Preto/SP	Ipiranga	Mãe, padrasto e 2 dos 7 irmãos	Casa de aluguel	7ª série do E. Fundamental	Sim	Não	Há uns 2 anos e meio
E3 Julho/99	16	Ribeirão Preto/SP	Jandaia	Colegas na favela	Os pais possuem casa própria	8ª série do E. F. (não concluiu)	Sim	1 vez a 2ª série	Há 2 anos
E4 Ago/99	18	Ribeirão Preto/SP	Parque São Sebastião	Mãe e irmãos	A mãe possui casa própria	6ª série do E. Fundamental	Sim	1ª e a 3ª séries	Há 3 anos
E5 Out/99	18 ↑ em 07/07/00	Barueri/ SP	Vila Virgínia	Sozinho	Casa própria . Imóvel construído num terreno de propriedade da mãe e tios maternos	6ª série do E. Fundamental	Sim	2ª série	Há 5 anos
E6 Out/99	18	Ribeirão Preto/SP	Jandaia	Colegas na favela (desde 14a)	Os pais possuem casa própria	6ª série do E. Fundamental	Sim	Não	Há 4 anos
E7 Nov/99	16	Ribeirão Preto/SP	Ituverava	Mãe, pai e 2 dos 11 irmãos	Tem casa própria (atualmente alugada p/ 1 filha). Moram numa fazenda	2ª série do E. Fundamental	Não	2ª série	Há 6 anos
E8 Nov/99	15	Ribeirão Preto/SP	Parque Ribeirão	Pai, mãe e 5 irmãos	Casa própria	5ª série do E. Fundamental	Sim	Sempre que foi internado na Febem	Há 1 mês e 20 dias
E9 Fev/00	17	Ribeirão Preto/SP	Planalto Verde	Pai/ madrasta e 2 filhos dela	Casa própria	2º ano do Ensino Médio	Sim	Não	Há 1 ano
E10 Mar/00	16	Ribeirão Preto/SP	Ipiranga	Mãe, pai, avó paterna, 2 tias e 2 irmãos	Casa própria	6ª série do E. Fundamental	Sim	2ª série e a 3ª série (2 vezes)	Há 2 meses e 5 dias
E11 Mar/00	16	Lorena/SP	São Joaquim da Barra	Irmão, cunhada e o sobrinho	Casa de aluguel (irmão)	5ª série do Supletivo	Sim	Não	Há 3 meses

Quadro 2. Dados sobre o grupamento familiar/ Namorada e filhos

	Trabalho dos pais/ familiares	Irmãos		Namorada e/ou filhos
E1	Pai – preso (por tráfico) Mãe – E1 não sabe informar. Ela constituiu outra família e mudou-se de Ribeirão	Irmão- (E1 não sabe a idade)- morreu num acidente Irmão (22 anos) – está preso (tráfico) Irmã (9-10 anos) mora com a mãe Irmão caçula –(E1 não sabia a idade) - mora com a mãe	Os cinco irmãos são filhos de diferentes mulheres.	“Mulher” e uma filha de 4 meses
E2	Mãe – faxineira Pai: abandonou a família há 13 anos Padrasto– está sem trabalho	3 mais velhos trabalham (E2 não sabe a idade) Irmão (20 anos) Irmão (15 anos) – mora com a mãe Irmã (13 anos) – mora com a mãe Caçula – foi entregue para adoção assim que nasceu	Os oito irmãos são filhos de diferentes homens.	Namora sem compromisso Não tem filhos
E3	Pai – aposentado e faz “bicos” como servente na construção civil Mãe – não trabalha fora	Irmão (23 anos) – mora com os pais Irmão casado (22 anos)– trabalha numa firma Irmã (20 anos) - Irmão (19 anos)– preso 2 vezes por roubo (atualmente, trabalha com o pai)/ tem 1 filha 4a		Namora sem compromisso Não tem filhos
E4	Mãe – empregada doméstica Pai – morreu (problemas cardíacos)	Irmão (15 anos) – interno na Febem Irmã (9 anos) – mora com a mãe		Namorada grávida do 1° filho
E5	Pai – abandonou a família há uns 8 anos Mãe – presa (tráfico) Tios e avó materna – presos (tráfico)	Irmão mais velho (23a) – trabalha numa padaria/ casado/ tem 6 filhos Irmã (22 anos) – trabalha como doméstica Irmã (19 anos) – trabalha como secretária Irmão (16 anos) – interno na Febem (tráfico)/ tem 1 filha menor de 1 ano Irmã (15 anos) – mora com a irmã mais velha		“Mulher” (há dois anos) Sem filhos
E6	Pai – trabalha na Prefeitura Mãe – auxiliar de limpeza na Ceterp / Os pais se separam quando E6 tinha 13 anos	<i>Irmã casada (25 anos) – trabalha numa corretora de seguros</i> <i>Irmã (23 anos) – trabalha como recepcionista</i> Irmão (13 anos) – só estuda, mora com a mãe		Namorada já esteve grávida
E7	Mãe – cozinheira Pai – há 2 meses, trabalha numa fazenda	11 irmãos –E7 não sabe as idades dos irmãos/ 2 trabalham numa firma de asfalto, outro é mecânico e o outro é pintor.		Namora sem compromisso Não tem filhos
E8	Pai – pedreiro Mãe – empregada doméstica	Irmão (26 anos) – casado, trabalha com o pai Irmão (21 anos) – casado Irmão (18 anos) – trabalha como doméstica /tem um filho Irmão (13 anos) – mora com os pais		Namorada grávida
E9	Pai – trabalha no Daerp (constituiu outra família) Mãe – empregada doméstica (constituiu outra família)	Irmão (19 anos) – só estuda Irmã (16 anos) – só estuda	Irmão – (13 anos) – com a mãe Irmão – (4 anos) – com a mãe	Namorada grávida de 3 meses

E10	Pai – açougueiro Mãe - limpeza pública (Prefeitura)	Irmão (18 anos) – trabalha com o pai Irmã (11 anos) – só estuda Tia – trabalha como empregada doméstica	Namorada fixa
E11	Pai – metalúrgico (constituiu outra família) Mãe – não trabalha fora (constituiu outra família)	Irmã (24 anos) – não trabalha fora Irmão (23 anos) – garçom Irmão (19 anos) – mecânico	<i>Namora sem compromisso</i> Não tem filhos

Quadro 3. Atos infracionais e seus códigos/ Dados institucionais/Data da realização da entrevista

	Atos infracionais Cometidos Atribuídos/ Assumidos		Código dos delitos cometidos	No. de passagens pela instituição	Recebe visitas na instituição?	Tempo de internação até a data da entrevista
E1	1. Porte de Arma 2. Roubo 3. Assalto à mão armada		1. Lei 9437/97 Art.10 2. Art. 157§2° inc. III 3. Art. 157§2° inc. I	3	Não	5 meses
E2	1. Roubo 2. Tráfico 3. Tráfico		1. Art. 157 2. Lei 6368/76 Art.12 3. Lei 6368/76 Art.12	3	Raramente da mãe	10 meses
E3	1. Assalto à mão armada 2. Assalto à mão armada		1. Art. 157§2° inc. I 2. Art. 157§2° inc. I	2	Mãe, irmã e do irmão que saiu da cadeia	3 meses
E4	1. Tentativa de homicídio 2. Tráfico e Porte de arma 4. Homicídio	3. Acusado de homicídio	1. Art. 121 2. Lei 6368/76 Art.12 e Lei 9437/97 Art.10 4. Art. 121	4	Mãe Namorada	4 meses
E5	2. Dupla tentativa de homicídio 3. Tráfico	1. Acusado de homicídio 4. Assumiu homicídio cometido por um maior de 18 anos	1. Art. 121 2. Art. 121 3. Lei 6368/76 Art.12 4. Art. 121	4	Irmã (22 anos) Irmã (15 anos) Namorada	10 meses
E6	1. Roubo 2. Assalto à residência 3. Homicídio		1. Art. 157 2. Art. 150 3. Art. 121	3	Mãe Namorada	3 meses
E7	1. Roubo 2. Latrocínio 3. Roubo 4. Tráfico		1. Art. 157 2. Art. 157 § 3° 3. Art. 157	4	Não	2 meses

			4. Lei 6368/76 Art.12			
E8	1.Furto (boné) 2.Furto (caminhão) 4.Roubo (carro)	3. Acusado de roubo	1. Art. 155 2. Art. 155 3. Art. 157 4. Art. 157	4	Pai, mãe e da irmã	1 mês e 20 dias
E9		Assumi um latrocínio sob ameaça policial	1. Art. 157 §3º	1	Pai e mãe	3 meses
E10		Acusado de roubo	1. Art. 157	1	Pai, mãe e irmãos	2 meses e 5 dias
E11	1. Latrocínio		1. Art. 157 §3º	1	Mãe (1 vez/mês)) Pai (às vezes)	3 meses

4.1. Sobre a vida cotidiana dos jovens entrevistados

O grupo estudado foi constituído por onze jovens com idades entre 15 e 18 anos que moravam, antes da internação, em conjuntos populares em bairros da periferia de Ribeirão Preto, com exceção de E11 (16 anos) e E7 (16 anos) que eram procedentes de outras cidades do interior do Estado de São Paulo. Sete moravam com familiares, E3 (16 anos) e E6 (18 anos) moravam com colegas numa favela do município, E1 (16 anos) com a mulher, e E5 (18 anos), sozinho.

Lamentavelmente, dos adolescentes que colaboraram para a realização deste estudo, E5 foi assassinado por “colegas”, em 07 de julho de 2000, seis dias antes da comemoração dos “Dez anos do ECA”. E2 foi preso e encaminhado para a penitenciária da comarca de Ribeirão Preto, acusado de tráfico de drogas por portar pequena quantidade de maconha dentro do tênis ao retornar para a instituição após liberação para visita à família. Por ocasião da prisão, E2 já havia completado 18 anos.

Sempre soube que os resultados deste estudo não chegariam às mãos de todos os entrevistados. Os próprios adolescentes acreditavam que suas opiniões poderiam ser úteis para outros que não só eles mesmos. Ao mesmo tempo em que recebia a notícia da morte de E5, tinha viva a lembrança da espontaneidade e das expectativas desse jovem para o futuro. Reviver emoções dessa natureza tornou o processo de análise bastante penoso.

Apesar de nove adolescentes referirem possuir casa própria, vale destacar que o sentido da “casa própria” aqui é bastante distinto daquele atribuído por pessoas da classe média.

Certa vez, tive a oportunidade de conhecer a casa de um ex-interno. Era

aniversário dele e a equipe do NEPDA compareceu levando bolo, refrigerantes e salgados. Depois de muito rodarmos, devido à distância, chegamos à casa. Fomos muitíssimo bem recebidos e apresentados aos nove familiares que habitavam os dois cômodos de chão de terra batida, cobertos com material sucateado, em terreno invadido. Além do tipo de moradia, fica clara a fragmentação geográfica da cidade que, para MELLO (1999)

“...implica também na fragmentação das ocupações e funções e corresponde à aquisição de uma identidade problematizada pelo forte sentido de discriminação, vivido diariamente sob a forma de humilhação que situa seus integrantes, em relação ao poder, como cidadãos de segunda categoria” (p 133).

A fala contundente de E1 (16 anos) dá um exemplo da concretude do que é se sentir um “cidadão de segunda categoria”.

.....não tenho revolta de nada..... mágoa de nada.....apenas parti para a vida do crime....né senhora...//...aí eu mudei pro Ipiranga....onde só tem coisa que não presta...aonde eu moro ali....só tem coisa que não presta...pode ter uns lugar assim....que é melhor....mas aonde eu moro...só tem coisa que não presta....é droga...é muié ((referindo-se às profissionais do sexo))....é viado.....é uma pá de gente....tudo que não presta....não tem nada pra falar que eu sou revoltado da vida.....”

E1 (16 anos)

Apesar de negar, o sentimento referido por E1 vem acompanhado de revolta pela percepção de si em relação a outros segmentos sociais que desqualifica, seja pelas ocupações que desempenham ou pela orientação afetivo/sexual. Parece atribuir

a eles um outro *status* que os coloca, em relação à sociedade, num mundo inferior ou apartado, ao mesmo tempo em que se refere parte dele. A discriminação é mediadora da exclusão (JODELET, 1999) e pode acarretar conseqüências desastrosas na aquisição da identidade. Para E1, ela parece forjada pelo sentimento de pertença a um grupo que considera desprezível e que habita um local geograficamente “de segunda”.

No **Quadro 1**, observa-se ainda a baixa escolaridade dos adolescentes e a interrupção dos estudos há alguns anos. Com exceção de E9 (17 anos) que atingiu o 2º ano do Ensino Médio, os demais não chegaram a concluir o Ensino Fundamental e E7 (16 anos) não sabe ler nem escrever, embora tenha cursado até a 2ª série.

Ao investigar os motivos pelos quais os adolescentes entrevistados pararam de estudar, encontrei relatos associados às agressões físicas e psicológicas na escola, à expulsão escolar, à desmotivação pela escola, à internação na FEBEM-RP e à necessidade de trabalhar.

Importante ressaltar, que os motivos atribuídos não são únicos, mas ao contrário, se interpenetram e se complementam, sendo permeados por “...recorrentes sinais de exclusão” (ABRAMOVAY et al., 1999 p. 36), podendo um só entrevistado ter atribuído várias razões para a interrupção dos estudos.

O primeiro motivo para terem deixado de estudar está associado às agressões físicas e psicológicas pelas professoras/inspetoras das quais os adolescentes se percebem vítimas, ao recordarem as más lembranças que têm da escola.

“...foi assim ó(..)..eu fui conversar com o muleque assim....e a professora já ó...uma baguiada aqui assim.....((estalou os dedos em direção à orelha)....e aí eu já dei uma cadeirada nela...aí ela me mandou eu expulso... uma semana... e aí eu não voltei mais... até

hoje... eu nunca mais fui na escola...(...)...ela catava assim ó...eu tinha um cabelo grande... ((era puxado pelos cabelos para trás))...e levantava eu lá em cima...e punha eu de castigo atrás da porta...tava **embaçado**¹⁸...por isso que eu não vou mais na escola...é:::....aqui embaixo dói senhora...esses cabelo..gruda aqui ó...e levanta dói....e nas oreia então...torcia tudo....e aí quebrava as oreia dos outro..e isso era direto..não podia fazer nem uma baguncinha...que já tava batendo nos **irmão**.¹⁹..com qualquer um..menos com as menina..menina ela respeitava....não batia....”

(E1, 16 anos)

“..ah:::.....nós entrava((na escola))....só que nós apanhava direto...já mudei de cabeça...já comecei a bagunçar...todo dia ((ia)) pra diretoria....”

(E2, 17 anos)

..ah:::..uma muié...foi socar o dedo na minha cara...eu quebrei o dedo da inspetora de aluno...ela puxou meu cabelo aqui assim ((mostrou a região da nuca))....e já socou o dedo na minha cara....((pergunto por quê?))...ficava um bolo assim no portão...na escada....ficava esperando o sinal.(..) saía todo mundo correndo...e gritando também...todo mundo pequeno né...e eu fui subir correndo...gritando também...e eu gritei “ AI:::..” e ela gritou... “ CALA A BOCA”...- - tinha um monte gritando e ela grudou só eu....só eu **mano**²⁰eu tinha cabelo grande...e aí eu **chapei**²¹... E aí...ela começou a pôr o dedo na minha cara... E aí... Eu quebrei o dedo dela...e ela começou a chorar...e foi lá na diretoria...e eu fiquei suspenso seis dia...e eu já tinha uma suspensão de 3 dia...porque eu tinha batido numa menina ((risos))..(..)...que ela queria furar a fila da cantina....aí...eu já saí **catando**²² a menina....”

(E6, 18 anos)

¹⁸ **Embaçado** : o mesmo que ruim, complicado

¹⁹ **Irmão** : o mesmo que amigo

²⁰ **Mano**: o mesmo que amigo, irmão

²¹ **Chapar**: nesse caso, é o mesmo que ficar nervoso, irritado

A resposta violenta para os maus tratos sofridos ocorre num contexto de desigualdade etária que é percebida pelos jovens quando se autodefinem como “pequenos ou moleques”. A diferença de idades somada às posições ocupadas pela professora/inspetora no contexto institucional parecem legitimar as violências físicas e psicológicas, praticadas contra esses, então meninos, como métodos educativos para manutenção da ordem que culminam em suspensão e/ou expulsão.

A diferença de tratamento dispensado às meninas também pode ser observada nos relatos de E1 e E6 que, por serem do sexo oposto, parecem se sentir como alvos mais suscetíveis de desrespeito e agressão.

“.....não podia fazer nem uma baguncinha...que já tava batendo nos irmão.²³ ..com qualquer um..menos com as menina..menina ela respeitava....não batia....”

(E1, 16 anos)

*“....eu já tinha uma suspensão de três dia...porque eu tinha batido numa menina ((risos))..(..)...que ela queria furar a fila da cantina....aí...eu já saí **catando**²⁴ a menina....”*

(E6, 18 anos)

Segundo os relatos dos adolescentes, a expulsão escolar se dá de forma explícita ou velada. A expulsão explícita pode acontecer como consequência de um processo que foge aos propósitos da educação que se esperaria da escola e assume um modelo com categorias previamente definidas que coloca “bons alunos” de um lado e “ruins” de outro, discriminando ou estigmatizando estes últimos. Qualquer

²² **Catar**: o mesmo que bater, brigar com agressão física

²³ **Irmão** : o mesmo que amigo

²⁴ **Catar**: o mesmo que bater, brigar com agressão física

aluno que saia do padrão esperado pela escola torna-se uma ameaça para ela, ficando assim visado pelos educadores.

“...fui expulso da escola...na oitava série...porque me cataram com droga na escola...senhora.(.)...era só pro meu uso.(.)...me caguetaram....e aí chamaram a polícia...o inspetor foi lá me chamar...e aí cheguei lá embaixo tinha a polícia.(.)...tava só com um carocinho.((pequena quantidade de maconha))...”

(E3, 16 anos)

Mesmo considerando que o porte de droga é um ato ilícito, questiono aqui a inabilidade e o despreparo da escola em abordar o tema de forma menos traumática e escandalosa. Sabe-se que uma das razões para os jovens entrarem em contato com as drogas é a curiosidade (ZALUAR, 1994; PAULINO, 1995), sem que isso necessariamente signifique seu envolvimento com o tráfico.

A expulsão velada pode ocorrer pela insistência da escola em repousar sobre os “maus alunos” o papel de “bode expiatório”.

“...quando faziam alguma coisa..logo vinham acusar eu...porque eu era muito bagunceiro..fazia muita bagunça..e aí...depois minha mãe foi na escola...e conversou comigo...e eu fiquei mais sossegado...voltei pra escola...mas aí...tudo o que acontecia...eles já vinham dizer que era eu...acusar eu...e aí..não dava certo...os moleques aprontavam...e caía tudo em mim...”

(E8, 15 anos)

A expulsão, no caso de E8 (15 anos) fica caracterizada pelas constantes atribuições de indisciplina, mesmo quando E8 refere não estar envolvido nelas, forçando sua desistência dos estudos e conseqüente “saída” da escola. Os relatos dos jovens trazem uma desmotivação pela escola que parece não lhes atrair.

Percebem-se envolvidos em atos de indisciplina, desencadeando brigas com colegas ou a professora como que buscando uma razão para não continuar.

*ah:...porque.....eu...já...tava...bagunçava...brigava...fumava...maconha...arrumava umas **tretinha**²⁵....aí chegou uma hora que eu parei de ir de uma vez...”*

(E2, 17 anos)

“..porque eu ia lá na escola...e aí..eu ficava lá na classe..e eu brigavo com a professora..aí depois..eu pegavo saía da escola..pro pátio...aí..ficavo tomando lanche das molecadinha...brigando.aí tinha vez..que eu NEM ia pra escola...chegava na porta da escola..e já pegavo..outro caminho..encanavo aula...e ficavo fumando uma maconha lá com os moleque...”

(E7, 16 anos)²⁶

“...ah...eu comecei a perder a vontade de ir na escola...porque....eu não fumava muito...umas maconha...eu fumava de vez em quando...mas aí...eu ficava encanando aula.....pra ir na casa dos colega.....ficava encanando ...encanando...aí...eu parei de uma hora pra outra...fui perdendo o interesse de ir pra escola...achava mais interessante ir pra casa dos colega....

(E6, 18 anos)

O “parar de estudar” para estes jovens foi acontecendo aos poucos, cabulando aulas, indo para a casa dos colegas, até não voltarem mais para a escola.

A escola para estes adolescentes parece desinteressante e pouco acolhedora, não oferecendo alternativas estimulantes para sua permanência. Relatam preferir estar com o grupo de pares com quem as conversas e as atividades são possíveis.

²⁵ **Tretinha:** o mesmo que briga

²⁶ Chama a atenção a troca de letras no relato de E7 quando permuta a última vogal de alguns verbos (*a* pelo *o*), passando a pronunciar-las corretamente no decorrer da entrevista. Acredito que este aprendizado se deu ao ouvir atentamente o modo como eu falava.

O desinteresse pelos estudos também é apontado após a mudança de bairro e conseqüente mudança de escola, exemplificado pelos diálogos seguintes.

Cissa²⁷: “ ...alguma vez...você já tinha parado de estudar?.....”

E4 : “...já...que eu morava noutra bairro....aí...eu mudei pro Parque... ((Bairro Parque Ribeirão Preto))”

Cissa: “....aí...entre mudar de uma escola pra outra....você parou de estudar....”

E4: “...é....parei....”

Cissa: “....com quantos anos você parou de estudar?...”

E4: “...tinha.....quinze....”

Cissa: “.....e por que você parou?....”

E4: “....ah:::.....falta de interesse....eu desinteressei da escola.....”

(E4, 18 anos)

Cissa: “....por que você parou de estudar?....”

E1: “....foi assim óh....eu mudei pro Ipiranga....eu morava nos Campos Elíseos....eu estava....aí eu mudei pro Ipiranga....conheci uns muleque lá.....eu já tava esperando um pezinho pra não voltar pra escola.....”

(E1, 16 anos)

Observando o **Quadro 1**, nota-se que E1 e E4 apresentam repetências escolares. Tal fato, além da mudança de bairro, pode ter contribuído para a desistência dos estudos pelo constrangimento de precisar freqüentar uma sala de aula com crianças mais novas e menores do que eles.

No trabalho de ASSIS (1999), com adolescentes do Rio de Janeiro e Recife, o desinteresse pela escola, as repetências e o envolvimento em atos infracionais também foram apontados pelos jovens, como motivos para terem deixado de estudar.

²⁷ **Cissa:** é a pesquisadora

A internação na FEBEM-RP serviu como outro motivo para interrupção dos estudos.

Cissa: “... e aí você deixou de estudar....por quê?...”

E10: “...é porque eu vim pra cá...”

(E10, 16 anos)

“...é que eu vim preso....né senhora....”

(E3, 16 anos)

“...em noventa e seis....((com 15 anos))...eu tava indo pra sétima....aí...eu vim preso...fiquei uns mês aqui....em noventa e sete...eu tava estudando DE NOVO....aí...eu vim preso de novo....fiquei seis mês aqui e saí...em noventa e oito....tava estudando..//só que eu ia e não ia...né senhora..(..) ...só que eu gostava mais da Educação Físicaencanava aula pra ir na Educação Física...depois de noventa e seis....noventa e sete...noventa e oito....e noventa e nove....só Educação Física...”

(E5, 18 anos)

A percepção desses adolescentes sobre a instituição FEBEM-RP é comparável à “prisão”, uma vez que ficam privados de liberdade por períodos que podem variar em função das decisões judiciais. A inexistência de projetos pedagógicos compatíveis com a fase de desenvolvimento desses jovens também contribui para uma associação entre o funcionamento da UE3 e a instituição prisional.

O fato de terem sido internos repetidas vezes parece dificultar o engajamento na rotina escolar que tem na provisoriedade o empecilho para formação de vínculos estáveis, como citado por E5 (18 anos) que se refere à disciplina de Educação Física como o único elo entre ele e a escola.

Além dos estudos, outras atividades são citadas como possíveis de estarem sendo interrompidas com a internação como, por exemplo, o trabalho.

“...estudava na quinta série....e só parei....porque eu vim preso..(..)...aí...parei de ir na escola...de trabalhar com meu pai..aí eu vim preso.....”

(E8, 15 anos)

Nos relatos cedidos pelos entrevistados, nota-se que alguns deles trabalhavam desde tenra idade, o que serviu como impedimento para prosseguirem os estudos.

“...eu parei por causa do serviço...eu não cheguei a repetir...me chamaram para fazer recuperação...só que não deu para eu fazer...((interrupção breve))....só que não deu para eu fazer a recuperação....porque eu tava trabalhando...e aí..eu vim preso.....”

(E9, 17 anos)

“...((E11 tinha o tom de voz carregado de tristeza nesse momento)).....eu fiquei.....um bom tempo.....sem estudar...uns dois...três....ano...sem estudar..(..)...por quê?TRABALHO....tinha que trabalhar....”

(E11, 16 anos)

Nas entrevistas realizadas com E9 (17 anos) e E11 (16 anos), os mesmos referem nunca terem tido uma repetência. A falta de opção diante da necessidade de trabalhar é relatada em tom de lamento e apontada como principal justificativa para terem interrompido os estudos.

A fala dos adolescentes traz à tona não só a coexistência dos motivos por eles atribuídos para terem deixado de estudar, mas também a humilhação, a discriminação e a violência com que foram tratados, mostrando que foram “excluídos desde cedo de um dos direitos da cidadania que é a educação” (MELLO, 1999 p. 131), num processo que foi se configurando, lenta e gradativamente, assim como o “parar de estudar”.

4.2. Sobre a família

Pelas profissões e cargos que ocupam os pais desses adolescentes, como apresentado no **Quadro 2** (p. 59), supõe-se um parco orçamento familiar que resulta insuficiente para atender a todas as necessidades e pedidos relatados pelos jovens.

“.....quando eu era pequeno...minha mãe trabalhava nessa firma....lá...esqueci...numa firma lá...de cozinheira....e aí...depois de uns tempo....eu pedi um tênis pra minha mãe....ela não podia dar...aí...eu pedi uma berMUDA....uma caMisa....um boNÉ...porque hoje em DIA.....nós só gosta de roupa de marca....e naquele tempo LÁ....ela não podia me dar roupa de marca....então eu ficavo NERVOSO....aí eu ia roubar...pra ter as coisa... ((o tom da voz de E7 era de lamento))...comecei a roubar com 11 ano...(....)....minha mãe ganhava duzentos e cinquenta...mano....e ela fazia despesa....pagava conta de gás...conta de bar...de colchão...lençol....de roupinha.....tal...tinha que pagar as contas.....por isso não sobrava dinheiro.....”

(E7, 16 anos)

As roupas, bonés, tênis e camisetas “de marca”, como referido por E7, são veiculadas na mídia, dirigidas especificamente ao público jovem, mas não estão acessíveis a todos os segmentos sociais, excluindo aos que “não podem” de boa parte do mercado de consumo. Para MELLO (1999), as propagandas “....chegam igualmente aos pobres, quiçá com mais forte poder de atração” (p. 134), parecendo que a única alternativa vislumbrada por esses adolescentes para conquistá-las, se dá pela prática de ato infracional.

A fala de E3 (16 anos) ilustra isso.

“se eu não tivesse ido roubar....também eu não tava aqui.....né senhora...((risos))....eu fui roubar.....pra me

*levantar*²⁸....eu *tava caído*²⁹ nuns artigo...numas roupa....minha família não tinha condições de comprar senhora...eu peguei....e fui me levantar....fazer meus corre...mas eu tô à pampa de catar barato fiado.....pagou...cabou.....”

(E3, 16 anos)

As famílias dos entrevistados distinguem-se quanto ao grau de precariedade das condições financeiras que é tanto menor, quanto maior a participação de outros irmãos na receita mensal. Como exemplo, pode-se citar a família de E8 (15 anos) na qual a renda é considerada suficiente para que não falte alimento, mas que nem sempre garante o acesso a outros bens de consumo.

Com exceção de E1 (16 anos) e E5 (18 anos) cujo pai e mãe, respectivamente, encontram-se presos por tráfico, observa-se que os pais dos outros adolescentes desempenham funções ou atividades de baixa remuneração, sendo relatado pelos jovens que a renda familiar é insuficiente para sustentar toda a família, visto que alguns dos irmãos já possuem filhos e continuam a morar na mesma casa.

Na percepção de E2, a condição familiar é referida como ainda mais difícil, forçando-o a subtrair o direito que, teórica e legalmente, teria: o direito à educação formal. Numa das sessões grupais, E2 comentou:

“...eu sei que a vida é difícil.... mas pra alguns ela ainda é pior....passar o dia inteiro sozinho.... esperando sua mãe chegar.....sem saber se vai ou não trazer comida pra você...(.)...tinha que dar dinheiro pra minha mãe e nunca sobrava pra comprar os livros....é caro....como é que você vai pra escola só com lápis e caderno?....e os livros?....”

(Fala de E2 registrada em diário de campo do dia 23/06/99 durante uma sessão grupal)

²⁸ **Levantar:** o mesmo que se recuperar de um mau momento

²⁹ **Estar caído:** o mesmo que estar devendo

O trabalho desempenhado pelos irmãos dos adolescentes entrevistados, quando existente, levando-se em conta os cargos ou funções desempenhadas, também sugere baixa remuneração.

O pai de E1 (16 anos) possui mais quatro filhos com diferentes mulheres com os quais E1 refere ter bom relacionamento. E1 relata com tristeza o fato de manter contatos esporádicos, por telefone, com a mãe que constituiu outra família e mudou-se de Ribeirão Preto.

E2 (17 anos) refere serem os oito irmãos, filhos de diferentes homens, não tendo conhecido o caçula que foi entregue para adoção.

E6 (18 anos), E9 (17 anos) e E11 (16 anos) referem a separação dos pais, tendo os pais de E9 e E11 constituído outras famílias.

Seis deles relatam conflitos familiares e dois referem ter sido abandonados pelos pais ainda pequenos, gerando um sentimento de profunda angústia e solidão nesses adolescentes. Esses sentimentos também são referidos por MUZA (1996), em sua tese de doutorado, ao analisar a influência da figura do pai na sociedade atual.

E2 e E6 relatam a melhora no relacionamento familiar após a separação dos pais, referindo sentir-se mais próximos de seus genitores atualmente, pelos diálogos estabelecidos.

As mudanças pelas quais a família vem passando atualmente as faz distintas em suas formas de organização, mas a coesão e a comunicabilidade entre os membros que a compõe são, como afirma ASSIS (1999), "...determinantes para a qualidade das relações familiares" (p.50), o que sugere, em relação ao grupo estudado, a existência de relacionamentos instáveis e pouco coesos.

A maneira como os conflitos são resolvidos também pode variar de um

modelo autoritário, onde predomina um relacionamento adultocêntrico, de opressão do mais fraco, ou seja, da criança; a outro, o democrático, pautado no diálogo e busca de entendimento (VICENTE, 1998). É com o primeiro modelo que os adolescentes identificam suas relações familiares, fato este que contribuiu na opinião alguns para terem entrado em conflito com a lei e terem saído de casa para morarem com colegas.

A pobreza, os vínculos precários e a infração acabam se constituindo em faces excludentes de uma realidade perversa que gera sofrimento e é permeada pela vergonha por pertencer a uma família marcada pela precariedade, cujos relacionamentos são quase sempre frágeis, instáveis ou violentos, e pela culpa por terem praticado ato infracional, o que acaba causando vergonha na família, como exemplifica E3.

“.....nenhuma família que saber que seus filho é ladrão....minha mãe tem vergonha....” (E3, 16 anos)

O sofrimento oriundo desta tríade: pobreza/vínculos precários/infração é frequentemente expresso pela revolta, primeiro sentimento associado pelos adolescentes ao se referirem aos motivos para terem deixado de estudar e terem entrado em conflito com a lei.

4.3. Sobre os relacionamentos afetivos

Quatro adolescentes referiram namorar garotas, podendo o relacionamento se estabelecer com uma ou várias, sem no entanto haver compromisso, com exceção de E10 (16 anos) que afirma ter namorada fixa. A fala de E3 exemplifica isso.

“...Eu namorava senhora....namorava não.....mas ficava com as meninas....daquele jeito né senhora...sem muito compromisso....”

(E3, 16 anos)

Para outros, a namorada pode assumir o *status* de “esposa” ou “mulher”, embora não haja qualquer oficialização da união. No caso de E5 (18 anos), a união já durava dois anos.

As namoradas de três jovens encontravam-se grávidas e a de E6 (18 anos) já havia engravidado anteriormente e perdido o bebê³⁰. Nem todos os adolescentes entrevistados têm conhecimento sobre métodos anticoncepcionais.

“Cissa:.....você conhece algum método para evitar a gravidez?

.....((E8 balançou negativamente a cabeça.....)).....não.....”

(E8, 15 anos)

Dentre os que têm algum conhecimento sobre contracepção, os métodos mais citados foram: a camisinha e a pílula anticoncepcional. Sabem que a camisinha previne a gravidez e também as DST/aids, o que os leva a dizer que vêm na camisinha o método mais seguro. No entanto, referem não gostar de usá-la pois diminui o prazer.

“.....ela toma pílula.....porque é ruim camisinha.....não vira....não gosto não.....”

(E6, 18 anos)

“.....usar camisinha....é a mesma coisa que chupar uma bala com papel....tem que usar para não pegar doença.....mas ninguém gosta de usar camisinha....”

E3 (16 anos)

³⁰ Em 1998, foi feito um levantamento para se conhecer os níveis de informações sobre saúde reprodutiva e sexual dos jovens internos na FEBEM-RP, que pudessem subsidiar trabalhos preventivos da equipe do NEPDA na instituição. A partir deste levantamento, verificou-se que vários adolescentes já eram pais (OLIVEIRA et al, 1998).

“.....você sabe quais são os mais indicados para os jovens?.....e por quê?...”

“.....pra mim.....é o da camisinha.....já previne a aids.....//...mas só quando saio com outras muié né.....com ela não.....//.....quando eu sair daqui e ela vim com esse papinho de pôr camisinha....ela vai até apanhar.....”

(E1, 16 anos)

E1 (16 anos) já foi tratado de sífilis. Nesse período referiu usar camisinha para não passar a doença para a “mulher”, mas agora que está curado recusa-se a usar preservativos com ela, com quem tem uma filha de 1 ano e 4 meses, ameaçando agredi-la caso ela solicite. Nesse caso, não usar o preservativo pode significar para E1 uma grande prova de amor da companheira na qual está implícita a fidelidade dela. Para esses adolescentes, as questões relativas a gênero são fortemente marcadas pelos rígidos moldes de convivência entre eles e suas companheiras, das quais se espera obediência, lealdade e fidelidade. A não correspondência pode, segundo eles, justificar uma atitude violenta contra elas.

O uso de preservativo, quando não incorreto, é raro e depende da disponibilidade no momento da relação sexual, o que sugere um aumento na vulnerabilidade frente às DST/aids.

“....uma vez estourou senhora....uma vez que eu mesmo pus....tuff....e a hora que eu tirei assim....sem maldade hem senhora.....olhei assim....VICHÍ....estourou.....ela pulou dessa altura.....VICHÍ.....- eu te falei que não era desse jeito que se põe.....”

(E1, 16 anos)

.....você usa algum método para evitar a gravidez....quando transa?

.....só usei camisinha.....e não é todas as vez não.....

.....e por que você não usou nessas vezes?

..... nem lembrava....sei lá.....se as meninas não pede.....a gente não usa.....se pede.....às vez usa.....e aí do jeito que tá.....vai.....né senhora.....

(E2, 17 anos)

As análises de vulnerabilidade , realizadas pela Coalizão Global de Políticas contra a aids no início dos anos 90, mostraram que os adolescentes são um dos grupos que se encontram mais vulneráveis (AYRES, CALAZANS & FRANÇA JR, 1998) e portanto mercedores de esforços programáticos especiais.

No entanto, é importante ressaltar que o entendimento sobre vulnerabilidade aqui, não é como estado ou condição, mas como etapa de um processo em curso, que se articula com outras, como por exemplo, o grau de escolaridade e a possibilidade de enfrentar barreiras culturais, que dificultam o acesso e o usufruto de direitos e oportunidades.

Segundo os entrevistados, a prevenção da gravidez é, primordialmente, atribuição feminina, bem como a indicação do método a ser adotado, quer seja pela “sogra”, pela mãe ou irmãs. Somente dois entrevistados referiram ter tido informações sobre contracepção na escola em que estudavam.

“...faz tempo que ela usa.....minha sogra é que falou para ela...- -olha....vai no médico.....usa camisinha.....- - só que eu não gosto de usar camisinha.....então ela toma pílula.....minha sogra é gente fina pra caramba.....”

(E5, 18 anos)

“.....minhas irmãs....que vai lá de domingo.....e chama ela e fala..... - - oh....cuidado que você vai engravidar.....e tal....você é nova....- - e ela dizia....- - nãoeu não vou engravidar não.....e olha.....aconteceu.....”

(E8, 15 anos)

O acesso para obtenção de condom nos postos de saúde, bem como a aquisição do mesmo nas farmácias, são conhecidos, porém pouquíssimo exercitados pelos entrevistados. Preferem que suas mães, amigas e namoradas peguem/comprem o preservativo. Alguns expressaram sentir-se pouco à vontade, envergonhados, e outros parecem considerar mais cômodo.

“.....AH.....eu nunca fui pegar no posto não....era sempre ela que me dava.....mas quando eu precisava mais....eu ia nas farmácia.....e comprava aquelas cartelinha com três....”

(E1, 16 anos)

“.....tinha uma menina que ia lá pra nós....ela buscava...e dava pra nós...sem maldade.....as camisinha.....((risos))”

(E3, 16 anos)

Na opinião dos jovens entrevistados, tanto a prevenção quanto o planejamento da gestação não são vistos como assuntos de interesse ou responsabilidade masculina, com exceção de E6 (18 anos) que pareceu ter pensado a gravidez de sua namorada como algo que lhe dizia respeito.

Cissa:você acha que dá para planejar....ter filhos?”

“planejar?.....ah.....eu acho que não.....por mim.....pra mim não.....quando pintar.....sem maldade.....daquele jeito.....”

(E3, 16 anos)

“Cissa:ela ia ter um filho?”

“.....NÃO senhora.....NÓS IA TER UM FILHO SENHORA... nós fomo viajar....e ela parou de tomar remédio....ficou grávida.....e quando ela tava grávida de dois mêsela perdeu o nenê....mas nós queria né senhora...e eu

já tinha um dinheiro na unha³¹....pra comprar tudo os bagulho do nenê...pra comprar carrinho...berço...para poder comprar uns barato.....

(E6, 18 anos)

Para o grupo entrevistado, o planejamento dos filhos parece estar associado ao oferecimento de condições materiais (casa, carrinho de bebê, fraldas, roupas, comida, material escolar, etc) para a sobrevivência da prole. Está mais ligado ao papel de provedor da família, daquele que irá cuidar do sustento da companheira, do bebê e dele próprio, o que nem sempre é alcançado pelo trabalho lícito, mas pela prática de ato infracional.

4.4. Sobre os delitos

O **Quadro 3** (p. 67) contém os dados relativos aos atos infracionais e alguns dados institucionais. Nele pode-se observar que E1 (16 anos) e E7 (16 anos) não recebiam visitas na instituição, e para E2 (17 anos) e E11 (16 anos) elas eram raras, o que gerava profunda angústia, ansiedade e revolta nesses jovens.

Dos onze entrevistados, E9 (17 anos), E10 (16 anos) e E11 (16 anos) eram internos primários na medida de internação. Os demais eram reincidentes na medida.

Todos os entrevistados conheciam os códigos dos delitos praticados e se referiam a eles primordialmente pelo número dos artigos. Em nenhuma entrevista, houve menção aos números das leis³².

³¹ **Ter um dinheiro na unha:** o mesmo que ter dinheiro guardado

³² O Código Penal Brasileiro data de 1940 e é composto por 360 artigos. As leis 6368/76 e 9437/97 fazem parte de um conjunto de leis especiais criadas, respectivamente, em 21 de outubro de 1976 e 20 de fevereiro de 1997. A primeira dispõe sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica; a segunda institui o Sistema Nacional de Armas (SINARM), estabelece condições para o registro e para o porte de arma de fogo (*Obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de Antonio Luiz de Toledo Pinto e Márcia Cristina Vaz dos Santos Windt. 37ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999*

Como motivos atribuídos para terem entrado em conflito com a lei apontaram, primeiramente, a revolta em relação à família pelas agressões físicas e psicológicas que referem ter sofrido; a revolta pela separação dos pais ou pelas rígidas regras impostas pelos genitores impedindo-os de brincar/estar com colegas/amigos na rua.

A revolta em relação à família está associada às agressões físicas e psicológicas que referem ter sido cometidas pelo pai/mãe ou irmãos.

*“...é por causa do pai que eu tenho....né senhora....o meu pai...tem vez que ele bebe.....vem bater em mim....pá..(..)...eu não admiro essas **fita**³³se eu tiver errado....também::::.....mas tem vez que eu tô em casa.....à **pampa**³⁴.....ele bebe....já vem querer tirar uma...(.)...ele é trabalhador....mas ele bebe....toma remédio....tem problema...mas....problema de cabeça....ele se aposentou por invalidez.....”*

(E3, 16 anos)

“....porque desde pequeno...eu sempre fui apanhando da minha mãe.....desde pequeno eu apanhava....chegava da escola....fazia a lição.....eu apanhava....era mó vida ruim que eu levava..(..).às vez.....encanava aula.....ficavo fumando uma maconha lá com os muleque.....chegava em casa...minha mãe descobriae me batia....e aí...eu fui se revoltando com isso....aí eu peguei e falei... “um dia ela vai se ver....com quantos pau se faz uma canoa”....e aí fui levando essa vida...fui roubando....catando.....rromando DROga pro muleque.....”

(E7, 16 anos)

“.....AH::::.....REVOLTA.....senhora....eu era muito revoltado com meu pai...tá ligado..(..)...meu pai era muito nervoso....muito bravo comigo...meu pai me batia.....eu ia na escola....fazia todos os barato certinho....nunca tinha repetido de ano....e mesmo assim....ele proibia MUITO as coisa.....acho que por isso que eu desvirtuei.....eu tinha medo dele pra

³³ **Fita**: o mesmo que situação, coisa ou assunto

³⁴ **À pampa**: o mesmo que tranquilo, sossegado

caramba.....ele era assim.....eu tava brincando.....e ele chegava assim no portão e já gritava... “JÚNIOR.....JÁ PRA DENTRO RAPAÇ...”.....já:.....vinha até chorando...porque sabia que ia apanhar...(.)ele vinha e batia...e depois ele vinha agradecer...ele ficava com dó..e falava “filho..não é assim...eu te bato...porque eu quero te corrigir...não quero o seu mal”....((E4 parecia imitar o pai com a voz calma, mansa e meiga))....ele não tinha mau coração....ele batia....e depois se arrependia....tá ligado.....ele batia na hora do nervoso....ele era muito nervoso.....”
(E6, 18 anos)

Atualmente, as famílias apresentam diferentes formas de organização, mas continuam a se constituir em um espaço privilegiado de convivência, o que não quer dizer que esteja isenta de conflitos e tensões (MELLO, 1995).

As falas dos jovens entrevistados apontam para um modelo de relacionamento calcado na violência entre adultos e crianças, no qual referem se sentir revoltados pelo tratamento recebido. A revolta parece vir acompanhada da tentativa de compreensão, que é justificada por E3, pelo uso abusivo que o pai faz da bebida alcoólica, e pelo nervosismo excessivo paterno, no caso de E6.

Para E7, a revolta parece vir acompanhada de um sentimento de vingança pela prática de delitos no possível intuito de atingir a mãe

A revolta também é referida por E7 quando relata sobre seu relacionamento com os irmãos. Na percepção de E7, a discriminação da qual se sente vítima, é explicada pelo fato de ele ser filho de um homem negro, enquanto os irmãos são filhos de um homem branco.

“....com os meus dois irmãozinho....que eu mais gosto....eu se davó bem.....mas AGORA.....com os outro casado...eu não se davó bem...porque:.....eu era o preto...e eles era dum pai branco....e eudum pai preto....então...tudo que eu fazi:.....a....((os irmãos

falavam))..... “só porque é preto”.....aí....eu fui entrando nessa vida do crime....aí....eu ia na casa deles....e eles me oiava de um jeito pá.....não queria me dar conselho.....ficava NEM preocupado comigo....até HOJE.....eles nem liga comigo....porque se eles ligava pra mim hoje....eles mandava um cigarro pra mim....nunca mandou UM cigarro pra mim....na FEBEM....sempre foi o meu cunhado que mandou...ou minha cunhada...hoje...eu não gosto muito deles não.....”

(E7, 16 anos)

A revolta pela separação dos pais foi apontada como outra razão para terem entrado em conflito com a lei. Para E11, a revolta parece estar mais dirigida à mãe, pela possível atribuição do fim do casamento a ela.

“....é.....eu tinha oito ano.....quando meu pai separou....quando minha Mãe::::separou do meu pai ((tentando corrigir enfaticamente))....aí....o que mais eu me revoltei....desde pequeno....eu nunca pude contar com ninguém né...não fosse eu...não ia ser ninguém....é....eu e Deus....e mais ninguém....me revoltei....por causa da separação.....do meu pai....e da minha mãe.....que eu era muito pequeno....minha irmã....teve que se virar...com dezesseis ano de idade.....ela teve que tomar conta da casa...com quatro homem ((referindo-se aos irmãos)) ...dentro da casa...ela com dezesseis ano....tendo que lavar....passar.....e cozinhar...aí que....foi revoltando mais....e essa coisa....foi desgramando tudo....”

(E11, 16 anos)

Além da revolta, fica implícito o sofrimento advindo do sentimento de abandono, de solidão diante da vida, e de indignação frente às responsabilidades que refere terem sido assumidas pela irmã de dezesseis anos, por ele e pelos outros irmãos.

As regras rígidas impostas pelos pais impedindo-os de brincar com os colegas na rua ou de estar com os amigos também foram apontadas como motivo para terem entrado em conflito com a lei.

“...eu não sei jogar...porque quando eu era pequeno....e meu pai era vivo....ele não deixava eu e meus irmão...sair pra brincar com os muleque....então...jogar bola...brincar de carrinho...soltar pipa....esses negócio....nós não sabe....não aprendeu....nem soltar pipa....nem jogar bola.....”

(E4, 18 anos)

*“...sabe porque eu **chapava**³⁵?...tipo....na rua da minha....eles ficava brincando na rua até dez hora...de pique-esconde....e meu pai ...não deixava eu...e esses moleque....é tudo trabalhador...alguns já casou....tudo assim....tem muié.... e eu....que meu pai me prendia....me segurava....tô aí...oh....desvirtuei pro crime....”*

(E6, 18 anos)

Apesar da fala de E4 parecer destituída de revolta, minhas impressões durante a realização da entrevista trazem o registro de uma resposta tensa, em voz baixa, emitida entre os dentes, enquanto ele apertava nervosamente as mãos. Estas impressões foram interpretadas por mim como uma maneira encontrada por E4 para expressar sua revolta sem macular a memória do pai falecido. O não conhecimento das regras para os jogos, do como fazer uma pipa, é relatado por E4 como motivo para não participar de qualquer atividade esportiva ou de lazer com outros internos da FEBEM- RP, o que o excluía das poucas atividades permitidas na instituição.

O relato de E6 parece trazer um questionamento no procedimento rigoroso do pai, quanto às brincadeiras na rua, no momento em que compara sua vida atual, que considera isenta de virtudes, à de seus colegas de infância, sugerindo a desvalia da disciplina excessiva.

³⁵ **Chapar:** o mesmo que revoltar, ficar nervoso

Segundo os adolescentes, os conflitos familiares parecem se dar numa ordem hierárquica, ou seja, do pai para a mãe, e destes para os filhos, sugerindo um agravamento na situação quando relatam serem as mães agredidas, fisicamente, pelos pais dos jovens. A existência de conflitos violentos marcados pelas brigas constantes entre seus membros foi apontado como motivo para terem começado a praticar delitos.

Cissa: “...no seu caso....pensando em toda sua vida...desde que era pequeno....o que você acha que aconteceu na sua vida pra que você tivesse vindo pra cá....”

E2: “...acho que é briga de família....né senhora....meu pai....minha mãe.....eu e minha mãe também não dava muito certo.....agora.....já é muito mais melhor senhora.....a gente já troca uma idéia....”

(E2, 17 anos)

“.....ele ((referindo-se ao pai))...brigava muito com a minha mãe...tá ligado....e nós era pequeno.....a gente ficava vendo aquelas fita lá....eu chorava....grudava nele.....eles discutia...DISCUTIA FEIO MESMO....mas não chegavam a agarrar....um agredir o outro sabe?...uma vez lá....eles discutindo lá...ele agarrou ela pelo pescoço....assim oh...((fez o gesto de quem está enforcando com as mãos))....aí...eu PULEI...e dei uma MORDIDA....assim...aqui.....na nuca dele....que ele tava grudando na minha mãe....aí...minhas irmã....veio pra separar...(.)...ele era um cara bom...(.)....ele batia na hora do nervoso....ele era muito nervoso....porque ele não bebia bebida senhora....era nervoso de....ele não bebe nada nada nada....muito difícil....mesmo uma cerveja....só em festa assim...mas minha família é assim...quando tava meu pai...e minha mãe....era um clima pior....briga todo dia....e nós tava perdendo a liberdade....e eles briGavam...e desconTavam em nós..tá ligado....ficavam nervoso...aí a gente já ia pedir algum bagulho....aí ((eles falavam))... “não....não vai não”já descontava tudo em nós.....aí....depois que minha mãe separou do meu pai....ficou mais bom com nós....não sei se é porque ele sentiu mais a falta né mano?...aí...eu e meu pai...começou a ter mais

*relacionamento...nóis conversa mais **bagulho**³⁶ assim...de vez em quando...a gente sai ...e vai dar um **pião**³⁷ ...*

(E6, 18 anos)

*“.....sei lá senhora....um pouco também....é por causa do pai que eu tenho né senhora...o meu pai...tem vez que ele bebe pá...bate na minha mãe...eu não adMIto essas **fita**³⁸...né senhora **tira**³⁹ minha mãe..... vem bater em mim...eu não adMIto....seu eu tiver erradotambém:::....mas tem vez...que eu tô em casa....à **pampa**⁴⁰....ele bebe....já vem querer tirar uma....bater na minha mãe....desvirtua mesmo a cabeça de qualquer um.....”*

(E3, 16 anos)

As relações familiares parecem piorar diante da escassez de recursos financeiros apontada pelos jovens. O ganho ilícito associado a um sentimento de ambição pode representar para alguns a única forma de sobrevivência do grupo familiar e/ou deles próprios.

*“.....AH...senhora...não sei...acho que quando meu pai foi embora...né senhora....depois disso...(....)....minha mãe já sofreu um acidentee aí...eu já comecei a olhar carro....aí...eu já foi um passo pra maconha....junto com meu irmão.....já comecei a dar um dinheiro em casa....não tinha condição.....aí ...eu comecei com dinheiro fácil....porque é um dinheiro fácil...dali uns dia...já vi uma coisa de outro moleque eu eu queria e jájá roubava né senhora...e dali começa....e desde pequeno já vendi droga né senhora....desde pequenininho já começou a **crescer o olho**⁴¹era meio **desbaratinado**⁴²...”*

(E5, 18 anos)

³⁶ **Bagulho**: o mesmo que assunto

³⁷ **Pião**: o mesmo que passeio, dar uma volta

³⁸ **Fita**: o mesmo que coisa, assunto, situação

³⁹ **Tirar**: o mesmo que desrespeitar

⁴⁰ **À pampa**: o mesmo que tranqüilo, sossegado

⁴¹ **Crescer o olho** : o mesmo que desejar, ambicionar

⁴² **Desbaratinado**: o mesmo que sem juízo

*“.....AH....REVOLTA.....senhora...eu era muito revoltado com o meu pai...tá ligado...eu sempre gostei MUITO DE DINHEIRO....aí...eu queria me adiantar...e eu sempre fui muito AMBICIOSO...e eu queria me adiantar...(.)...e também....não queria **ficar na barba**⁴³ da minha mãe.....acho que foi isso daí....”*

(E6, 18 anos)

No caso de E5, o ganho ilícito é associado a um “ganho fácil” pelo retorno rápido e substancial que o tráfico pode proporcionar, sendo a forma referida por E5 para prover o sustento da família.

Inconformados, e na busca pela independência financeira, alguns adolescentes assumem um estilo de vida que difere do padrão familiar, cujo retorno financeiro é considerado fácil em comparação ao trabalho dos pais que, apesar de trabalharem todos os dias da semana, mal conseguem prover o sustento da família. Segundo ZALUAR (1994), cria-se, para esses jovens, uma visão do trabalho comparável à escravidão, na qual

“Escravidão é trabalhar de segunda a segunda por irrisórios salários durante quase todo tempo em que se está desperto. Escravidão é também submeter-se a um patrão autoritário que humilha o trabalhador com ordens ríspidas, que não o ouve nunca, que o vigia sempre” (ZALUAR, op.citi, p.9)

Para dois outros, a prática de atos delituosos é uma tradição de família a ser seguida, e que pode ser vivenciada com sentimentos conflituosos, como no caso de E1 (16 anos), dividido entre o orgulho pelo poder que o pai detém junto a outros traficantes e a humilhação por residir em um bairro habitado por pessoas que ele desqualifica.

⁴³ **Ficar na barba** : o mesmo que depender financeiramente

“.....vichi.....essa resposta eu nem sei responder senhora....o que fez pra mim vim preso?.....não sou revoltado da minha vida...não tenho revoltade nada.....mágoa...de nada....apenas parti para a vida do crime...né senhora....a minha família inteira.....do lado do meu pai é do crime..(..).. meu pai sempre foi preso por causa de droga...meu pai é muito falado né...esse negócio de droga...ele é muito falado....muito conhecido...(..)...aí eu mudei pro Ipiranga...onde só tem coisa que não presta...aonde eu moro ali...só tem coisa que não presta.....pode ter uns lugar assim....que é melhor....mas aonde eu moro...só tem coisa que não presta....é droga...muié...é viado...é uma pá de gente...tudo que não presta...não tem nada pra falar.... que eu sou revoltado da vida...

(E1, 16 anos)

*“.....o exemplo já é desde pequeno...ah...é....eu também....eu comecei a catar esse exemplo....eu tava com que?....com...com...dez ano...a fazer tráfico...(..)...minha mãe começou a traficar depois que eu.....aí meu tio foi preso.....aí minha avó começou a vender.....minha avó....e minha tia....começou a vender.....aí ela ((a mãe))foi presa levando droga pra cadeia....não ((foi)) presa por causa do tráfico.....(..)...aíquando minha tia foi presa...a **bocada**⁴⁴ficou pra mim.....ficou no meu nome.....”*

(E5, 18 anos)

O fato de pertencerem a famílias que sobrevivem de atos criminosos parece estimulá-los a seguirem o mesmo exemplo como uma tradição ou herança, exemplificada pelo relato de E5 (18 anos) que “herda” da tia o ponto de venda de drogas.

As condições familiares parecem favorecer a inserção dos jovens na prática de delitos que se vêem seduzidos pela aventura e se dizem influenciados pelos colegas.

Cissa: “ pensando em toda a sua vida....o que você acha que aconteceu.....pra você ter vindo parar aqui na FEBEM?....”

⁴⁴ **Bocada:** o mesmo que o ponto de venda de drogas

“....acho assim....começa no crime de EMBALO....de bobeira.....é aventU::ra....”

(E6, 18 anos)

E8: “....ir na idéia de colega....porque minha mãe diz....que colega não existe...que colega....é pai...é mãe....e Deus....e eu fui nas idéias dos outro....caí...na conversa dos outros....e agora...ninguém manda nada pra mim....cigarro...nada...na rua...eles falam que vão mandar isso...e aquilo... e na hora que a gente vem preso....ninguém lembra da gente...(....)...e eu via os outro roubando....tendo bastante dinheiro....e aí...os muleque falavam.... “ não VIRA trabalhar....porque você trabalha a semana inteirinha e ganha só cinquenta real....fica vendo....cinquenta real nós ganha em dois minutos....”.....e aí....chegava....fazia um assalto e já chegava no centro ((da cidade))....e já comprava aquele montão de roupa....e às vezes....eu ia com o dinheiro meu mesmo....((referindo-se ao dinheiro conquistado pelo trabalho))....e não dava pra comprar quase nada...só que todas as vez que eu tentei ...eu vim preso.....”

(E8, 15 anos)

“.....AH::...senhora...acho que quando meu pai foi embora....né senhora...depois disso eu já comecei a andar com uns maluco mais PAM...né senhora.....minha mãe...sofreu um acidente...e aí eu comecei a olhar crro...ai...eu já foi um passo...pra maconha...junto com meu irmão....já comecei dando um dinheiro em casa né senhora....não tinha condição...(....) ..desde pequeno já vendi droga né senhora.....

(E5, 18 anos)

A influência dos colegas é referida por E8 (15 anos) como pernicioso, acarretando danos à sua vida, sem perceber que se deixou levar pela idéia de um ganho rápido e fácil através de ato infracional. A dificuldade em assumir as conseqüências das próprias decisões impede E8 de se ver como responsável por seus atos. Essa dificuldade pode ainda estar associada às tentativas frustradas de roubo, por ter sido pego pela polícia, atribuindo aos colegas toda a responsabilidade.

Ainda que gere ambigüidade de sentimentos, tais como atração e repulsa, o grupo de pares apresenta-se como uma forma de socialização, como um modo

alternativo de inclusão pelos valores compartilhados (ABRAMOVAY et al, 1999). É a oportunidade de se obter um lugar, uma posição. Trata-se de um referencial que pode conferir uma identidade (VIOLANTE, 1989).

Para E5 (18 anos), o grupo de colegas é referido como mais um motivo para ter praticado infrações além da tradição familiar, o que aponta para o dinamismo e a complexidade do processo de exclusão.

Os relacionamentos entre integrantes de um mesmo grupo são regidos por normas bem definidas e extremamente rígidas, que proporcionam, de um lado, a coesão do grupo pela cumplicidade dos atos praticados, e do outro, até a perda da vida pelo rompimento de uma das regras.

“.....eu tenho que andar armado por necessidade.....se eu não andar armado...eu corro risco de vida.....agora no crime é o seguinte.....tudo tem regra.....e no crime também tem regra.....é lado a lado com os mano....mas fez?.....pagou.....”

(E6, 18 anos)

Um exemplo dessa rigidez é a situação em que envolve um menor de idade quando é coagido pelas regras de convivência a assumir um delito praticado por outra pessoa. Na linguagem dos adolescentes dos bairros da periferia e internos da FEBEM-RP, tal situação corresponde a **“abraçar a bronca”**.

“ah...senhora eu vou contar....eu não tava na infração senhora....não fui eu que fez o homicídio....eu abracei a bronca...foi assim....(....)....só que o Nal era de maior....e eu segurei o B.O.falei que era eu...então eu ACHO viu senhora....e ao mesmo tempo eu não acho nada...que eu acho que eu tô aqui à toa....uma coisa que eu não deveria ter feito..que eu me arrependo mesmo....esse muleque tinha que ter tirado uma cadeia....”

(E5,18 anos)

“....(..)..aí que começa....aí já mata um...tipo....a senhora mata um...nem que for um de maior....o maior vai lá...e mata um....aí o menor....tem que ir lá.... e se habilitar....e abraçar....não vai deixar o maior ir pra cadeia....porque o maior ...vai pegar o que?...um homicídio vai pegar uma cara de ano.....aqui...você pega uns seis meixinho...e vai embora...o crime é desse jeito....”

(E3, 16 anos)

A coação nesse caso se dá pelas rígidas regras de convivência entre esses jovens forçando-os a assumir um delito para proteger um maior de dezoito anos de ir para cadeia por anos. Essas regras fazem parte de um “código de honra” entre eles que parece ser questionado por E5 quando refere seu arrependimento.

Pelas regras do “mundo do crime”, é esperado destes jovens que assumam o delito praticado por outra pessoa como forma de proteção deste maior ou do grupo familiar, como é relatado por um dos funcionários da instituição durante as entrevistas.

Cissa: “.....por que os jovens acabam vindo pra FEBEM?”

FI : “...os pais...pai ou tio são traficantes e o adolescente termina assumindo a culpa..ele sabe que é mais importante a família estar toda unida fora....e ele tá aqui não só sendo punido...né....privado de liberdade...ele fica seis ou oito meses no máximo e ele volta para casa...ao passo que se um adulto for detido ele vai ficar ...seis anos...sei lá....quantos anos.....”

(Funcionário 1)

Outro tipo de coação relatada pelos jovens é a que pode acontecer sob forte ameaça, como relatado por E9 (17 anos).

“...ah....pegaram eu lá no meu serviço...falaram que queriam conversar comigo no distrito....aí...chegou lá...eles perguntou...me perguntou...se fui eu que fiz um latrocínio.....tal...tal....e eu....falando que não foi....e tive

que acabar falando....senão eu apanhava....eles podiam até me matar....porque eles me levaram pro canavial....me levaram pro canavial....sozinho....com dois investigador....colocaram o revólver na minha boca...aí...eu fui pro distrito....e eu tive que abraçar.....”

(E9, 17 anos)

No relato de E9, a coação é associada à violência dos investigadores que o chamam para uma cilada, usurpam do poder e forjam uma situação sob forte ameaça da qual ele não vê escapatória. Essa situação está intimamente relacionada à injustiça policial pela acusação indevida de prática de delito.

“...em noventa e cinco...os polícia me catou eu...e me forjaram uma droga...queriam me forjar um homicídio...qué ver?...eu vim...e saí no outro dia...tinha 14 ano....”

(E5, 18 anos)

“...tava nós três lá perto de casa....andando...eu...o E....e o L....e o L.falou assim.... “...é uma boa essa perua né?...”....e o E. respondeu.... “ ...saí esses dia da FEBEM...tô sossegado....” ...aí o L.catou dois fardos daqueles presunto....e saiu correndo pra dentro da minha casa....só que eu não vi....aí...chegou o rapaz da perua e perguntou aonde que ele tava.....só que eu não sabia....e o rapaz disse que ia chamar a polícia porque eu tava junto com ele....e eu falei.... “...pode chamar....eu não catei nada....”todos os vizinhos na rua viram que eu não tinha catado nada....tava cheio de gente na rua...aí chegou a polícia e me algemou....e me levou pro primeiro Distrito....e aí..chegando lá...eles me bateram pra falar onde que ele tava...mas eu não sabia....aí...fiquei um dia ((na FEBEM)) e saí.....”

(E8, 15 anos)

“...aconteceu um roubo lá no meu serviço....e eu conhecia os muleque que roubou...e eu contei pra um colega meu.....e aí...ele denunciou pra polícia....e ele falou que eu é que falei pros muleque ir lá roubar....por

isso que eu tô aqui preso....agora só tô esperando o juiz lá....decidir os negócio...assinar os papel....(..)...eu só conhecia os muleque...eles também tão preso lá em cima...((referindo à parte superior dos pavilhões))....(....)...já livraram eu....já falou já....que não tem nada a ver...agora....tá só esperando o juiz...só....decidir..”

(E10, 16 anos)

Durante a realização das entrevistas com os funcionários da instituição, emergiram relatos que confirmam esse tipo de ocorrência. Os relatos referem que os policiais utilizam as características peculiares do modo de vestir e falar desses jovens como critério para discriminá-los.

“...a polícia pega sim....têm uns que são já marginalizados pela polícia sim....o policial conhece o menino...até porque....principalmente a hora que eles saem....eles têm algumas características que você olha e você sabe que o menino saiu da FEBEM....a fala....eles saem com fala diferente....”

(Funcionário 2)

Há de se levar em conta que não se trata apenas de reconhecer alguém por ser diferente, mas de pressupor que essa diferença faça parte de um “tipo específico de gente” que está supostamente envolvida em atos criminosos e contra quem o poder pode ser exercido sem censura ou controle. A fala fortuita de uma policial da ronda escolar, registrada em diário de campo, revela a forma estigmatizante como são percebidas as características desses jovens.

“.....nós estávamos fazendo a ronda....e avistamos um cliente FEBEM..((risos))....”

A injustiça e a truculência policiais também são relatadas pelo *Funcionário 3* quando se refere ao direito que alguns agentes se atribuem de lidar com esses

adolescentes através da violência, como mecanismo educativo, pelo descrédito nas medidas contempladas no Estatuto da Criança e do Adolescente que são aplicadas judicialmente, ou ainda, por considerá-las insuficientes.

“...alguns são marcados...estigmatizados...e quando vem o processo...prova-se que ele não tinha culpa...e ele foi forjado...só...o que a polícia não aceita...é que ela prende um garoto...e ela quer aplicar a sobrepena...o que é a sobrepena?...ou é...através da pendura do CACETE.....que eles dão na molecada...ou então...é pelo fato que eles entendem...que o tempo que o juiz deixa...não é o que deveria ser...(.....)....eles não acreditam em medidas sócioeducativas.....algumas pessoas dizem...que tratar de adolescente na FEBEM....é ser médico de uma doença sem cura...”
(Funcionário 3)

Vale lembrar que, desde a promulgação do ECA em 1990, o Brasil é detentor de uma das legislações mais avançadas do mundo dirigidas à criança e ao adolescente. No entanto, a aplicação desta lei é carregada de conflitos e tensões entre *“as estratégias de clientelismo com as de cidadania, de encaminhamento ao trabalho precoce com as de proteção ao trabalho da criança, de violência e defesa de direitos”* (FALEIROS, 1995 p. 93).

No estudo sobre os aspectos psicossociais da exclusão, JODELET (1999) questiona a existência de valores democráticos e igualitários em sociedades que toleram ou aceitam a discriminação e a injustiça *“...frente àqueles que não são seus pares ou como eles”* (p. 54), e conclui que, os preconceitos e os estereótipos servem como mecanismos de regulação de forças de poder e visam à exclusão moral de um grupo pela *“desumanização que autoriza as penas infligidas”*.

Nas palavras de VIOLANTE (1989, p.187),

“...cria-se o estigma como um mecanismo discriminatório e de controle social, que impede ao sujeito ter uma aceitação social plena, colocando-o na condição de um indivíduo desacreditável como pessoa”

O caso de E10 (16 anos) é um exemplo disso. E10 é um jovem negro, morador de um bairro de periferia do município, que estudava e trabalhava numa oficina de pintura para motocicletas até ser acusado de roubo. Seu pai trabalhava num açougue e sua mãe, na limpeza pública da cidade. Ele nunca havia estado na FEBEM antes. Quando o entrevistei, E10 estava internado há dois meses e cinco dias juntamente com os adolescentes que se declararam, em juízo, responsáveis pela infração. O único elo entre eles, segundo E10, era o fato de se conhecerem por residirem em casas próximas no mesmo bairro, como pode se observar num trecho da transcrição da entrevista.

Cissa: ...você não tinha nada a ver com isso?

E10:nada a ver.....eu só conhecia os muleque.....mora todo mundo perto.//...foi policial que me denunciou.....

Cissa:e eles não vieram te defender?.....nada?.....

E10:VIERAM.....eles veio preso ainda....tá lá em cima preso....lá.....//...já falou já.....que não tem nada a vere eu já falei também.....agora....tá só esperando o juiz....só decidir.....

E10 foi desinternado três dias após a entrevista, o que não minimiza ou apaga a injustiça vivida por ele, mas ao contrário, denuncia a manutenção cruel de uma ordem social que inclui para excluir.

O preconceito e o estigma parecem reforçar a visão fatalista sobre o futuro desses jovens e ajudam a perpetuar, sob a ótica dominante, a idéia da

irreversibilidade, o que tem contribuído para a reinternação de adolescentes na FEBEM-RP.

No **Quadro 3** (p. 67), observa-se que dos onze jovens, quatro foram reinternados sob a acusação de prática de ato infracional, dos quais três referem terem sido liberados até 24h depois, como exemplificado no relato a seguir.

“.....da terceira vez que eu vim pra cá.....não fui eu que roubei.....foi um moleque lá perto de casa.....nós tava em três andando...aí....o moleque entrou dentro da perua e catou dois fardo daqueles presunto..... e saiu correndo na direção da minha casa.....aí chegou o rapaz da peruae perguntou aonde que ele tava...e eu disse que não sabia e o rapaz disse que ia chamar a polícia.....e eu falei --....pode chamar....eu não catei nada.....--....todos os vizinho da rua viram.....que eu não tinha catado nada.....tava CHEIO de gente na rua..//....aí a polícia me algemou....e me levou pro primeiro Distrito...e aí....chegando lá.....eles me bateram....pra falar onde que ele tava...mas eu não sabiaaí fiquei um dia e saí...((referindo-se à FEBEM))....”

E8 (15 anos)

Outro motivo apontado para a reinternação é a reincidência em atos infracionais, decorrente, principalmente, da rivalidade entre integrantes de diferentes grupos. A existência de “*espinhos*”, como são chamados os adolescentes rivais, coloca-os em alerta constante, o que significa andar armado o tempo todo, como forma de proteção. O porte ilegal de armas coloca-os em conflito com a lei e parece fazer parte de um cotidiano que se agrava com as reinternações, como refere E3.

“.....depois que vem pra cá...arruma o dobro ...o triplo de espinho.....no pavilhão que eu tô....a senhora briga

*com um....arruma um pavilhão de espinho...então.....eu
TENHO que andar armado né senhora....é cruel...”
E3 (16 anos)*

Para os jovens que residem em Ribeirão Preto, a iminência de um confronto com os “*espinhos*” é vivenciada diariamente após a desinternação e, segundo E2 (17 anos), “*basta ter um*”. Durante a realização das entrevistas, percebi que andar armado é coisa rotineira para estes adolescentes, mesmo que isto implique na acusação de prática de delito e no retorno à FEBEM-RP.

É a maneira que parece terem encontrado para se defenderem, se vingarem e/ou poderem cobrar as dívidas de quem lhes deve, mesmo que elas tenham sido assumidas dentro da UE3. A cobrança é, geralmente, praticada por outros adolescentes, denominados “*irmãos*”, o que serve para reafirmar a inclusão num determinado grupo e manter a coesão entre seus membros.

“.....tava eu e outro maluco.....nós matou o cara por causa de treta aqui na FEBEM....tá ligado?....acho que a senhora conheceu.....o NGP.....que tá lá no cinco agora ((referindo-se ao Pavilhão 5))....foi o irmão dele que nós matou.....”

E6 (18 anos)

Além dos “*espinhos*”, outros motivos foram atribuídos pelos jovens entrevistados para a reincidência em atos infracionais. Eles são bastante semelhantes àqueles da primeira vez em que entraram em conflito com a lei e também se interpenetram e se complementam de forma dinâmica e imbricada, pondo em evidência a complexidade do processo de exclusão.

A falta de apoio familiar, tanto de ordem econômica quanto afetiva, é uma das razões mais apontadas. Em decorrência dos relacionamentos violentos referidos

entre seus familiares, alguns adolescentes mudam-se para favelas junto com colegas, ou grupo de pares, e passam a sobreviver da prática de delitos.

O grupo de pares proporciona o estabelecimento de uma rede de sociabilidade pelo compartilhamento de interesses e valores, mas também se constitui em outro motivo relevante para a reincidência de atos delituosos pelas rígidas regras de convivência, diante das quais parece não terem alternativas, mesmo quando referem perceber a gravidade da infração praticada.

*“Cissa:como você considera essa infração?
 “.....infração grave né senhora.....só que é foda essa fita aí no crime....é problema né senhora....porque eu TAVA sossegado.....porque eu não queria matar ninguém não.....se eles não punha a mão no Z...aqui.....eu ia deixá até quieta a fita.....porque eu tava de boa aqui na FEBEM.....eles tretou comigo...mas ia deixá sossegado...saí pra rua ...e já era.....só que catou o Z.....e aí...é problema.....porque o Z?...é IRMÃOZÃO MESMO.....o Z?...é do MEU sangue mesmo.....mora lá também.....na favela.....é firMEza.....”*

E6 (18 anos)

A vida concreta do grupo estudado explicita não só a precariedade econômica, mas a precariedade dos vínculos sociais calcados na violência, na provisoriedade e na instabilidade. A revolta parece ser a forma de expressão encontrada por eles para demonstrar a inconformidade e o sofrimento diante das condições de existência e do tratamento recebidos.

Os diferentes níveis de precariedade , sociabilidade e vulnerabilidade marcam o cotidiano dos adolescentes entrevistados, que é perpassado por aspectos psicossociais, como a discriminação e o estigma, e traduzem algumas das

dificuldades apontadas por eles como facetas de uma realidade perversa que minimiza suas chances para não entrarem em conflito com a lei.

Assim, o processo de exclusão para esses jovens não está restrito às dimensões materiais, mas estende-se para as dimensões relacionais e subjetivas, éticas e morais, e parece se reproduzir e se perpetuar na experiência vivida dentro da Unidade de Internação, pela visão de si mesmos e pelos relacionamentos com funcionários e outros adolescentes, como pode ser acompanhado no Capítulo 5.

5. SÍNTESES DAS IMPRESSÕES DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

A síntese das minhas impressões sobre o contexto institucional estão baseadas nos diários de campo extraídos das sessões grupais realizadas pela equipe no contato com os adolescentes e funcionários, durante a realização das entrevistas, e nas notas de campo. O clima de tensão que marcou a UE3, as mudanças estruturais e administrativas, as condições de trabalho, entre outros, podem ser acompanhados pelos relatos mensais entre março de 1999 e março de 2000, período em que se deu a coleta de dados.

5.1. Diários de Campo – impressões sobre o contexto institucional

Março/99 - a equipe retornou à instituição sendo muito bem recebida por todos. O pavilhão 4 estava sendo reformado e preparado para se tornar a nova Unidade de Atendimento Provisório (UAP). Nesse novo pavilhão, os banheiros eram azulejados até o teto, possuía mais pias e paredes divisórias, permitindo maior privacidade na hora da higiene íntima. Tinha lâmpadas, e os quartos, denominados “barracos” pelos internos, possuíam até pequenas prateleiras para colocação de objetos pessoais. Nos demais pavilhões, as condições continuavam as mesmas.

Diante da tentativa de fuga de internos dos pavilhões 1 e 3, em janeiro de 1999, todos (todos!) os internos foram privados, por ordem judicial, de uma das poucas atividades que dispunham, que era o campo de futebol “Canindé”.

O clima entre os internos era de inconformação e revolta. Mudanças administrativas rondavam a Unidade, contribuindo para o clima de tensão.

Abril/99 - as condições para o trabalho em alguns pavilhões eram péssimas. As sessões grupais eram realizadas em pátio aberto, no sol quente e sem instalações elétricas, o que impossibilitava o uso de aparelho de som. A falta d'água agravava a sujeira dos pátios e alguns encanamentos ainda não haviam sido consertados exalando um odor fétido. O trabalho transcorria em meio a esse quadro físico caótico. Ocorreram novas tentativas de fuga, sempre marcadas por um clima de gritaria e ameaça recíproca entre adolescentes de um lado e funcionários do outro.

Mai/99 - o antigo diretor tinha sido transferido e um diretor interino assumiu por período indeterminado. Essas mudanças aconteceram de modo repentino gerando instabilidade e insegurança entre os funcionários. A tensão na UE3 aumentou ao sermos notificados que os adolescentes estavam se armando com estiletos e outros objetos pontiagudos, pois existiam muitos adolescentes de grupos rivais internos naquele momento. No início de maio, um jovem acabou hospitalizado em estado gravíssimo após espancamento dentro da Unidade. O fato chocou a todos e o interno que desencadeou a agressão foi transferido para a cadeia pública, pois já era maior de 18 anos.

Junho/1999 - Nessa época, recebemos autorização para conhecermos o local onde permanecem os adolescentes até a audiência com o juiz. O local é constituído de duas celas instaladas dentro do próprio Fórum, abaixo do primeiro piso. Cada cela é denominada pelos jovens de “*corró*” e comporta de três a quatro pessoas sentadas. É toda de cimento, com um banco grande de alvenaria, muito gelada, com grades e cadeados, da qual só se pode sair para ir ao banheiro que fica no fim do corredor,

também gradeado, na companhia de um dos dois monitores que permanecem no local durante todo o tempo. Os adolescentes conseguem se comunicar com os presos, maiores de 18 anos, que ficam nas celas do outro lado, através de um código criado por eles por meio de batidas nas paredes. Geralmente, o clima é de grande tensão, não só pela expectativa da audiência com o juiz, como pelo tempo de espera. Às vezes, permanecem no local, uma tarde inteira.

Julho/1999 - os conflitos entre os adolescentes de diferentes pavilhões estavam acirrados. Nessa época, estava sendo organizada uma “Festa Junina” pela equipe técnica e diretiva, prevista para acontecer no meio do mês de julho com a presença dos familiares dos jovens internos. O intuito era o de mostrar que a convivência pacífica em espaços comuns era possível. O clima, apesar da festa, era tenso por causa da troca de ameaças entre os rapazes dos pavilhões 1 e 3. Um outro fator contribuiu para a tensão: a transferência de dois internos para unidades da FEBEM em São Paulo. Alguns adolescentes entendiam que era mais uma forma de punição. Cada vez que um interno é transferido, o clima entre eles “pesa”. No dia da festa, a equipe do NEPDA esteve presente, permanecendo um pouco em cada um dos pátios que foram enfeitados com bandeirinhas coloridas confeccionadas com a ajuda dos jovens. A comida era farta: cachorro quente, pipoca, amendoim e um saquinho com bolo e doces variados. A festa acabou bem. Sem tumultos ou confusões, como era temido por todos.

Agosto/1999 - o ambiente estava sob forte tensão pela tentativa de invasão dos rapazes do pavilhão 1 no pavilhão 3 em resposta a uma provocação com pedradas dos rapazes do pavilhão 3. Os ânimos foram acalmados por monitores, coordenadores e diretores presentes na “*casa*” (como é denominada pelos

funcionários). Presenciei tudo e fiquei impressionada diante da dificuldade de comunicação com os adolescentes que pareciam não ouvir ninguém.

A pedido do juiz, os integrantes do NEPDA atuaram como mediadores para ouvir as reivindicações dos adolescentes com o objetivo de se negociar um convívio menos turbulento dentro da instituição. Para isso, durante aquela semana, cada subgrupo do NEPDA percorreu os pavilhões da UE3, ouvindo as solicitações feitas pelos jovens que se mostraram resistentes e descrentes diante da proposta. Ainda assim, participaram e fizeram seus pedidos considerados factíveis na sua maioria. Incluíam bebedouros de água, passeios mensais, maior tempo de permanência dos visitantes aos domingos, a utilização do campo de futebol, a presença do juiz nas negociações, portas nos quartos (“*barracos*”), comida de melhor qualidade, entre outros. Em troca, alguns propunham-se a não incentivar brigas nem a invadir outros pavilhões.

No dia marcado, a equipe do NEPDA reuniu-se no pátio do pavilhão 6 com todos os adolescentes da “casa”, monitores, coordenadores equipes diretiva e técnica, e o juiz da Vara da Infância e Juventude para discutir as reivindicações feitas pelos adolescentes. Foi considerado por todos um grande passo para a conquista da paz na FEBEM- RP, mesmo os jovens não tendo conseguido assumir, publicamente, essa disposição. O evento ficou marcado como “Negociação de Paz”. A partir daí, lentamente, algumas conquistas tiveram início, ainda que permeadas por momentos de conflitos.

Setembro/1999 - o clima na instituição continuava tenso. Diante das reivindicações feitas no processo da “Negociação da Paz”, os adolescentes esperavam maior prontidão para efetivação de seus pedidos. O pavilhão 1 estava sem

água suficiente para a manutenção da limpeza, um dos banheiros continuava quebrado e muito mal cheiroso além da terra e do pó no chão do pátio onde trabalhávamos. Aos domingos, “dia de visita”, nem sempre dispunham de água suficiente para o banho o que causava grande constrangimento e indignação para boa parte dos internos.

A partir da “Negociação de Paz” , foi elaborada uma cartilha ilustrada por funcionários da instituição contendo as explicações para a conquista das reivindicações feitas. Os internos pareciam não compreender claramente seu conteúdo que contemplava passo a passo o que deveria ser feito para se conquistar as solicitações feitas. Incluíam, da parte dos adolescentes, principalmente, a não tentativa de fuga e a interrupção das brigas e provocações entre eles.

No entanto, o processo de “Negociação de Paz” estava bastante ameaçado pelas tentativas de fuga que continuavam a ocorrer e o não cumprimento das reivindicações no prazo esperado.

Outubro/ 1999 – as desavenças entre os internos aumentavam. Um dia, encontramos um adolescente chorando, dizendo estar com medo de apanhar e que queria ser transferido de pavilhão. Dois outros adolescentes estavam sentados e encolhidos ao lado dos monitores, enquanto um pequeno grupo de quatro rapazes falava alto sobre “*gente que vai apanhar*” e riam. Era a mesma atitude adotada pelo adolescente que chorava, antes de ele ir para São Paulo. As posições se invertem rapidamente na FEBEM, segundo os jovens: “*...isso aqui...é uma roda gigante....deixa estar....um hora tá em cima....mas na outra...tá aqui em baixo*”. A instituição buscava o término das rixas entre adolescentes de diferentes bairros e, sob essa alegação, não concordava em colocar o jovem ameaçado em outro pavilhão.

Ao mesmo tempo, havia grande euforia com a notícia da liberação para visita da família no final de semana. Os jovens estavam ansiosos e agitados. Alguns aflitos por não saber se as mães tinham sido contactadas a tempo. Com a chuva, o pavilhão estava inundado: escadarias e corredores com muito mau cheiro.

Em 25 de outubro de 1999, explodia uma das mais violentas rebeliões numa das unidades da FEBEM, em São Paulo: adolescentes mortos por outros adolescentes, espancados, carbonizados e monitores feitos reféns. Assistimos perplexos às cenas exibidas pela TV. Em função da vinda de adolescentes internos em São Paulo, para Ribeirão Preto, o Juiz e o Promotor Público solicitaram a suspensão de nossas atividades na UE3, por duas semanas. Os integrantes da equipe do NEPDA também estavam apreensivos pois era do conhecimento de todos que muitos adolescentes estavam armados dentro da UE3. Dias depois, uma rebelião acontecia na unidade de Ribeirão Preto, sendo exibida pela TV local.

Novembro/1999 – cheguei à FEBEM-RP com Fernanda, uma amiga da equipe, às 7h30. Estava tudo muito quieto e parado. Os jovens dormiam e a troca do plantão estava acontecendo. Encontramos um dos coordenadores muito deprimido que sentiu-se à vontade para relatar sobre seus sentimentos e os de outros funcionários. Segundo ele, estavam sendo ameaçados e comandados pelos adolescentes. Aguardavam desesperadamente soluções rápidas:

“.....somos nós que estamos na linha de frente.....eles não podem demorar tanto para saber o que vão fazer....tem muita cadeia desativada na região e que poderia estar abrigando esses adolescentes, eles já avisaram que não vão passar 2000 aqui....e nós não vamos conseguir segurar....recebemos um telefonema anônimo dizendo que iriam invadir a FEBEM e que vai ser uma chacina....como é que vocês acham que a gente tá?.....tem muito funcionário passando mal.....pedindo licença.....afastamento.....porque não agüenta....é

muita pressão e ninguém sabe o que fazer.....ainda bem que eu tô podendo conversar um pouco com vocês....pelo menosa gente desabafa...”

(Fala espontânea de um funcionário, registrada em Diário de Campo, no dia 05 de novembro de 1999)

Conseguimos apenas ser solidárias. Novos muros haviam sido erguidos para separar as salas de aula, oficinas, equipe técnica, coordenação pedagógica, sala de arquivos e processos do restante dos pavilhões. O portão de acesso era de ferro que ficava fechado com cadeado difícil de acessar, o que gerou uma sensação de ambigüidade nos funcionários que estavam divididos entre o sentimento de proteção no caso de uma rebelião, e medo de não conseguirem abrir a tempo o cadeado, no caso de precisarem sair correndo.

Dezembro/ 1999 - ao chegarmos para o trabalhos grupais com os adolescentes do pavilhão 1, soubemos que haviam sido transferidos de local na UE3. Fomos até lá. O lugar era denominado “*pensionato*” pelos funcionários, e “*tranca*” pelos adolescentes. Foram transferidos por medida de segurança. A ameaça de invasão pelos outros pavilhões estava ficando insustentável. O “*pensionato*” era composto por dois cômodos de mais ou menos 3mX4m cada um, onde estavam alojados nove e dez adolescentes, respectivamente. Nossa impressão foi a pior possível. Não saíam para nada.

Ficavam ali o dia inteiro sem qualquer tipo de atividade. Um dos jovens falava nervoso, desesperado, dizendo que iria sair de qualquer maneira. As monitoras eram atenciosas e pacientes, mas não tinham muitas opções. O local contava ainda com duas minúsculas copas onde ficavam as refeições que eram entregues pela firma contratada, pois o serviço era terceirizado. Tinha um filtro em cada uma, uma pia,

sacos de lixo, copos e colheres. Nós só pudemos entrar para trabalhar após a chegada de um dos seguranças que abria os cadeados com um aparelhinho de “choque” nas mãos. Os jovens contaram que os guardas colocavam as armas, pelo lado de fora, por entre as grades, e ficavam fazendo guerra de nervos, além de provocações, xingamentos e ameaças. Levamos os relatos à direção que prometeu tomar providências. Deixamos o aparelho de som ligado entre os dois cômodos e permanecemos 1h e meia, com cada grupo, aproximadamente.

Não existia clima para trabalho.

A equipe retornou várias vezes ao local levando papéis, lápis coloridos, revistas e jogos. Nessa época do ano, são freqüentes as chuvas em nossa região. A precariedade das instalações não conseguiu impedir que numa noite de chuva forte, a água entrasse e molhasse todos os colchões, lençóis, toalhas, roupas e demais pertences. A água ainda pingava do teto quando chegamos no dia seguinte. Era o caos instalado. Tudo molhado. Providências já haviam sido tomadas para a arrumação do local que estava inabitável. Ainda assim, eram movidos pela esperança de liberação pelo juiz para passar o Natal com a família, a namorada ou esposa e os filhos.

Retornamos no dia 22 de dezembro, para fazermos a entrega de cartões e sabonetes perfumados, embalados em delicados saquinhos transparentes e amarrados com fitilhos dourados, feitos com muito capricho e carinho pela Profa. Lina. Não saberia dizer qual alegria foi maior, se a deles ou a nossa. Muitos estavam eufóricos com a liberação concedida pelo juiz.

Fevereiro/2000 - a instituição havia sido pintada e reformada em vários pontos. Os adolescentes do pavilhão 7 foram transferidos para um outro pavilhão

que, apesar de menor e possuir um pátio minúsculo, impedia o confronto direto com outros adolescentes rivais.

No início de fevereiro, o “*pensionato*” só contava com seis jovens internos em um dos lados, e dois, do outro. As saídas para os internos do pensionato eram esporádicas e nem sempre podiam tomar sol. Mas, os problemas de pele já não eram tão freqüentes e suas toalhas ficavam no varal, ao ar livre, sob os cuidados da monitora. Andar pela UE3 ainda era perigoso para estes jovens.

Março/2000 - o clima na instituição era horrível. Mães do lado de fora querendo notícias de seus filhos, viaturas policiais do lado de dentro com policiais fortemente armados e com mochilas (que supusemos conter bombas de efeito moral). Vários funcionários saíram dos pavilhões temendo ser feitos reféns.

Um dos adolescentes que estava sendo atendido na enfermaria nos chamou por entre os elementos vazados e nos disse que estavam dormindo e foram acordados a cacetadas, sendo esta a razão para o tumulto. Essa versão foi desmentida pelos funcionários alegando que os adolescentes haviam resistido à revista e que era do conhecimento deles que os jovens estavam armados.

Estávamos em frente ao prédio da administração e não podíamos chegar aos pavilhões. Saímos dali e fomos ao “*pensionato*”, onde se encontravam uns poucos internos. Queixaram-se da comida que tem sido servida fria, com prego e até com insetos. Segundo um dos adolescentes, o diretor já havia enviado material para análise laboratorial para apurar responsabilidades. Na versão dos monitores, são os próprios internos que simulam a presença de insetos na comida.

Num dos quartos do “*pensionato*”, estava um adolescente que havia sido esfaqueado e estava aguardando o horário para ser encaminhado ao Pronto Socorro

Municipal. Ao sair, foi algemado e um dos acompanhantes, reconhecendo a dificuldade do jovem para caminhar, solicitou que a perua viesse pegá-los. Segundo os colegas de quarto, o rapaz esfaqueado havia apanhado na noite anterior de um dos seguranças que determinou que o rapaz dormisse no chão, sem colchão.

Denunciamos o caso à direção da Unidade que questionou a contratação direta desses agentes pelo Estado, impedindo que a própria instituição fizesse a seleção. Após a apuração dos fatos, o segurança foi afastado da Unidade.

5.2. Impressões sobre os relacionamentos entre funcionários e adolescentes

Os relatos mensais contribuem para a aproximação do contexto em que a pesquisa transcorreu e deixam transparecer momentos de alegria permeados pelo medo, pela tensão, pela provisoriedade e instabilidade que marcaram o dia-a-dia de quem esteve dentro da instituição nesse período, embora tenham sido vivenciados de maneiras diferentes por adolescentes, funcionários, agentes de segurança e membros da equipe do NEPDA.

A precariedade das instalações físicas, o tratamento dispensado aos jovens internos e a visão que alguns funcionários têm sobre esses adolescentes, ainda que não se constitua regra geral, reafirmam o descompasso entre a existência da legislação vigente e sua aplicação.

Segundo um dos funcionários entrevistados (F3), “...*muitas pessoas aqui....ainda têm a idéia prisional na cabeça.....e pensam.....-- o garoto?.....um bandido...um preso....um encarcerado....guardado.....trancado..... isolado...--*” , o que sugere, segundo F3, um relacionamento entre esses funcionários e os internos, pautado na agressividade e desrespeito.

Para outros, o relacionamento com os adolescentes é referido como bom, nos quais há a formação de vínculos saudáveis que permitem estabelecer limites que são acatados pelos internos. A fala de F2 exemplifica isso.

“.....eu acho que posso considerar bom....e acho que em alguns casos.....é muito bom.....porque a gente tem um vínculo bom....um vínculo saudável....que me permite dizer não....de falar que não tá legal....e acho que existe um respeito....eu respeito muito os adolescentes”

(Funcionário 2)

Os relacionamentos entre os funcionários parecem transcorrer num clima de cordialidade, mas F5 não nega a tensão e os conflitos pelas divergências de posturas adotadas em relação aos jovens.

“.....às vezes.....eu sinto uma dificuldade imensa.....porque às vezes.....as nossas opiniões se atritam.....ou seja....eu sou de uma filosofia de trabalho diferente.....eu sinto.....um despreparo muito grande das pessoas.....para estar lidando com essa clientela...//.....eu acho que deveriam ser verdadeiros educadores para estar trabalhando com esse pessoal.....não meros disciplinadores.....”

(Funcionário 5)

Mesmo para os funcionários que têm uma visão menos rançosa e estigmatizada sobre esses jovens, para alguns, ela ainda é perpassada pela idéia de “reeducá-los” para “torná-los aptos” para a vida em sociedade.

“...nós aqui?.....temos o papel de reeducar.....porque o garoto entra aqui.....ele não estuda.....não estava estudando quando foi preso.....chega aqui....e também não quer estudar.... e não trabalhava.....e também não quer trabalhar.....não quer aprender uma profissão na FEBEM...então....não evoluiu.....na rua....ele não tinha hora pra dormir.....ele vivia se envolvendo em agressões.....em conflitos e.....AQUI?.....IDEM.....então...quer dizerquando o Poder Judiciário.....e o Ministério

Público.....entenderem.....através de um relatório efetuado por nossa equipe técnica....que esse garoto....apresentou progressos.....ele está apto.....a voltar à vida social”

(Funcionário 3)

Sou testemunha do bom relacionamento existente entre F3 e os adolescentes e do compromisso e da seriedade com que este funcionário encara seu trabalho. No entanto, sua fala ainda carrega o tom do antigo Código de Menores que vê no jovem interno alguém que necessita ser “disciplinado” para que se torne “útil à sociedade” após a desinternação.

Ainda está presente na FEBEM-RP, a idéia de “reintegração”, “ressocialização” ou “reeducação”, que tenta “recuperar” o adolescente interno e inclui-lo pelo principal mecanismo de coação que é o de culpabilização individual (SAWAIA, 1999). Continua-se a atribuir ao adolescente autor de delito a culpa pelo seu possível fracasso, após a desinternação, pela recusa para o aprendizado de uma profissão dentro da Unidade, sem que ao menos tenham sido discutidos seus desejos, suas idéias e seus sonhos.

*“..... todo adolescente reincidente é mais problemático...ele tem uma **TENDÊNCIA**.....de assimilar situações de conflito....então a volta dele é complicada....é difícil para a Unidade...//....ele passa a não aceitar essa convivência pacífica....de normas e regras.....//....**difícilmente será recuperado**.....//....não tem sentido nenhum o MUDAR....em ele admitir que ele vai trabalhar....o resto da vida com carteira assinada...um emprego....uma carga horária pesada de oito a nove horas...ISSO.....ele não vai aceitar muito.....por quê?.....ele nasceusem essas **perspectivas**....porque nasceu numa família que não tinha muito esse objetivo.....ele pode até trabalhar.....mas **ele não vai se submeter**....e não está **propenso a se submeter com regras RÍGIDAS....das leis....da sociedade**...//....ele não vai aceitar ser comandado.....e o que **NÓS entendemos por***

*mudança.....é ele ser comandado.....ele Ter
normas.....ele Ter horários.....ele Ter
regras..”(grifos meus)*

(Funcionário 6)

Na visão de F6, o fracasso do adolescente infrator parece ser uma fatalidade atribuída ao próprio jovem pela “falta da perspectiva para o trabalho desde o nascimento, *como herança genética*, por pertencer a uma família na qual, *a priori*, o trabalho nunca foi visto como um objetivo na vida”. A fala de F6 parece desconsiderar as diferentes condições de existência e os diferentes níveis de dificuldades enfrentados em cada grupamento familiar. A visão deste funcionário também parece estar mais próxima daquela que norteou a Constituição de 1939, que promove a dualização do ensino para as elites e a profissionalização das classes subalternas, numa distinção clara entre ricos e pobres (MARCÍLIO, 1998). Os primeiros, preparados para dirigir a Sociedade, e os outros, preparados e controlados para o mundo do trabalho, o que propicia a manutenção de uma ordem social desigual pela inclusão daqueles que são constantemente “submetidos” ou excluídos.

As visões divergentes dos funcionários entrevistados revelam não só a distância entre atual legislação e sua aplicação, mas a coexistência de diferentes paradigmas que norteiam as ações e os relacionamentos entre funcionários e adolescentes no interior da UE3, o que é percebido pelos próprios funcionários, por quem freqüenta e pelos internos .

5.3. Impressões dos jovens sobre a FEBEM

Para os adolescentes entrevistados, a FEBEM é comparável à prisão, onde o esperar é parte de uma rotina monótona que não muda ninguém, só piora. Para

alguns, o paralelo traçado é com o “inferno”, descrito como um local sem graça marcado pela ociosidade.

“....o meu dia-a-dia.....é levantar de manhã.....arrumar o barraco.....esperar.....fazer o curso de datilografia.....ficar no pátio esperando almoçando..... dormir.....jantar.....esperar a noite chegar..... .eh:::::.....todo dia a mesma coisa.....//.....chega aqui?....pensa que vai melhorar?....conhece outros cara.....isso e aquilo...tem uma bocada forte.....já chama você pra trabalhar na bocada.....outro já chama pra roubar um carro....//....como é que sai melhor?.....sai pior...”

E2 (17 anos)

“....aqui é um inFERno senhora.....ficar aqui....é ruim pra caramba.....não tem coisa pior do que ficar preso....//.....FEBEM sem graça....não tem graça o pátio...não tem NADA pra fazer.....eles não põem eu pra fazer nada....fico só à toa....aí....oh.....”

E5 (18 anos)

Numa das sessões grupais coordenadas por outros membros da equipe do NEPDA, os adolescentes⁴⁵ falaram de suas percepções sobre a instituição, referindo-se a ela, também, como uma prisão, reafirmando o cotidiano enfadonho.

“.....é ficar trancado sem ver o mundão.....e ficar fazendo as mesmas coisas todos os dias.....”

(Sessão Grupal do dia 15/09/99, Pavilhão 6)

A instituição é percebida como um local marcado pela diferença de tratamento dispensado a alguns adolescentes, tal como apontado por E3 (16 anos), que refere os favores concedidos por alguns monitores, exemplificado no trecho da transcrição da entrevista a seguir.

⁴⁵ Sessão grupal realizada com quinze adolescentes.

“.....tem uns monitor assim que é legal.....pá...só que tem uns que eu não gosto.....que **isquera**⁴⁶ os menor lá pra direção....a senhora faz uma coisa errada e eles já aumenta....**TÊM UNS**.....que **paga madeira pra uns**⁴⁷e pra outros?.....faz nada....se eles pede um corre...pá....eles busca barato no mundão pros menor.....e pra outros?...nem bola idéia senhora....com outros?... nem conversa.....”

E3 (16 anos)

Além do sentimento de discriminação, a fala de E3 denuncia a injustiça vivenciada por ele e por outros adolescentes que não desfrutam do mesmo tratamento dentro da instituição. Tal injustiça reforça, mais uma vez, a dialética da inclusão/exclusão pelo descompromisso com o sofrimento daqueles que estão internos na UE3.

A diferença de tratamento também está presente no atendimento na área da saúde dentro da UE3, como observado em trechos das transcrições das entrevistas com dois adolescentes.

Cissa: “.....e quando você tem algum problema.....ou alguma dúvida.....sobre a sua saúde?....”

E8 (15 anos) : “.....ah....se eu precisar....ela vem aqui hoje....É NA HORA....//.....ela é mulher do primo do meu pai.....”

E5 (18 anos): “.....eu fui procurarque eu tô com umas coceira....umas feridona....na **jaca**⁴⁸sem maldade senhora.....desde a FEBEM de São Paulo....me deu um monte de feridinha no pênis....em São Paulo.....e na **jaca**....senhora.....”

Cissa: “...você veio para cá com tratamento?”

E5: “....não....”

Cissa: “.....e aqui?estão te tratando?....”

E5: “....NÃO....nada...nada.....já falei pra eles já...que tem hora eu me dá umas dor no peito senhora.....que eu não GÜENTO senhora.....mas elas não quer nem saber não...pode morrer...que o povo não quer nem saber

⁴⁶ **Isquerar**: o mesmo que prejudicar

⁴⁷ **Pagar madeira**: o mesmo que apoiar, ajudar

⁴⁸ **Jaca**: o mesmo que nádegas

não.....pouca gente gosta de nós...// essa FEBEM desandou....vem muita maldade na cabeça.....”⁴⁹

Em relação a E5 (18 anos), o descaso com seu sofrimento parece contribuir para a associação da imagem da instituição com “o inferno”, como referido por ele, anteriormente, e alimenta seu sentimento de revolta .

Segundo Telles apud ESCOREL (1999), nas bases da interação social, as relações podem tender para a similitude (relações de proximidade e igualdade), ou podem tender para a acentuação das diferenças (relações de distância e estigmatização) (p.79), onde a indiferença é o sentimento que parece expressar o não pertencimento à condição humana (BUARQUE, 1999).

A escassez de medicamentos e a negligência do Estado em suprir a UE3 com materiais adequados para atendimento na área da saúde dão consistência ao sentimento de abandono, inexistência ou não reconhecimento de vida dentro da instituição. É como se estando longe dos olhos, os adolescentes ali internos não existissem.

“A⁵⁰. chegou ontem ao pavilhão. Ele tem uma bolsa de colostomia por conta de um tiro que levou, quando do confronto com outros adolescentes rivais. Está deprimido e se sentindo muito mal com a bolsa. Aguarda uma cirurgia que a mãe ficou de remarcar. Reclamou que arde quando a bolsa vai ficando cheia e até a hora em fiquei lá, ninguém se aproximou para fazer a troca”

“.....sabe o que é ficar até DEZOITO (!!!!!!!) dias sem fazer necessidade....senhora?”

(Registros de falas espontâneas de dois adolescentes, realizados em notas de Diário de Campo, em 13 de novembro de 1999)

⁴⁹ Diante da situação, sugeri a intervenção de um médico conhecido. A Direção da Unidade acatou a sugestão prontamente.

Ao procurar pela equipe de enfermagem, fui informada que a instituição já havia realizado o pedido para novas bolsas de colostomia e ainda não tinha recebido qualquer retorno. Assim como a falta das bolsas, a medicação, que é de responsabilidade do Estado, também não havia sido providenciada, contribuindo para reproduzir a lógica dialética da inclusão/exclusão pela concessão de privilégios para alguns e pela banalização do sofrimento de outros, o que serve para ratificar a percepção negativa que alguns adolescentes têm da instituição.

5.4. Linhas de vida: impressões dos principais fatos e acontecimentos na vida dos adolescentes entrevistados

As linhas de vida constituem-se em sínteses esquemáticas que contêm os principais pontos, destacados pelos adolescentes, referentes às impressões sobre as experiências vividas. Estão baseadas nas entrevistas realizadas, individualmente, respeitando-se a ênfase atribuída por eles em cada questão formulada. Dessa forma, algumas delas apresentam mais referências sobre uma determinada etapa da vida do entrevistado do que outras.

As linhas apresentam os momentos críticos das vidas dos entrevistados, pondo em evidência as diferentes facetas do processo de exclusão que vão afetando o futuro e interferindo na construção da identidade.

Para Sousa Santos apud SAWAIA (1999), a identidade “não é um conjunto de atributos permanentes, mas a síntese de múltiplas *identificações em curso*”, que se afirma num modo de ser (permanência) que se abre a outro, e conseqüentemente, à transformação, “apresentando-se como categoria política e estratégica nas relações de poder (p.122)”.

⁵⁰ A. é a inicial do nome do adolescente interno

SAWAIA (1999) alerta para as armadilhas no uso da identidade como categoria analítica, como se ela existisse entre duas concepções antagônicas, de um lado, ressaltando o que é único, singular, e de outro, a multiplicidade, a indeterminação, cujo risco reside no culto a uma delas, que pode se apresentar como marca discriminatória que segrega e aparta.

A autora refere a importância de se manter a tensão entre os dois sentidos contidos na identidade – o de permanência e o de transformação, e reconhece a identidade como igualdade e diferença, o que significa superar o seu uso político como estratégia de regulação de poder, disciplinadora das relações e mantenedora dos pensamentos hegemônicos, usada para transformar o outro em “estranho, igual, inimigo ou exótico” (p. 123).

As linhas apontam para um cotidiano marcado pela violência, pela discriminação, pelo estigma, pelas rupturas constantes e pelos frágeis vínculos estabelecidos “num processo dialético de inclusão/exclusão que ajuda a construir, a negar ou reforçar a identidade” (SAWAIA, Op.cit.).

Antecedem as sínteses esquemáticas, ou linhas de vida, as impressões sobre o contexto da entrevista, sobre o entrevistado e as impressões dos entrevistados sobre si mesmos. Cada linha traz os fatos e os acontecimentos mais importantes na vida dos adolescentes entrevistados referentes à família, à moradia, à escola, ao trabalho, ao uso de drogas, aos relacionamentos amorosos e/ou ocasionais, aos atos infracionais e aos planos, tornando possível uma comparação entre as experiências vividas.

Através das linhas, é possível perceber a precariedade e a instabilidade que interrompem o contínuo da trajetória de cada um e que parecem perpetuar um ciclo

perverso que aponta para um fatalismo cruel. Também, põem em evidência os aspectos psicossociais do processo de exclusão (discriminação e culpabilização) que perpassam cada momento, ratificando que as identidades, para a maioria dos entrevistados, acabam forjadas como “parte do confronto de poder na dialética da inclusão/exclusão e sua construção ocorre pela negação de direitos e pela afirmação de privilégios” (SAWAIA, 1999, p. 124).

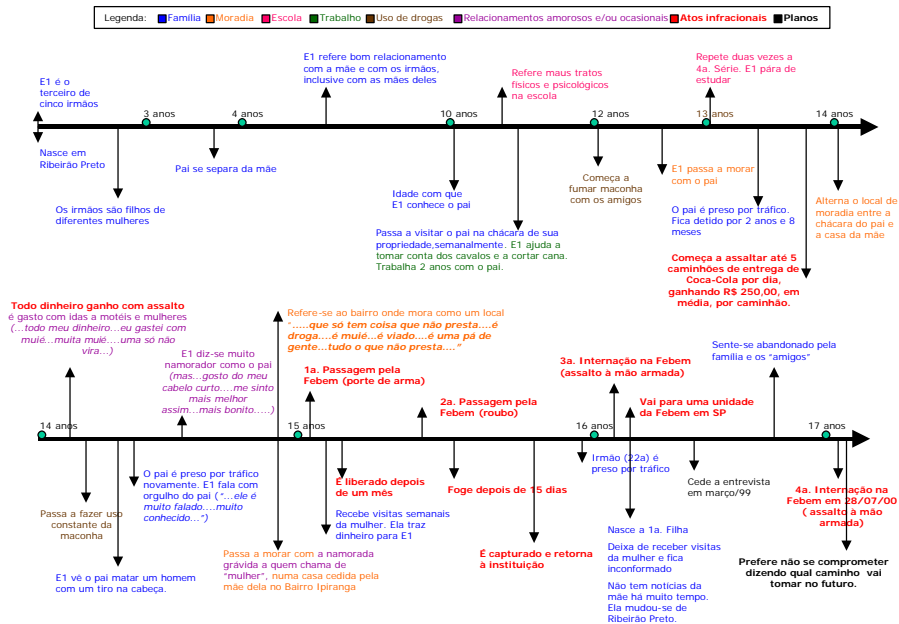
Contexto da realização da entrevista com E1 (16 anos)

Março/99 – Ficamos instalados numa sala ampla que era normalmente utilizada para reuniões das equipes técnica e pedagógica. A sala era aberta para um corredor que dava condições de visibilidade tanto para quem estava dentro como fora. Havia uma porta de madeira aparentemente sem função, uma vez que a janela não tinha vidros. Alguns internos acompanhados de monitores nos observavam enquanto aguardavam a vez para fazer suas ligações telefônicas. Falavam alto e em alguns momentos perturbaram o clima da entrevista com chamamentos ou perguntas, provocando pequenas interrupções. E1 não se intimidou com o gravador e concordou em ceder a entrevista que durou 2h. A falta de privacidade parece ter incomodado mais a mim do que a ele.

Minhas impressões sobre E1: é branco, alto, magro, cabelos castanhos cortados à máquina e olhos castanhos claros. Tem um sorriso largo, dentes grandes e alinhados. É falante, gesticula ao mesmo tempo que fala e costuma ser bem-humorado. Possui uma grande tatuagem em um dos braços. Não freqüentava a escola nem as oficinas da UE3. No momento da entrevista, usava camiseta branca, bermuda larga com cintura baixa e chinelos de dedo.

Visão de si: percebe-se um esbanjador e herdeiro do estilo delituoso de vida do pai. Considera-se parecido com ele, um namorador incorrigível. Apesar de negar, refere não se conformar de morar onde “só tem o que não presta”. Vê-se como uma pessoa boa até que alguém o provoque ou agrida (“...eu sou bom...mas não judia de mim não....que eu sou ruim....igual ao meu pai..”). Possui auto-estima elevada, gosta do cabelo curto e acha que fica mais bonito assim do que com cabelo comprido.

Síntese das Impressões sobre os Principais Fatos e Acontecimentos na vida de E1



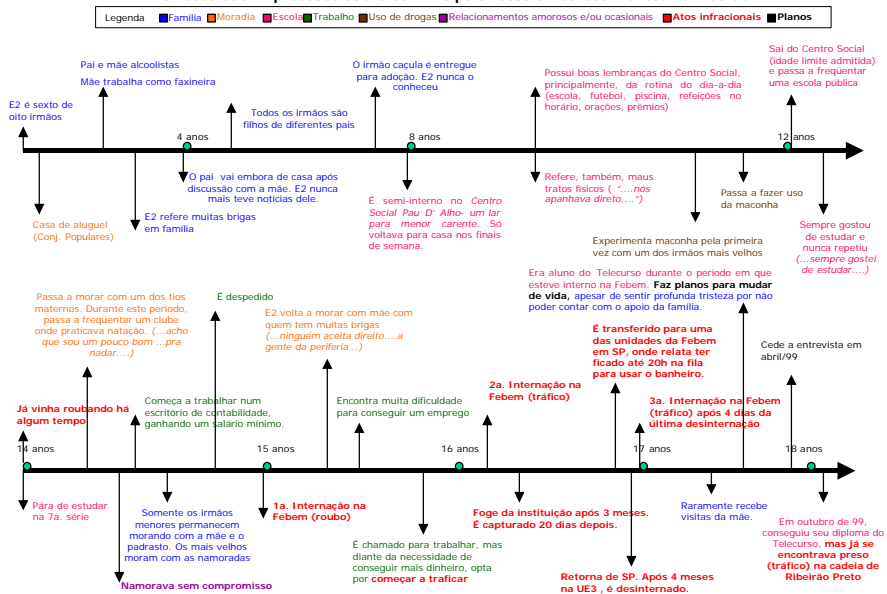
Contexto da realização da entrevista com E2 (17 anos)

Abril /99 - cheguei ao pavilhão no horário marcado. Durante meu percurso até o pavilhão 5 pude ouvir gritos e perceber a tensão do ambiente por conta da tentativa de fuga de dois jovens internos nesse pavilhão. Diante dos insistentes apelos de uma monitora, a fuga não ocorreu. O local da entrevista foi improvisado numa pequena saleta, recém pintada de amarelo, sem janelas, interruptores ou móveis no próprio pavilhão em que E2 estava internado. A iluminação era natural. E2 cedeu a melhor cadeira para mim. E2 quis ler o rapport e pediu para ler as perguntas do roteiro antes de aplicá-lo. Deixei. E2 concordou em ceder a entrevista que durou uma hora. A entrevista transcorreu com tranquilidade e sem interrupções. Saindo dali, dirigi-me à sala das técnicas que permitiram que eu visse a ficha de E2. Saí da instituição às 18h15m.

Minhas impressões sobre E2: E2 é negro, cabelos bem crespos, olhos castanhos e mede aproximadamente 1,80m. É forte, corpulento, muito educado e gentil. Estava muito deprimido, pois já fazia dez meses que estava na instituição e nunca havia saído para passear. E2 freqüentava a escola na UE3 e as aulas de computação. No dia da entrevista, usava bermudas, chinelos de dedo e camiseta branca.

Visão de si: considera-se uma pessoa pacífica, mas não bonito. Sente-se orgulhoso por nunca ter repetido de ano na escola. Percebe-se um bom nadador e avalia positivamente seu desempenho na computação. Sente-se discriminado por morar na periferia. Não se vê como alguém que transgrediu a lei, diz não ter encontrado outra alternativa para sobrevivência, senão a prática de atos infracionais. Considera-se esforçado por trabalhar desde os quatorze anos para ganhar um salário mínimo/mês.

Síntese das Impressões sobre os Principais Fatos e Acontecimentos na vida de E2



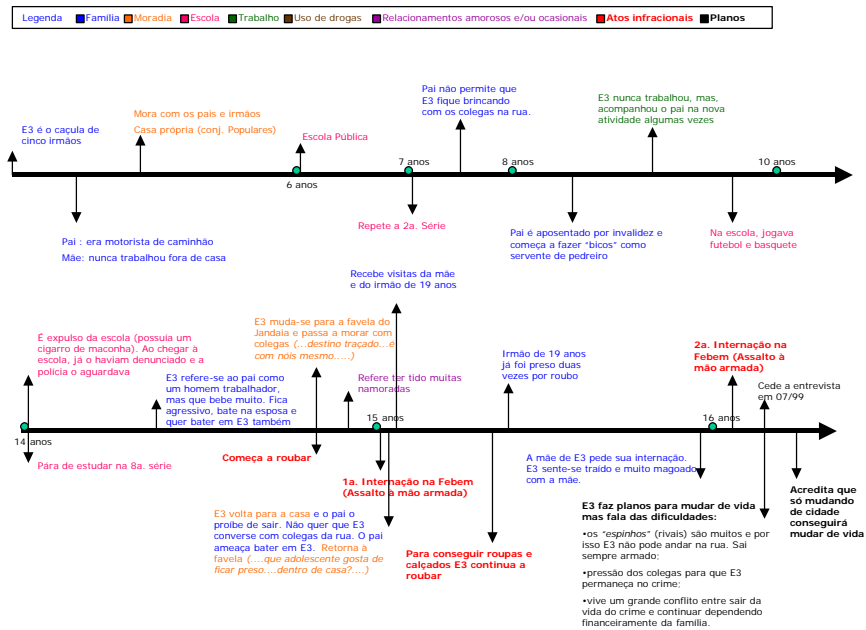
Contexto da realização da entrevista com E3 (16 anos)

Julho/99 - No dia da entrevista, E3 estava no pátio empinando pipa com os colegas. Atendeu ao meu convite prontamente. Utilizamos a mesma sala adjacente à das técnicas. E3 consentiu em participar do estudo tendo lido o roteiro antes de responder. Apesar da fala concisa, não se intimidou com o gravador. Era solícito, mas tinha pressa em responder. Enquanto eu aguardava a finalização de cada resposta, ele dizia: “.....pode perguntar, senhora.....pode continuar...”. Eu não soube identificar se essa “pressa” foi pelo horário do almoço que estava se aproximando, se pelas pipas que ele havia parado de empinar, ou ainda, se ficou ansioso em responder às perguntas. A entrevista durou uma hora.

Minhas impressões sobre E3: é moreno, possui cabelos crespos e bem curtos. É alto e magro. Seus olhos são castanhos escuros. Tinha visível um bigode ralo. Não é de falar muito, mas é bastante observador. Usava uma camiseta escura, estampada com o logo de um conjunto de rap, bermuda jeans larga, chinelos de dedo e boné. Trazia pendurado no pescoço um enfeite feito de linha de seda laranja, trançado à mão (tipo de artesanato muito utilizado e confeccionado pelos jovens na instituição), com uma cruz na extremidade recoberta com o mesmo tipo de trançado. Não freqüentava a escola, nem as oficinas na UE3

Visão de si: percebe-se vaidoso e um grande conquistador, embora namore sem compromisso. Percebe-se como “adolescente típico” e muito brincalhão. Considera que praticou uma infração leve, mas acredita ter nascido com o destino traçado, que “nasceu para ser o que é”. Sente-se traído pela mãe que solicitou sua internação e abandonado pela família que não lhe dá apoio.

Síntese das Impressões sobre os Principais Fatos e Acontecimentos na vida de E3



Contexto da realização da entrevista com E4 (18 anos)

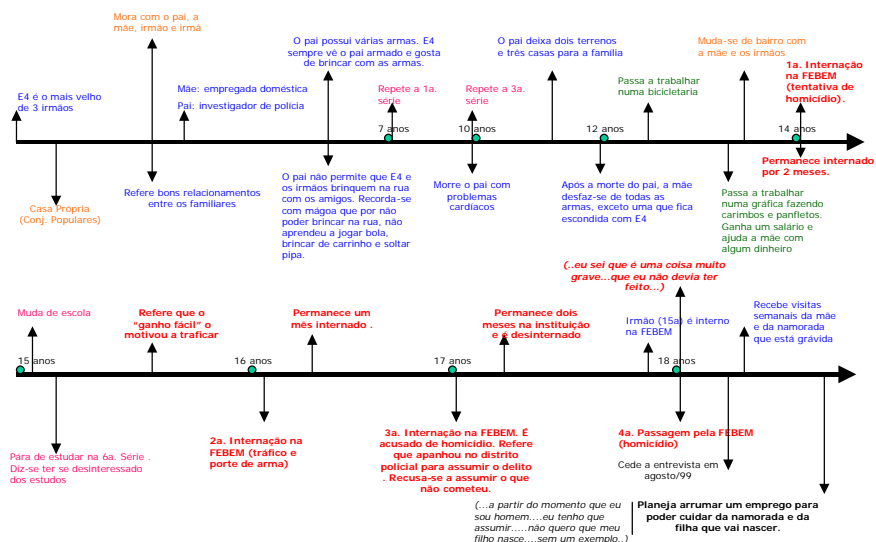
Agosto/99 – Aguardei no pátio até que E4 descesse. Fomos à sala adjacente à das técnicas. Não se intimidou com o gravador e me pareceu à vontade. Somente quando as questões feitas estavam associadas ao pai e à sexualidade é que E4 se mostrou tenso. Nesses momentos, disse a E4 que se quisesse poderíamos interromper a entrevista. Respondeu que não era necessário. Normalmente, E4 fala pouco, mas estava muito disposto a colaborar com o estudo. Em alguns momentos, precisei esclarecer e esmiuçar as questões, pois E4 parecia não compreender o que estava sendo perguntado. Após a entrevista, que durou 55 minutos, reunimo-nos no pátio do pavilhão 6 com todos os adolescentes da UE3, monitores, coordenadores equipes diretiva e técnica, além dos integrantes da equipe do NEPDA e o juiz da Vara da Infância e Juventude para discutir as reivindicações feitas pelos adolescentes, num evento denominado “Negociação de Paz”.

Minhas impressões sobre E4: é um rapaz alto, medindo aproximadamente 1,80m, corpulento, cabelos curtos, castanhos escuros, lisos e espessos. Tem olhos castanhos e pele muito clara. É tímido. E4 falava baixo e compassadamente e, às vezes, tinha o olhar fixo e brilhante. Usava camiseta branca, bermuda com bolsos grandes e chinelos de borracha. Frequentava todas as atividades oferecidas pela UE3. Tinha tão bom conceito entre os funcionários que E4 transitava livremente pela Unidade sem acompanhantes.

Visão de si: considera ter sido ganancioso e lamenta ter se envolvido em práticas infracionais, pois agora que vai ser pai deseja tornar-se um bom exemplo para o filho que vai nascer. Vê-se como um “homem de verdade” por assumir seus atos.

Síntese das Impressões sobre os Principais Acontecimentos e Fatos na vida de E4

Legenda: Família Moradia Escola Trabalho Uso de drogas Relacionamentos amorosos e/ou ocasionais Atos infracionais Planos



Contexto da realização da entrevista com E5 (18 anos)

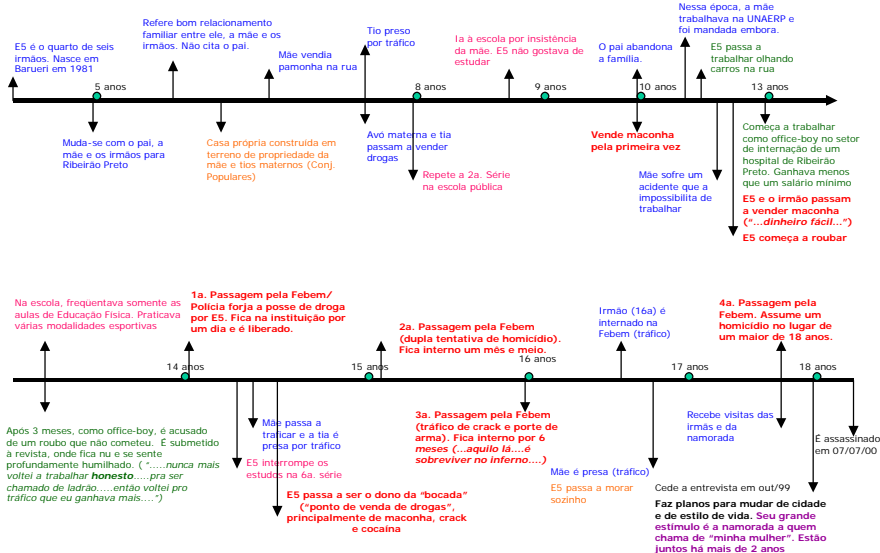
Outubro/99 - A entrevista foi realizada na saleta que o NEPDA dispunha na instituição até o início de 2000. Ficava localizada num corredor de passagem ao lado de outras saletas semelhantes, mobiliada com um armário de ferro, uma mesa redonda e quatro cadeiras. Além da porta de madeira, a saleta possuía um grande visor de vidro (1m x 1m). Este local passou por reformas depois de um incêndio provocado pelos adolescentes após uma rebelião. Durante a realização da entrevista, tivemos algumas interrupções. E5 concordou em ceder a entrevista que durou 1h15m.

Minhas impressões sobre E5: E5 era um jovem de estatura mediana (entre 1,60m e 1,70m), troncudo, de pele clara, cabelos bem curtos castanhos claros, olhos castanhos, maçãs do rosto salientes, muito sorridente e falante. Expressava-se com grande espontaneidade. Pude presenciar seu contato carinhoso com a sobrinha que veio com a cunhada, casada com um irmão de E5 que, também estava interno na unidade. No dia da entrevista, trajava camiseta branca, bermuda jeans e chinelos de dedo. Frequentava somente a escola na UE3. E5 foi assassinado em 07/07/2000 em Ribeirão Preto.

Visão de si: percebia-se como “herdeiro de uma bocada” e provedor da família. Dizia-se apaixonado por uma moça que namorava há dois anos e com quem queria constituir família. Via-se como alguém ruim somente quando o agrediam. Sentia-se injustiçado e prejudicado, pois não desfrutava dos mesmos privilégios que outros internos na Unidade. Considerava-se forte e corajoso por ter sobrevivido à internação nas Unidades de São Paulo.

Síntese das Impressões sobre os Principais Fatos e Acontecimentos na vida de E5

Legenda: Família Moradia Escola Trabalho Uso de drogas Relacionamentos amorosos e/ou ocasionais Atos Infracionais Planos



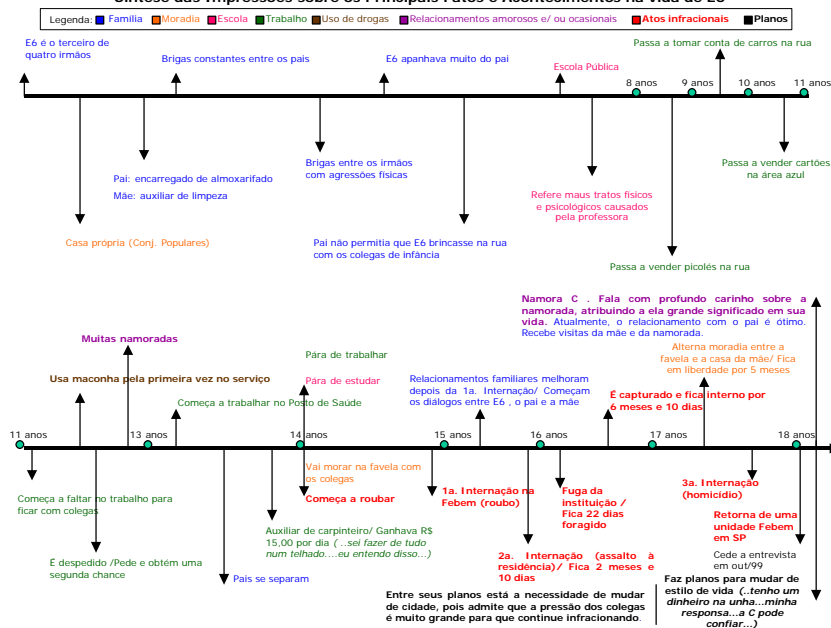
Contexto da realização da entrevista com E6 (18 anos)

Outubro/99 - Eram 13h50 e os adolescentes desse pavilhão estavam se dirigindo ao campo de futebol (“Canindé”) para jogar. E6 estava muito satisfeito e preferiu ceder a entrevista a jogar bola. O local da entrevista foi o próprio quarto de E6. Estava muito limpo e arrumado, forrado com lençóis nas paredes e teto, com varal para toalha de banho e roupa em uso. Tinha vários recortes de revistas com mulheres nuas ou semi-nuas. Aos pés da cama, as roupas lavadas e bem dobradas pareciam passadas a ferro. Estávamos sob os olhares atentos de monitores que não chegaram a nos interromper. E6 não parecia constrangido com nada e tentava me colocar o mais confortável possível. Aceitou e agradeceu pela participação no estudo. A entrevista terminou às 15h05.

Minhas impressões sobre E6: é um rapaz alto, forte, pele muito clara, cabelos louros curtos, olhos castanhos claros, unhas roídas, rosto como maçãs rosadas e com várias espinhas. Muito expansivo e alegre. Fala alto e gesticula bastante. Possui um sorriso largo, dentes grandes e perfeitos. A barba estava ligeiramente crescida. Usava camiseta branca, bermuda preta de algodão e chinelos de borracha. Não freqüentava a escola, nem as oficinas na UE3, embora circulasse livremente pela Unidade.

Visão de si: percebe-se responsável e bastante confiável. Considera grave sua última infração, mas acredita que o fez por lealdade. Percebe-se inteligente e habilidoso pelos trabalhos como ajudante de carpintaria. Diz-se apaixonado pela namorada e muito feliz com ela. Refere que ficou muito triste com a perda do bebê que estavam esperando. Sente-se o provedor da família que pretende constituir e diz-se precavido, pois tem algum dinheiro guardado para o começo da nova vida.

Síntese das Impressões sobre os Principais Fatos e Acontecimentos na vida de E6



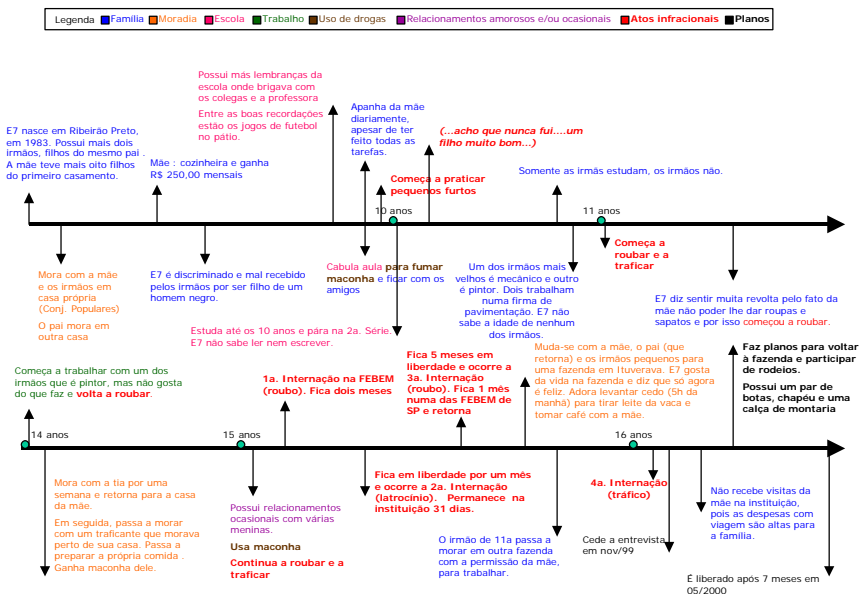
Contexto da realização da entrevista com E7 (16 anos)

Novembro/99 - conhecia E7 de outra vez em que esteve internado. Os adolescentes do Pavilhão 1 estavam isolados e com medo de invasões. Não desciam para o pátio, nem para tomar sol. As únicas pessoas que viam eram os monitores, os coordenadores e nós, do NEPDA. E7 não sabe ler nem escrever. Li o rapport e ele disse que concordava em ceder a entrevista. Trouxe o próprio colchão para sentarmos e fazermos a entrevista ali mesmo no pavilhão, uma vez que o trânsito pela unidade era impossível. O gravador não causou incômodo a E7 e a entrevista transcorreu sem interrupções. E7 pediu-me para ajudá-lo com a documentação (RG e Título de Eleitor) pois precisa deles para se inscrever nos rodeios. Procurei o encarregado pelo setor e falei sobre o caso. A entrevista durou 1h05m.

Minhas impressões sobre E7: é um jovem de estatura mediana, corpo franzino, olhos castanhos claros, cabelos crespos bem curtos castanhos, pele clara. Não possui todos os dentes. É falante e sempre muito atencioso com a equipe. Conta os minutos para poder voltar à fazenda e trabalhar com a mãe e o pai que há muitos anos estava longe. Trajava uma bermuda jeans, chinelos de dedo e camiseta. Não freqüentava qualquer atividade oferecida pela Unidade, pois o clima de medo imperava.

Visão de si: sente-se discriminado desde a infância pelos outros irmãos, por ser filho de um homem negro. Considera-se inferior por pertencer a uma família pobre e não poder se vestir como gostaria (“...eu sempre usando uma roupa de PObre...uma roupa FEia pra caramba...//minha mãe não é rica...todo mundo mora numa periferia.....”). Considera-se sossegado e por isso acredita que é bem tratado pelos monitores. Acha que desde pequeno nunca foi um filho muito bom.

Síntese das Impressões sobre os Principais Fatos e Acontecimentos na vida de E7



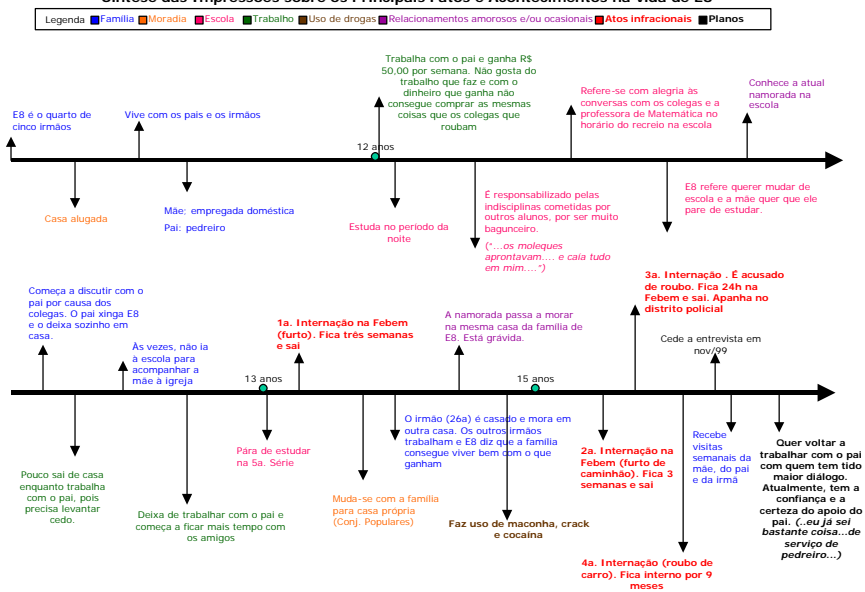
Contexto da realização da entrevista com E8 (15 anos)

Novembro/99 – Adolescentes do Pavilhão 1 haviam sido transferidos para o pensionato. Estavam deprimidos e não existia clima para trabalho. Então, resolvemos deixar o aparelho de som ligado entre os dois cômodos. Permanecemos 1h e meia, com cada grupo, aproximadamente. E7 comentou que sua documentação já estava sendo providenciada. Ambos ficamos satisfeitos. A entrevista com E8 foi marcada para o período da tarde desse mesmo dia. Realizei a entrevista, logo na porta de entrada do quarto comum. Tinham nove adolescentes no mesmo ambiente. Privacidade para a entrevista estava difícil. Enquanto os outros estavam entretidos com papéis e canetas, revistas e baralho, eu e E8 pudemos trabalhar. Tivemos algumas interrupções. E8 concordou espontaneamente em ceder a entrevista.

Minhas impressões sobre E8: é um rapaz magro, de cabelos anelados castanho-escuros, mais comprido do que o comprimento utilizado pelos outros rapazes. Olhos castanhos, estatura mediana (entre 1,60m e 1,70m). Muito observador e mais quieto que o restante do grupo. Não utilizava o vocabulário da maioria dos adolescentes internos. Estava ansioso pelo nascimento da filha. Sua única alegria eram os finais de semana, quando recebia visitas. O restante do tempo, E8 e os demais, permaneciam trancados. Não freqüentava qualquer atividade na UE3.

Visão de si: considera-se sossegado, uma pessoa tranqüila. Sente-se abandonado e traído pelos colegas que prometeram mandar cigarros e não cumpriram. Diz estar bastante familiarizado com a profissão do pai e considera-se um bom profissional. É caseiro e está apaixonado pela namorada que se encontra grávida. A idéia de ser pai anima E8 e lhe dá forças. Refere-se às infrações praticadas como uma molecagem.

Síntese das Impressões sobre os Principais Fatos e Acontecimentos na vida de E8



Contexto da realização da entrevista com E9 (17 anos)

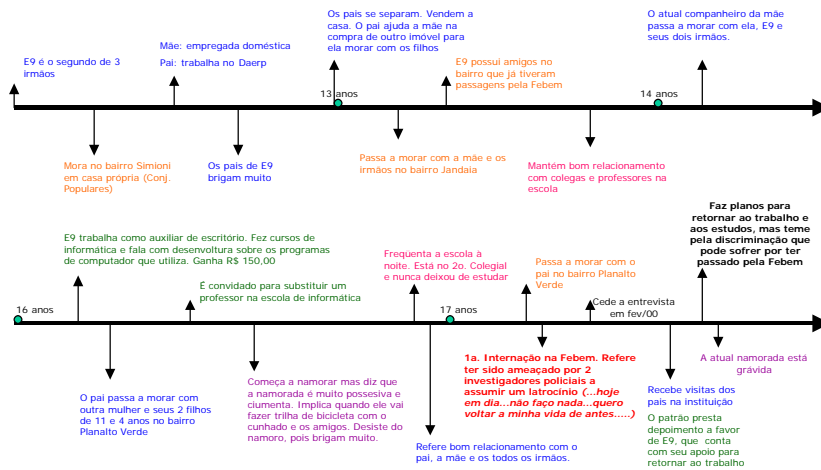
Fevereiro/2000 – retornei ao pensionato, pois uma entrevista realizada em dezembro não havia ficado boa. A monitora tinha a chave do cadeado e os jovens se comprometeram em me receber sem tumultos ou tentativas de fuga. Cumpriram. Nesse cômodo estavam seis jovens e do outro lado, dois. Infelizmente não havia outro local para realizarmos a entrevista. Eles colaboraram como puderam. Diminuíram o volume do rádio, arrumaram colchões e forraram com cobertor para que eu me sentasse, fizeram uma pequena roda enquanto comiam e conversaram um pouco durante a refeição. Após esclarecer sobre o estudo, através do *rapport*, E9 concordou em participar. Usava a roupa com a qual dormiu. Bermuda e camiseta.

Minhas impressões sobre E9: é um rapaz alto, magro, musculoso, cabelos e olhos castanhos. É branco. Sua voz é calma e pausada. Algumas respostas foram lacônicas. Fiquei frustrada, mas não há quem não se deprima nessas condições. Dias antes, E9 estava falante e questionando tudo dentro da instituição. Neste dia, estava visivelmente abatido e achei até que emagreceu. Era a primeira vez que passava pela instituição. Pareceu-me bastante familiarizado com os programas de computador com os quais operava no escritório em que trabalhava antes da internação.

Visão de si: percebe-se ocioso, principalmente, quando compara o ritmo acelerado em que vivia antes de ser internado. Acha-se inconformado por estar ali, mas confiante pelo advogado que o pai contratou. Acredita que possa ser discriminado por ter sido interno na FEBEM. Considera-se um bom ciclista e diz possuir muita facilidade para lidar com computadores. Sente-se valorizado pelo antigo patrão, que refere aguardar sua saída da UE3 para admiti-lo novamente no trabalho.

Síntese das Impressões sobre os Principais Fatos e Acontecimentos na vida de E9

Legenda: Família Moradia Escola Trabalho Uso de drogas Relacionamentos amorosos e/ou ocasionais Atos infracionais Planos



Contexto da realização da entrevista com E10 (16 anos)

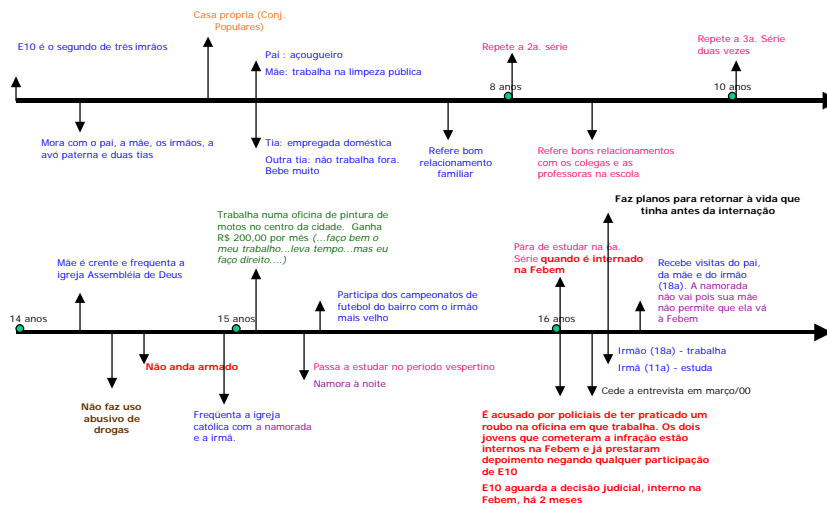
Março/2000 – Apesar de pintada, a instituição mantinha o mesmo clima de cárcere. Alguns agentes de educação assumiram a mesma postura de alguns monitores, ou seja, a de vigias. Dirigi-me até o pavilhão 4 para me encontrar com E10 e E11. Após o *rapport*, ambos concordaram em participar. Os monitores prontificaram-se para arrumar um local mais tranqüilo, pois no pavilhão estavam vários internos assistindo à TV. E10 e eu descemos para o pátio (pátio do antigo pavilhão 7, meu primeiro local de trabalho com os adolescentes em 98) e iniciamos a entrevista com o consentimento de E10. Durou pouco mais de 1h.

Minhas impressões sobre E10: é um jovem negro com cabelo pixaim, olhos castanhos escuros e dono de um sorriso largo e simpático. Fala baixo, com muita tranqüilidade. É muito educado e gentil, mas bastante tímido. Não apresenta os mesmos trejeitos e gírias ao falar que os outros internos. Para mim, é um “peixe fora d’água” e acredito que ele tenha sido vítima de uma grande injustiça policial. Não me pareceu muito entrosado com os outros internos e é tratado de modo distante pelos outros. Frequentava a escola da UE3. No dia da entrevista, usava bermuda larga, camiseta e chinelos de borracha.

Visão de si: organizado e bastante trabalhador. Sente orgulho de seus pais e irmãos. Considera-se bastante habilidoso no trabalho de recuperação de pinturas de motos que fazia antes da internação. Sente-se injustiçado pela atribuição de um delito que afirma não ter praticado, mas sente-se confortado pelo apoio da família, que o visita semanalmente. Avalia como fraco o ensino dentro da Unidade e considera-se mais preparado que a maioria para frequentar o mesmo nível escolar.

Síntese das Impressões sobre os Principais Fatos e Acontecimentos na vida de E10

Legenda: Família Moradia Escola Trabalho Uso de drogas Relacionamentos amorosos e/ou ocasionais Atos infracionais Planos



Contexto da realização da entrevista com E11 (16 anos)

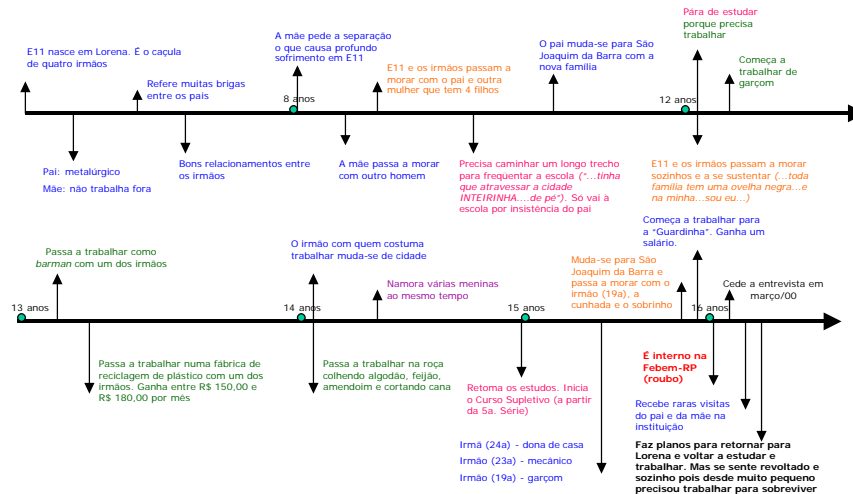
Março/2000 - Após a entrevista com E10, E11 se aproximou trazendo consigo o orçamento do porta-jóias que estava confeccionando no pavilhão e pelo qual me interessei. Tratava-se de um porta-jóias, feito à mão, de palitos e fios de lã. Estava muito bonito, mas o preço solicitado por E11 estava alto. Agradei e demos início à entrevista ali no pátio. Conforme o tempo passava, alguns adolescentes desceram e começaram a jogar sinuca. Era impraticável continuarmos a entrevista e decidimos mudar de lugar. Durante a entrevista, precisamos mudar de lugar mais uma vez, o sol estava muito quente e começou a bater exatamente onde estávamos. E11 consentiu em ceder a entrevista e não se intimidou diante do gravador. A entrevista durou 1h e 50m.

Minhas impressões sobre E11: é um jovem de pele clara, com espinhas no rosto, cabelos e olhos castanhos. Possui olhos miúdos e agitados. É alto e magro. É falante, observador e muito habilidoso com trabalhos manuais. É extrovertido e gesticula enquanto fala. Emocionou-se várias vezes, durante a entrevista, principalmente, quando falava dos pais e do pequeno sobrinho que não vê há três meses. Pareceu-me muito inteligente. Freqüenta todas as atividades oferecidas na UE3.

Visão de si: descreve-se como o “ovelha negra da família” e sente-se envergonhado de ter praticado um ato infracional. Acredita que se deixou influenciar pelo momento, pelo grupo e pelo sabor da aventura. Sente-se abandonado desde criança e diz-se inconformado por ter assumido tão prematuramente a responsabilidade de se manter sozinho, trabalhando desde os doze anos de idade. Teme ser discriminado por ter sido interno na FEBEM.

Síntese das Impressões sobre os Principais Fatos e Acontecimentos na vida de E11

Legenda: Família Moradia Escola Trabalho Uso de drogas Relacionamentos amorosos e/ou ocasionais Atos infracionais Planos



De modo geral, os jovens entrevistados vêm-se de maneira positiva, considerando-se pacíficos, leais e bons, embora alguns refiram que nem sempre conseguem manter a calma quando provocados ou agredidos. Essas identificações parecem oscilar em outros momentos, como é exemplo vivido por E5 no trabalho, quando aos treze anos, após três meses atuando como office-boy, é acusado de um roubo e submetido à revista, na qual fica nu e refere ter se sentido muito humilhado e revoltado, preferindo retornar às atividades ilegais ligadas ao tráfico a ser identificado como “ladrão” quando tentava ganhar a vida honestamente.

No processo de identificações, a super valorização de uma delas acaba por discriminar e separar, impedindo que a identidade seja ao mesmo tempo transformadora e afirmativa de um modo de ser (SAWAIA, Op. cit.), em outras palavras, o que identifica passa também a excluir.

A construção da identidade desses jovens é uma identidade construída nas relações cotidianas concretas, que não oferecem estabilidade material, afetiva e familiar, cujos rompimentos diários, em diferentes níveis, levam à sobrevivência no plano do imediato (VIOLANTE, 1989). São bons e são maus, honestos e ladrões, leais e vingativos, numa ciranda de categorizações que reafirmam a visão que têm de si, ao mesmo tempo em que se opõem, ou negam o que lhes é atribuído, e que fazem com que a identidade continue a ser usada para manter a lógica excludente numa sociedade hierarquizada e disciplinadora das relações.

Apesar de todo o sofrimento, os jovens entrevistados ainda são capazes de pensar no futuro, de realizar planos e apontar saídas para viver uma vida que é considerada por eles como “normal”, uma vida a que têm direito e que lhes é constantemente negada.

6. O FUTURO: cotidianos de esperanças

6.1. Os planos

As falas sobre o futuro carregam o desejo de mudança, as expectativas, os planos e os sonhos de cada um. Falam de um futuro próximo, no qual a mudança de estilo de vida está presente, ainda que de maneira genérica e limitada. Para eles, mudar de estilo de vida é o mesmo que “ficar sossegado”, “estar de boa”, ou ainda, “ficar de boa do crime”. É o mesmo que estar longe de um estilo de vida considerado cruel e infernal.

“... alguns quer sim.... senhora... OH.... eu vou falar a verdade.... A MAIORIA.... A MAIORIA..... eles pensa em mudar.....quer mudar quer sair..... quer parar de dar tiro nos outro... porque essa vida é cruel.... é do cão... mesmo....”

E6 (18 anos)

No grupo entrevistado, alguns adolescentes sonham com uma vida diferente da que levavam antes da internação, e almejam uma “vida normal”, que inclui família, trabalho, paz e mais tempo de vida.

“.. todo mundo sonha tê/ uma família..//...um trabalho.... né senhora..//... de tê/ uma vida normal.... viver mais.... não morrer com quinze...dezesseis ano... ficar levando tiro na cara... ser morto pela polícia... ninguém qué/ isso.....”

E2 (17anos)

A família parece ser uma referência importante no mundo, fonte de felicidade, mesmo quando ela é idealizada.

Para aqueles que têm namoradas e/ou “mulheres” e filhos, a afetividade emerge como mola propulsora para alcançar a mudança, que parece trazer sentido e encantamento à vida desses adolescentes, como um caminho que os leva a uma visão mais digna e valorosa de si mesmos. A fala de um dos entrevistados exemplifica isso.

“...dessa vez é que tá diferente....e é porque eu tô com a minha mina....né senhora?...ela faz sentido na minha vida....eu parei com muita coisa que eu fazia....por causa dela...e mesma coisa ela....também....ela largou mão de muita coisa....por causa de mim....tá ligado?...é que NÓS SE GOSTA....né senhora?...nós tá VENDo....que é a nossa cara....é ficar mesmo....”

(E6, 18 anos)

Correspondidos no afeto, referem-se envolvidos num clima de emoção que parece fortalecer vínculos e estimular a elaboração de planos num processo de emancipação mútua que conduz à felicidade.

O trabalho é visto como forma de ascensão social e sustento, e encarado como forma de regeneração diante do grupo familiar e da sociedade, embora nem sempre haja especificidade no tipo de trabalho a ser realizado.

“...qualquer trabalho tá valendo..... porque a minha família.... ela não admite que eu tô nessa vida.... né senhora.//minha mãe tem vergonha”

E3 (16 anos)

“...eu pretendo sair daqui e ir pra L.....pra trabalhar....essa vida não é pra mim não.....vou morar com meu irmão....todo mundo lá me conhece.....e ia vê que eu não tenho mais nada com isso((referindo-se à vida do crime)).....ia ter minhas coisa sem precisar de pedir ..pra...ninguém....”

E11 (16 anos)

Para outros adolescentes, a entrevista propiciou momentos de recordação sobre as atividades de trabalho que já haviam desempenhando na vida, antes da internação, nas quais referem-se competentes, manifestando o desejo de retomá-las. São elas: ajudante de carpintaria, garçom, peão de boiadeiro, ajudante de pedreiro, ajudante de escritório, operário de fábrica, professor de computação e pintor de moto.

Os planos desses jovens também incluem a retomada dos estudos e a prática de esportes.

“.....AH:::.....quero voltar à minha vida de antes.....quero voltar a estudar.....a trabalhar.....ajudar minha família...e fazer ciclismo....”

E9 (17 anos)

“.....quero voltar pra casa....com a minha mãe....meu pai....meus irmão.....voltar pra escola....pro trabalho.....jogar futebol de Sá::bado....tudo isso....”

E10 (16 anos)

No entanto, o desejo de mudança não é compartilhado por todos. Segundo os adolescentes entrevistados, de um modo geral, existem internos da FEBEM-RP que querem mudar de vida, enquanto outros não. Vale lembrar que são falas carregadas de contradições que oscilam entre o permanecer e o mudar, ao mesmo tempo em que apresentam reflexões diante dos questionamentos feitos durante as entrevistas, como exemplificado pela fala de E1 (16 anos).

Cissa: na tua opinião...os jovens que estão na FEBEM....querem mudar de vida?

“..... não tem esse negócio de mudar....quem fala/ que vai mudaré mentira....eu memo...quando saí daqui.....não vou mudar não....vou cuidar da minha filha...assim...não vou deixar faltar nada pra ela...mas

trabalhar eu não voupra ganhar cento e trinta real por mês?.....isso eu faço em meia hora.. e faço até o dobro.....se eu catá um caminhão.....faço duzentostrezentos real.....em dez....quinze minuto.....imagina eu catando todo dia..//...eu também tenho o desmanche de carro do meu pai....ainda vou decidir....”

E1 (16 anos)

“....quéqué.....né senhora.....mas chega na rua.....precisava não mexer mais com droga....roubar...arrumar um serviço.....”

E1 (16 anos)

Pode-se dizer que, a percepção negativa sobre o trabalho e a visão que E1 têm de si, como herdeiro da vida delituosa do pai, constituem-se em alguns dos motivos atribuídos por ele e por outros entrevistados que favorecem a reincidência em atos delituosos e/ou parecem impedir a concretização de mudanças.

6.2. As dificuldades: um ciclo perverso

Segundo o grupo estudado, a realização dos planos pode ser dificultada e/ou impedida por motivos que estão intimamente ligados àqueles apontados pelos jovens para terem entrado em conflito com a lei, dentre os quais destacam-se a pressão do grupo de pares, a crença no destino, as rígidas regras de convivência, a existência de espinhos e a visão estigmatizada da sociedade sobre eles.

O grupo parece exercer forte pressão sobre seus pares para que ocorra a reincidência em atos infracionais, atacando a virilidade daquele que não deseja mais praticar delito, como forma de coação. Segundo os entrevistados, a pressão do grupo de pares deve ser driblada gradual e lentamente até que possam se desvencilhar. O afastamento do grupo parece ser bastante difícil, visto que muitas vezes, o grupo constitui-se na única referência no mundo para alguns deles.

*“.....sai pro mundão....e tá lá....as mesma amizade de antes....//....você já tem um conceito com os cara.....//..não dá pra deixar os cara falando....//.....é os irmão....que é tudo aliado mesmo na fita.....correndo lado a lado com nós...agora...TUDO TEM JEITO....só não muda quem não quer...porque tudo tem jeito....só que é aos poucos...não é assim....de uma hora para outra....a senhora tem que Ter OPINIÃO....TEM QUE TER....porque é muita....MUITA gente COLANDO....e pá.....-- ...vamo fazer um assalto?.....--
....ah não.....eu tô à pampa.....—..IH....TÁ COM MEDO.....puxou uma febenzinhaela te apavorou.....--
(E6, 18 anos)*

Na opinião de E3, para vários jovens autores de delito, inclusive ele, a permanência na vida do crime está associada à crença ingênua de uma predestinação.

“.....na minha opinião...têm vários que quê...têm vários que nasceu pra essa vida....e têm vários que não nasceu pra essa vida....//....eu acho que eu já nasci pra sê isso.....destino traçado.....é com nós mesmo senhora.....”

E3 (16 anos)

A dura realidade a que estão submetidos talvez fique mais suportável sob a pele da credulidade débil no destino, que vem marcada pela contradição entre ser detentor do poder de decisão sobre a vida de outrem, mas não, sobre a sua própria.

A fragilidade na crença sobre o “destino traçado” é exemplificada na fala de E5 no momento em que percebe que sua vida pode estar sendo ameaçada por um rival. E5 “modifica” o destino, de tal sorte, que seu inimigo é morto “antes da hora”.

“....AH.....senhora.....eu TAVA mudado.....eu tava na rua.....tava sossegado.....mas sempre tive com revólver.....porque também.....não sou bobo....eu tenho

a minha hora.....isso eu sei...mas se alguém quiser adiantar a minha hora....eu adianto a dele primeiro...né senhora?.....”

(E5, 18 anos)

Em nome das regras de convivência e da crença em um “destino traçado”, eles continuam a morrer e a matar, num processo de aniquilamento do próprio estrato social em que vivem. Relembrando OLIVEIRA & ASSIS (1999), “.....passam a ser os executores últimos de sua própria gente” (p.843)

Assim, as rígidas regras de convivência, dentre outras, parecem estar em conluio, contribuindo para a descontinuidade de seus planos.

As falas dos entrevistados traduzem um ciclo perverso criado a partir dessas regras e da imagem que a sociedade tem deles que ajudam a reforçar a idéia de um caminho sem volta. Dessa forma, qualquer esperança no sentido de mudar de vida parece cair em descrédito, desembocando num fatalismo cruel.

“.....nós não samo delinqüente....que nem dizem por aí.....nós samo GENTE.....só que a gente errou.....”

(E7, 16 anos)

“.....mudar o jeito de vida?....na hora que você tá naquela periferia lá você pensa...que não vai dá nada...mas a hora que você olha pra trás e vê os problemas que já arrumou agora....aí fica difícil voltar atrás né senhora....”

(E2, 17 anos)

“.....na minha opinião têm vários que qué mudá de vida....mudá até de bairro.....até de cidade.....por causa de espinho.....porque espinho é problema.....você não pode andar sossegado....não pode dá pião com uma mina no centro da cidade...ir num cinema...a senhora já tromba um espinho...por isso....a senhora tem que andar sempre em cima...sempre em cima com um

revólver...porque qualquer coisa que acontecer..já saca.... porque se não matarvai morrer.....é desse jeito.....é cruel....você tem que matar pra não morrer.....”

(E3, 16 anos)

A mudança implica na interrupção da prática de atos delituosos e na saída do mundo do crime onde o risco de morte é referido como iminente em vários momentos e circunstâncias de suas trajetórias, seja pelos rivais ou pela polícia. Têm consciência disso, mas parecem perceber na mudança de estilo de vida uma oportunidade para continuarem vivos, ao mesmo tempo em que se percebem mais vulneráveis.

Cissa: na tua opinião...os jovens que estão na FEBEM....querem mudar de vida?

“.. ah:::::.....eu acho que querem sim viu senhora.....porque ninguém quer morrer não.//...morrer com quinze.....dezesseis ano?.....ficar levando tiro na cara....ser morto pela polícia?.....ninguém qué isso.....”

(E2 , 17 anos)

“....quéqué.....né senhora.....mas chega na rua..... precisava não mexer mais com droga....roubar....arrumar um serviço.//....aí eu arrumo um serviço...vou trabalhar desarmado.....numa boa...aí seus espinho sabe....e tá te esperando em algum lugar ...e aí...pá...pá...mata eu....NOSSA...mudar de vida?....posso até mudar...mas vou carregar uma nove milímetro...e uma oitão.....com dezesseis tiro....né senhora.....eu vou com ela na cinta...engatilhada...sóco a mão...se eu ver nego meio estranho já sapeco.....morrer tão cedo eu não quero não senhora.....”

(E1, 16 anos)

À mudança de estilo de vida se sobrepõe o desejo de continuar vivo num “território” que parece carente de espaços para negociações e do qual não é tão fácil se desvencilhar. E6 ressalta as regras de convivência no mundo do crime, parecendo discordar delas e questionar tal rigidez.

*“.....quer mudar....quer sair.....quer parar de dar tiro nos outro...porque essa vida é cruel...é do cão mesmo.....é a lei do cão....ou você mata.....ou você morreé tudo ou nada....você tá aqui....e não sabe se amanhã você tá vivo.....vendo uma pá de coisa feia....vendo neguinho morrer toda hora.....não é verdade?.....tomando facada....**ÀS VEZ pensa que a gente não liga....eu ligo pra essas fita SIM.....//.....essas fita aí no crime... é problema... porque.....eu não queria matar ninguém não..//....só que catou o Z...aí é problema...porque o Z.....é IRMÃOZÃO MEMO...o Z...mora lá também...ele é firmeza..”***

(E6, 18 anos)

E6 refere se sentir tocado com a violência na vida cotidiana e sensibilizado com o fato de ter tirado a vida de outro jovem, encontrando na própria sobrevivência, uma justificativa para o seu ato. Diante de tal rigor, o valor da vida parece questionável, sendo banalizado dependendo da posição que se ocupa.

No trecho em negrito, E6 deixa transparecer sua percepção sobre a imagem desumanizada que a sociedade parece atribuir, não só a ele, mas, aos adolescentes que praticaram infração, como se o fato de terem praticado delito os desabonasse da condição humana, “tornando-os insensíveis” e desacreditados como pessoas, numa lógica que sugere ausência de sentimentos daqueles que vivem essa realidade.

No entanto, a idéia da irreversibilidade nesse modo de vida fica desacreditada quando os jovens entrevistados falam de seus planos. Apesar das múltiplas dificuldades e sofrimentos cotidianos, eles ainda são capazes de se encantar com a vida e ter esperanças de um futuro melhor. São capazes de apontar saídas e realizar propostas que possam tornar concretas suas esperanças diárias.

6.3. As Propostas

Na opinião dos jovens entrevistados, as mudanças em suas vidas incluem propostas, dentro e fora da Unidade de Internação, que parecem se aproximar de seus planos no dia-a-dia, mas que vão além de suas aspirações. Soam como pedidos de ajuda que precisam não somente ser ouvidos, mas apoiados nessa empreitada.

Dentro da UE3, o grupo entrevistado sugere reformas na parte estrutural do prédio⁵¹, a implantação e/ou a reativação de cursos⁵², e principalmente, o apoio de profissionais qualificados que possam atuar, desde a de internação, no processo de mudança de suas vidas, ainda que seja uma proposta com visão equivocada, ligada à recuperação.

“.....acho que tipo assim....tinha que ter umas pessoas acostumada nisso.....fazer um trabalho.....desde o começo....tipo.... de recuperação.....porque têm alguns que tem recuperação.....conversar com eles.....dá uma oportunidade pra eles.....pra mudar de vida.....”

E4 (18 anos)

“.....arrumar os pavilhões.....construir mais quadra de futebol.....arrumava o campo...a piscina que tiraram.....uma coisa assim.....punha uns curso assim.....de torneiro mecânico marcenaria

⁵¹ A reforma na parte física da Unidade abrange a remodelação dos pavilhões, dos banheiros, do refeitório, a construção de muros e/ou a derrubada de outros; até a reativação da piscina e da quadra de futebol.

⁵² Tais como: pintura, mecânica de moto, violão, eletricista, capoeira e marcenaria.

artesanatoporque retiraram esses curso....então voltava com eles.....”

E9 (17 anos)

A proposta para reativação e/ou implantação de cursos é compartilhada por E5 (18 anos) que ressalta a importância do acesso geral destes pelos internos, para que todos possam usufruir dos mesmos direitos, sem privilégios ou discriminações.

“.....só que é iH..... TODO MUNDO.....TODO MUNDO NÉ SENHORA?.....porque essa FEBEM.... DESANDOU.....eu fico aí....oh.....PARASITANDOno pátio.....”

E5 (18 anos)

Mas, é fora da Unidade de Internação que o apoio profissional parece adquirir relevância e estar associado a um sentimento de segurança, uma vez que muitos dos adolescentes que entraram em conflito com a lei assumiram a responsabilidade pelo próprio sustento desde tenra idade, como é o caso de E11 (16 anos).

*“.....podia ter umas pessoa.....que me ajuda.....lá fora.....sempre tive muito sozinho.....**porque depois que a gente sai....cai na boca do povo....e fica difícil de arrumar um serviço....//..que ajudasse a gente que QUER mudar....pra aqueles que Quer mudar....porque aqueles que não quer mudar...nem vai procurar um serviço....”** ((grifos meus))*

E11 (16 anos)

*“.....alguém que ajudasse....como dizem.....um **ex-presidiário**..... nunca é recebido bem.....né?.....sempre é discriminado pela sociedade.....”* ((grifo meu))

E9 (17 anos)

As falas refletem também o medo e a insegurança dos adolescentes pela percepção da marca que carregam por terem praticado delito, reforçando a necessidade de um trabalho de apoio que possa sensibilizar a sociedade a recebê-los

de maneira menos estigmatizada, dando condições para concretizarem suas propostas de mudanças.

O grupo entrevistado sugere a criação de um local que concentre vários cursos profissionalizantes que sejam de seu interesse e que possam proporcionar a conquista de autonomia financeira e de ascensão profissional, visto que o trabalho parece ser uma forma de regeneração diante da família e da sociedade.

“.....podia fazer um barracão.....e ter uns curso assim.....da opinião da gente...//...e aíos moleque...que quer mudar de vida...sai daquie vai aprenderuma profissão...//....”

E7 (16 anos)

“.....tipo assim.. .um trabalho educacional....um curso gratuito....montaria tipo....um SENAI.....onde tem vários trabalhos lá dentro...e o menorvai lá.... escolhe.....e faz...//.....no meu caso...seria computadoré uma coisa que dá muito dinheiro mesmo....”

E9 (17 anos)

“.....quando eu sair daqui....eu já tenho trabalho garantido com o meu pai....eu já sei bastante coisa de serviço de pedreiro.....mas eu preciso estudar pra melhorar de trabalho e.....ganhar mais....”

E8 (15 anos)

Embora discorde da idéia da profissionalização para menores de idade, mesmo na condição de aprendiz, reconheço primeiramente que, a precariedade das condições de existência, tanto dos jovens quanto de suas famílias, não oferece muitas possibilidades lícitas para sobreviverem, a não ser pelo trabalho; reconheço também que os cursos profissionalizantes podem servir como espaço de aprendizagem e ampliação de relacionamentos interpessoais, abrindo perspectivas e dilatando a visão para planejamento do futuro. Mas, sinto profunda indignação ao pensar que, apesar

dos avanços na área da infância e da juventude em nosso país, ainda existe o ranço de uma herança histórica que separa ricos e pobres, que privilegia uns e discrimina outros, perpetuando uma ordem social que impede a igualdade de acesso à escolarização formal, à saúde, ao lazer e demais direitos.

Além do desejo de profissionalizar-se, as falas dos adolescentes parecem trazer um alerta para que a execução destas propostas leve em consideração as condições de existência que limitam a realização dos planos, como é o caso da situação econômica, uma vez que pertencem a famílias cujas rendas são insuficientes para garantir os estudos. Daí a sugestão de cursos gratuitos.

Assim, tanto a condição econômica como a baixa escolaridade parecem constituir-se em facetas de uma realidade que se imbricam no processo de mudanças e podem minimizar as chances de concretizarem seus sonhos.

Segundo E4 (18 anos), o apoio de um profissional que atue como mediador junto ao grupo de pares pode estimular as reflexões sobre as experiências vividas e facilitar as discussões grupais entre os adolescentes que saíram da instituição. Um espaço que pode conferir identidade, fortalecer e/ou afirmar um modo de ser.

“.....ah....fazer um grupo....tipo assim.....os menor da FEBEM....que saiu daqui.....que mudou de vida....ter tipo uma organização deles.....onde se reunia ali....tipo uma vez....duas vez por semana.....para eles se reunir....e conversar.... pra tipo fortalecer.....esse pensamento dele né....tipo uma pessoa mais instruída....conversar com eles.....”

E4 (18 anos)

O apoio referido pelos jovens entrevistados não está restrito ao âmbito profissional, estende-se para a família que serve de referência no mundo e parece conferir estabilidade, seja pelos exemplos ou pelos limites impostos.

“.....fora da FEBEM?.....tipo pessoas... falar que vai trabalhar...estudar....que tem que fazer isso e aquilo.....que possa conversar.....tem um parente que gosta dele também....que incentiva a sair fora dessa vida.....tem tipo de um exemplo...”

E4 (18 anos)

“.....ah.....eu acho que é.....a família pegar no PÉ.....acho que é isso....colocar uns limite....”

E2 (17 anos)

Uma proposta bastante apontada é a aplicação da medida socioeducativa de semiliberdade que é percebida pelos adolescentes como uma oportunidade ou crédito de confiança, atribuído pelo juiz a eles, que pode ajudá-los a prosseguir gradativamente com a mudança de vida, até conseguirem se sustentar de maneira lícita.

“.....“.....podia fazer um barracão.....e ter uns curso assim.....da opinião da gente...//.de aprender uma profissão.....que aí o juiz pergunta.....- - você quer mudar de vida?....então de dia....você vai lá fazer esse cursode noite...você volta pra FEBEM....pra dormir....- -pra quando acabar as pena dele aqui...ele ir lá pra fora....e mudar de vida senhora.....e aí....ele já vai saber mexer com aquilo lá....uma marcenaria.....ele já tem o curso de marcenaria....ele já vai saber se virar.....é onde ele vai ganhar dinheiro e pronto.....”

E7 (16 anos)

Os adolescentes também referem a mudança de bairro ou cidade como alternativa, ainda que ingênua, para concretizarem seus planos. Parecem atribuir a essa proposta, a possibilidade de construir uma outra vida, longe das lembranças e dos olhares conhecidos que possam identificá-los negativamente. A distância física

talvez possa oferecer a confortadora sensação de estarem fora do alcance do julgamento daqueles que só os reconhecem pelos delitos.

“.....ah....eu acho que tem que mudar de bairro....e até de cidadecomeçar do zero.....onde ninguém te conhece.....//.....e aí você vai esquecendo um pouco aquela vida.....eu acho que ia ser bem legal.....”

E2 (17 anos)

“.....acho que teria que mudar de cidade....voltar a estudar.....e aí...vai eu....meus irmãos...minha mãe....vai todo mundo....ou então....continuo a morar com o meu pai....porque lá onde que ele mora.....é sossegado.....”

E9 (17 anos)

As falas dos adolescentes sobre seus planos, expectativas e propostas de mudanças parecem carregadas de otimismo e esperança para os quais apresentam possibilidades de realizações, sem deixar, no entanto, de apontar as facetas que estão imbricadas nessa dinâmica trajetória que faz com a inclusão social desses jovens seja pensada como um processo tão complexo e multifacetado quanto o de exclusão, requerendo muito cuidado para não cair na armadilha de uma inclusão ilusória, caracterizada pela transmutação da inclusão em exclusão que é mantida por uma ordem social desigual, que discrimina e humilha.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda hoje, os mecanismos normativos e adaptativos têm norteado práticas, programas e instituições no atendimento de adolescentes em conflito com a lei, que associam equivocadamente inclusão social com “ressocialização”, “reinserção”, “reintegração” ou retorno à sociedade, como se a ela não pertencessem ou estivessem “excluídos do convívio social”.

Os debates no universo conceitual sobre exclusão parecem destacar os aspectos econômicos e sociais, deixando para segundo plano o foco que ilumina as análises baseadas na injustiça social que propõe pensar a exclusão como processo complexo e multifacetado, que abrange desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado.

Nessa concepção dialética, a exclusão é entendida como parte constitutiva da inclusão, e vice-versa, cujo processo abrange dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas, que envolve o indivíduo por inteiro e suas relações com os outros.

As várias facetas que compõem o processo de exclusão na vida desses jovens parecem ser apontadas por eles como as dificuldades encontradas para viverem o dia-a-dia longe das práticas infracionais.

O fato de pertencerem a famílias de baixa renda impede que tenham acesso a roupas, tênis, bonés e camisetas “de marca”, diariamente veiculadas na mídia e dirigidas ao público jovem, percebidas por eles como uma forma de se sentirem

socialmente incluídos. O sentimento de pertença a um estrato social com poder de consumo parece seduzi-los a tal ponto, que referem a prática infracional como alternativa “de ganho fácil” para obtenção dessas mercadorias.

Os diferentes níveis de precariedade podem acirrar as dificuldades de relacionamentos familiares, que acabam pautados num modelo de opressão pelos mais fracos, que parecem ser tanto piores, quanto maior for a precariedade econômica.

Dentre outras razões, estão o sentimento de pertença a um bairro considerado de “segunda categoria” que parece favorecer a aquisição de uma identidade que carrega forte sentimento de inferioridade, fazendo com que também se percebam como “cidadãos de segunda classe”.

A pobreza, os vínculos precários e a infração acabam se constituindo em faces excludentes de uma realidade perversa, perpassada pelo estigma de pertencer a uma família marcada pela precariedade, não só econômica, mas também de vínculos calcados na violência, que geram sofrimento, frequentemente, expresso pela revolta, como forma de demonstrar a inconformidade diante das condições de existência e do tratamento recebido.

A coexistência desses motivos, acrescidos da humilhação, da discriminação e da violência, com que referem terem sido tratados na escola, contribuem para terem deixado de estudar, sendo excluídos de um dos direitos da cidadania que é a educação. Não são vistos como cidadãos. Segundo o grupo entrevistado, esses e outros motivos se interpenetram e favorecem a entrada no “mundo do crime” e vice-versa.

Vale lembrar que a expressão “mundo do crime” é utilizada, neste

estudo, fazendo referência a um estilo de vida que inclui práticas ilícitas e violentas de sobrevivência, que dispõe de regras extremamente rígidas de convivência, às quais se paga com a vida caso sejam transgredidas. Um mundo pautado em valores diferentes daqueles que acredito e tento preservar, mas que ocupa o mesmo lugar no espaço que o meu. Mundos que se distinguem pelas condições de existência e pela oportunidade de desenvolvimento das potencialidades individuais, e não pela geografia.

Outra faceta da vida concreta desses jovens que faz com que estejam inseridos no mundo de forma injusta e pouco digna, diz respeito à vulnerabilidade que, por sua vez, articula-se com outras, como o grau de escolaridade e as barreiras culturais que os tornam mais vulneráveis no desenvolvimento e exercício da vida sexual e reprodutiva. A vulnerabilidade também está presente no dia-a-dia do grupo entrevistado, em decorrência das rígidas regras de convivência que tornam o risco de morte iminente.

Os diferentes níveis de precariedade, sociabilidade e vulnerabilidade marcam o cotidiano desses jovens e traduzem algumas das dificuldades apontadas por eles que minimizam suas chances para não entrarem em conflito com a lei.

Como parte do processo de exclusão, também é apontada a visão estigmatizada da polícia sobre eles, sobre quem referem ser frequentemente coagidos a assumirem delitos que não praticaram, e que os coloca numa condição de descrédito e pouca valia como pessoa, colaborando para que sejam internos em unidades como a FEBEM-RP, repetidas vezes, além de perpetuar a idéia de um “caminho sem volta”.

O processo de exclusão nas vidas dos entrevistados não está restrito às dimensões materiais e, segundo o grupo, parece se estender para dentro da UE3, pela visão estigmatizada de alguns funcionários sobre eles e pelo tratamento dispensado que privilegia uns e discrimina outros.

Ainda que não se constitua regra geral, a visão de alguns funcionários sobre os adolescentes internos é permeada pela idéia de “reeducá-los” e “torná-los aptos” ao convívio com a sociedade. Continua-se a atribuir ao adolescente a culpa pela possível reincidência em atos delituosos, pela recusa para o aprendizado de uma profissão dentro da Unidade, sem que ao menos tenham sido discutidos seus desejos. Essa idéia reforça a dualização do ensino para os ricos e a profissionalização para os pobres, onde uns são preparados para dirigir a Sociedade, e os outros, preparados e controlados para o mundo do trabalho, o que propicia a manutenção de uma ordem social desigual pela inclusão daqueles que são constantemente “submetidos”.

Para os adolescentes entrevistados, a FEBEM-RP é comparável à prisão. Um local marcado pela diferença de tratamento dispensado a alguns adolescentes, que gera sofrimento, para quem o descaso com seus sentimentos parece contribuir para a associação da imagem da instituição com o “inferno”, que confirma a dialética da exclusão/inclusão pela concessão de privilégios para uns e a banalização do sofrimento de outros.

Na vida dos adolescentes entrevistados, o processo dialético de exclusão/inclusão também se manifesta pela confirmação, negação ou construção da identidade, que no caso deles, parecem forjadas de maneira a manter as estratégias de regulação de poder. Reconhecem-se como bons e maus, honestos e ladrões, leais e vingativos, numa ciranda de categorizações onde a super valorização de uma delas

acaba por discriminar e apartar, fazendo com que a identidade continue a ser usada para manter a lógica excludente numa sociedade hierarquizada e disciplinadora das relações.

Apesar de todo o sofrimento, ainda são capazes de realizar planos e apontar saídas para viverem uma vida que é considerada por eles como “normal”, que inclui família, trabalho, paz e mais tempo de vida. Para aqueles que têm namoradas e/ou “mulheres” e filhos, a afetividade parece ser a mola propulsora da mudança de estilo de vida, que favorece a elaboração de planos, além de contribuir para uma visão mais digna e valorosa de si mesmos.

Mas, a mudança de estilo de vida parece exigir coragem para romper com o fatalismo cruel imposto pela crença no destino que encontra eco na reprodução da idéia “do caminho sem volta”. Além disso, a pressão do grupo de pares para que permaneçam praticando atos infracionais e as rígidas regras de convivência parecem não deixar muitos espaços para negociações, visto que muitas vezes o grupo constitui-se na única referência no mundo para alguns deles, contribuindo para a descontinuidade de seus planos.

Na esperança de tornarem concretas suas expectativas diárias, propõem mudanças que parecem se aproximar de seus planos cotidianos, que soam muito mais como pedidos de ajuda para realizarem suas propostas. Elas contemplam a profissionalização, a retomada dos estudos, a aplicação da medida de semiliberdade, dentre outras, mas principalmente, a saída do mundo do crime.

O apoio profissional parece assumir relevância nessa empreitada, tanto dentro como fora da FEBEM-RP, estando associado a um sentimento de segurança. O pedido de apoio estende-se à família que serve de referência no mundo e parece

conferir estabilidade, seja pelos exemplos que pode dar como pelos limites que acreditam que ela deva impor.

Juntamente com as propostas, o grupo entrevistado aponta as facetas que estão imbricadas nessa dinâmica trajetória de mudança de estilo de vida, o que leva a pensar sobre a inclusão desses jovens como processo complexo e multifacetado tal qual a exclusão, isto é, dialeticamente constituídos.

Mas entendo que seja importante refletir, no modo como proceder a inclusão, para que não se caia, outras vezes, na armadilha da inclusão ilusória que discrimina e humilha, que só os reconhece por seus delitos e gera sofrimento. Uma inclusão fictícia e manipuladora que retira deles a condição humana, tornando-os insensíveis, cruéis e desacreditados como pessoas.

Sem querer esgotar o tema, deixo aqui minhas últimas reflexões. Acredito que, o processo de inclusão na vida desses adolescentes deva privilegiar suas vozes, de maneira a apoiar as propostas feitas, propiciando a emancipação de suas potencialidades individuais. Um processo que promova uma inclusão mais digna e justa, aberto a novas e contínuas transformações, que gere felicidade, onde as diferenças sejam vistas apenas como expressões particulares de cada ser humano, sem supor inferioridade ou superioridade, mas apenas diferenças.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M.; WAISELFIZ, J.J.; ANDRADE, C.C.; RUA, M.G. **Gangues, galeras e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília.** Rio de Janeiro. Garamond. 1999

ALTOÉ, S. **Infâncias Perdidas: o cotidiano nos internatos-prisão.** Rio de Janeiro. Xenon Ed. 1990

ASSIS, S. G. **Traçando caminhos numa sociedade violenta – a vida de jovens infratores e de seus irmãos não infratores.** Rio de Janeiro. Fiocruz. 1999

AYRES, J.R.; CALAZANS,G. FRANÇA JÚNIOR, I. Vulnerabilidade do adolescente ao HIV/AIDS. In: Vieira, E.M.; Fernandes, E.M; Bailey, P; Mckay, A. (org). **Seminário Gravidez na Adolescência.** Ministério da Saúde. 30 e 31 de julho de 1998

BOGDAN,R; BIKLEN,S. **Investigação qualitativa em educação - uma introdução à teoria e aos métodos.** Trad.: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptita. Portugal. Porto Editora. 1994

BRANDÃO, J.R.M. **Adolescentes infratores em São Paulo: retrato da exclusão?** São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Saúde Pública de São Paulo, Universidade de São Paulo.

- BUARQUE, C. **O que é apartação: o *apartheid* social no Brasil**. 6^a reimpr. São Paulo. Brasiliense, (Coleção Primeiros Passos) 1999
- CASTEL, R. As armadilhas da exclusão. Trad: Cleisa Moreno Maffei Rosa e Mariangela Belfiore-Wanderley. In: WANDERLEY- BELFIORE, M., BÓGUS, L.; YASBEK, C. **Desigualdade e questão social**. São Paulo. EDUC. 2000
- _____ As transformações da questão social. Trad: Cleisa Moreno Maffei Rosa e Mariangela Belfiore-Wanderley. In: WANDERLEY- BELFIORE, M., BÓGUS, L.; YASBEK, C. **Desigualdade e questão social**. São Paulo. EDUC. 2000
- CEA D'ANCONA, M.A. **Metodologias Qualitativas: estratégias y técnicas de Investigación Social**. Madrid. Ed. Sintesis. 1996
- DEMO, P. **Charme da exclusão social**. Campinas. São Paulo. Autores associados. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo). 1998
- DENZIN, N. The art and Politics of Interpretation. In: DENZIN, N.K. & LINCOLN, Y.S. **Handbook of Qualitative Research**. Sage Publications, Tousand Oaks. London – New Dehli. 1994
- ESCOREL, S. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz. 1999
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA). Ministério da Saúde. Brasília. 1991
- FALEIROS, V. P. Infância e Processo político no Brasil. In: PILLOTTI, F & RIZZINI, I. (org.). **A arte de governar crianças**. Rio de Janeiro. Instituto Interamericano del Niño / Ed. Universitária Santa Úrsula/ Amais Livraria e Editora. 1995
- GUBA, E.; LINCOLN.Y.S. Competing Paradigms in Qualitative Research. In: DENZIN, N.K. & LINCOLN, Y.S. **Handbook of Qualitative Research**. Sage Publications, Tousand Oaks. London – New Dehli. 1994

- JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, B. (org.) **As artimanhas da exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis. Editora Vozes. 1999
- LARANJEIRA, S.M.G. A realidade do trabalho em tempo de globalização. Precarização, exclusão e desagregação social. In: SANTOS, J.V.T. (org.). **Violências no tempo de Globalização.** São Paulo. HUCITEC. 1999
- LODI, L.B. **A entrevista: teoria e prática.** São Paulo. Ed. Pioneira. 1991
- MARCÍLIO, M.L. **História Social da Criança Abandonada.** São Paulo. HUCITEC. 1998
- MARIN,I.S.K. Instituições e violência. In: LEVISKY,D.L.(org.). **Adolescência pelos caminhos da violência.** São Paulo. Casa do Psicólogo. 1998
- MELLO, S.L. Família: perspectiva teórica e observação factual. In: CARVALHO, M.C.B. (org.) **A família contemporânea em debate.** São Paulo. EDUC/Cortez. 1995
- _____ A violência urbana e a exclusão dos jovens. In: SAWAIA, B. (org.) **As artimanhas da exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis. Editora Vozes. 1999
- MERISSE,A; JUSTO, J.S.; ROCHA, L.C.; VASCONCELOS, M.S **Lugares da infância.** São Paulo. Arte & Ciência. 1997
- MINAYO, M.C. **O desafio de conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde.** 5ª edição. Hucitec. ABRASCO. 1998
- _____ (org.). **Pesquisa social – Teoria, Método e Criatividade.** Rio de Janeiro. Ed. Vozes. 1994

- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. Conselho Nacional de Saúde. Programa Nacional de DST/AIDS. 1997
- MUZA, G.M. **Estudo das variáveis psicossociais associadas ao consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares na cidade de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto. 1996. Tese (doutorado). Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo.
- OLIVEIRA, M.; ASSIS, S. **Os adolescentes infratores do Rio de Janeiro e as instituições que os “ressocializam”. A perpetuação do descaso**. Caderno de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 15 (4), 831-844, out-dez. 1999
- PAUGAM, S. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais – uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. Trad: Camila Giorgetti. In: SAWAIA, B. (org.) **As artimanhas da exclusão** – Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis. Editora Vozes. 1999
- PAULINO, W. **Drogas**. Série Jovem Hoje. São Paulo. Ática. 1995
- PRETTI, D. et al. **Análise de textos orais**. São Paulo. FFCH-USP. Projetos Paralelos v:1. 1993
- QUEIROZ, J.J.(org.). **O mundo do menor infrator**. São Paulo. Cortez: Autores Associados. 1987
- RAMALHO, J.R. **Mundo do crime: a ordem pelo avesso**. Rio de Janeiro. Ed. Graal. 1979
- RIZZINI, Irma. Meninos Desvalidos e Menores Transviados: a trajetória da Assistência Pública até a Era Vargas. In: PILLOTTI, F & RIZZINI, I. (org.). **A arte de governar crianças**. Rio de Janeiro. Instituto Interamericano del Niño / Ed. Universitária Santa Úrsula/ Amais Livraria e Editora. 1995

- RIZZINI, Irene. Crianças e menores: do pátrio poder ao pátrio dever. In: PILLOTTI, F & RIZZINI, I. (org.). **A arte de governar crianças**. Rio de Janeiro. Instituto Interamericano del Niño / Ed. Universitária Santa Úrsula/ Amais Livraria e Editora. 1995
- ROURE, G.R. **Vidas silenciadas: a violência com crianças e adolescentes na sociedade brasileira**. Campinas. São Paulo. Editora de UNICAMP. 1996
- SANTOS, M.A.C. Criança e Criminalidade no Início do Século. In: PRIORE, M.D. (org.) **História das crianças no Brasil**. São Paulo. Contexto. 1999
- SAWAIA, B. (org.) **As artimanhas da exclusão** – Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis. Editora Vozes. 1999
- _____ Exclusão ou inclusão perversa? In: SAWAIA, B. (org.) **As artimanhas da exclusão** – Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis. Editora Vozes. 1999
- SCHWANDT, T. Constructivist, Interpretivist Approaches to Human Inquiry. In: DENZIN, N.K. & LINCOLN, Y.S. **Handbook of Qualitative Research**. Sage Publications, Thousand Oaks. London – New Dehli. 1994
- SILVA, R.C. A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: paradigmas que informam nossas práticas de pesquisas. In: ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z.(org.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Legis Summa, 1998
- TAYLOR, S.J.; BOGDAN, R. **Introducción a los métodos cualitativos de investigación**. Barcelona. Paidós. 1998
- TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais – A pesquisa qualitativa em educação**. Ed. Atlas. 1992
- VALLADARES, L. Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil. In: BOSCHI, R.R. (org.) **Corporativismo e Desigualdade: a construção do espaço público no Brasil**. Rio de Janeiro. IUPERJ/Rio Fundo. Ed. 1991

- VALLES, M.S. **Técnicas cualitativas de investigation social: Reflexion metodológica y práctica profesional.** Madrid. Ed. Sintesis. 1997
- VASCONCELOS, M.S. Os orfanatos e a ideologia da reintegração. In: MERISSE, A. et al. **Lugares da Infância.** São Paulo. Arte & Ciência. 1997
- VÉRAS, M. Exclusão social – um problema brasileiro de 500 anos (Notas preliminares). In: SAWAIA, B. (org.) **As artimanhas da exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis. Editora Vozes. 1999
- VICENTE, C.M. O direito à Convivência familiar e comunitária: uma política de manutenção do vínculo. In: KALOUSTIAN, S.M. (org.). **Família brasileira, a base de tudo.** Brasília. Cortez.DF.: UNICEF. 1998
- VIOLANTE, M.L.V. **O dilema do decente malandro.** 5^a edição. São Paulo. Cortez: Autores associados. 1989
- VOLPI, M. (org.) **O adolescente e o ato infracional.** 2^a edição. São Paulo. Editora Cortez. 1997
- _____. **Sem liberdade, sem direito – a experiência da privação de liberdade na percepção dos adolescentes em conflito com a lei.** São Paulo. Cortez. 2001
- WANDERLEY- B. M. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, B. (org.) **As artimanhas da exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis. Editora Vozes. 1999
- ZALUAR, A. **Cidadãos não vão ao paraíso.** Campinas, São Paulo. Editora Escuta: Editora da Universidade Estadual de Campinas. 1994

ANEXOS

**O trabalho original contém, nesta página, a cópia da autorização da FEBEM-
RP para a realização deste estudo.**

ANEXO A

RAPPORT

Sou da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto e estou realizando um estudo para saber os motivos que levaram adolescentes a entrar em conflito com a lei. Meu estudo também tem interesse em saber a opinião de vocês sobre o exercício da sexualidade.

Meu objetivo é conhecer melhor os jovens que se encontram na FEBEM-RP e o que pensam sobre esses assuntos dos quais falei, para que possamos colaborar com programas de promoção de saúde adequado às suas necessidades, além de programas que possam facilitar a inclusão social.

Para isso, preciso realizar entrevistas individuais com alguns de vocês e pedimos sua cooperação.

Os jovens que aceitarem participar serão entrevistados por mais ou menos uma hora, e responderão questões sobre sua vida, e sobre o que pensam em relação aos cuidados com a saúde. Estas entrevistas serão gravadas. Todas as informações que vocês apresentarem serão mantidas em sigilo e, serão utilizadas somente para este estudo. Não existe necessidade de vocês se identificarem e nós podemos garantir completo anonimato. Quando eu for escrever meu trabalho, não vou colocar o nome de nenhum dos participantes. Ninguém poderá identificar quem deu as opiniões. A participação é voluntária e você está livre para desistir da participação a qualquer momento da entrevista. Não há nenhum risco em participar deste estudo.

Quero me colocar à disposição para conversar sobre qualquer dúvida que possa surgir durante a entrevista.

Quero agradecer a todos pela atenção e pela participação neste estudo.

ANEXO B**CONVITE**

Aos Srs. Diretores, Coordenadores e Monitores da FEBEM-RP

Eu, Maria Cecília Rodrigues de Oliveira, pesquisadora associada ao Núcleo de Estudos para prevenção às DST/AIDS e uso indevido de drogas (NEPDA) do Departamento de Psicologia e Educação da FFCL-RP-USP, venho respeitosamente convidá-lo a participar de um estudo que tem por objetivos colher subsídios para programas que possam facilitar a inclusão social de adolescentes em conflito com a lei e colher subsídios para programas de promoção de saúde junto aos adolescentes investigados.

Este estudo será realizado através de entrevistas individuais, de caráter voluntário, sem quaisquer sanções, com duração aproximada de 40 minutos. As entrevistas serão gravadas, sem no entanto, identificar os participantes, garantindo o anonimato. Serão realizadas na própria instituição, no horário que melhor convier aos participantes.

Os resultados obtidos ficarão disponíveis após o término do estudo (estimado em 2 anos).

Contamos com sua colaboração e agradecemos, antecipadamente, sua atenção.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 1999.

Maria Cecília Rodrigues de Oliveira

ANEXO C**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS INTERNOS****I- IDENTIFICAÇÃO GENÉRICA**

- 1) Quantos anos você tem?
- 2) De que cidade você é?
- 3) Onde morava antes de vir para a FEBEM? (Explorar: com quem morava e variação de moradia)
- 4) Você estudava antes de vir para a FEBEM? (Explorar: em que série; se sabe ler e escrever; se havia deixado de estudar, investigando as razões; história na escola, repetências, boas e más lembranças da escola)
- 5) Fale um pouco de sua família. (Explorar: se os pais moram juntos, se trabalham e em que; como eram os relacionamentos; se recebe visitas deles na FEBEM; se tem irmãos e a idade de cada um; se os irmãos trabalham e em que; como eram os relacionamentos; se recebe visitas deles na FEBEM; se tem filhos, quantos e com quem mora)

II- ROTINAS DE VIDA (antes e na FEBEM)

- 6) Fale um pouco como era sua vida antes de vir para FEBEM. (Explorar: se namorava; trabalhava, em que, onde, quanto ganhava; praticava esporte, passatempo preferido)
- 7) Conte como é o seu dia-a-dia na FEBEM? (Explorar: as rotinas da FEBEM; o que gosta e não gosta de fazer; relacionamento com coordenadores e monitores; relacionamento com os outros adolescentes)

III- RAZÕES PARA O CONFLITO COM A LEI

- 8) Por que veio para a FEBEM? (Explorar: como considera essa infração; se já esteve aqui antes, quantas vezes; quais foram os motivos; quando; se sabe o código do delito, qual)
- 9) No seu ponto de vista o que faz os jovens acabarem vindo para a FEBEM? (Explorar: causas em geral)
- 10) No seu caso, especificamente, olhando ou pensando em toda sua vida, desde pequeno, o que você acha que aconteceu na sua vida que fez com que você tivesse vindo para cá? (Pedir ao entrevistado uma análise retrospectiva)
No caso de reincidentes: (Explorar: se da(s) outra(s) vez(es) fez planos para mudar de vida, quais; o que o impediu de realizá-lo)

IV- MOTIVOS OU RAZÕES PARA A REINCIDÊNCIA

- 11) O que de forma geral, faz com que muitos jovens que saem da FEBEM, acabem voltando? (Explorar: ocorrência de espinhos; dívidas, quais, de que tipo; conflitos familiares, grau de parentesco com a pessoa em conflito)

- 12) No caso de reincidentes: O que fez com que tivesse voltado (...) vezes?
(Explorar: como foi quando você saiu; o que aconteceu ou deixou de acontecer para você voltar?)

V- PROPOSTAS

- 13) Na sua opinião, os jovens que estão na FEBEM querem mudar de vida?
(Explorar: mudar o que; por quê; como)
- 14) Que mudanças você faria dentro ou fora da FEBEM para melhorar sua vida?
- 15) Que trabalhos você considera que possam ser feitos dentro ou fora da FEBEM que ajudem os jovens (que quisessem) a mudar de vida?

VI- NÍVEIS DE INFORMAÇÃO E CONCEPÇÕES SOBRE SAÚDE REPRODUTIVA, DIREITO E CIDADANIA

- 16) Você sabe o que são métodos contraceptivos?
- 17) Que métodos você conhece? (Explorar: como devem ser usados, quais são os preferíveis para os jovens, quais são os mais seguros)
- 18) Para aqueles que têm vida sexual ativa: Você usa algum método para evitar a gravidez quando você transa? (Explorar razões ou motivos para não ter usado, razões para a escolha do método, quem indicou)
- 19) Você sabe onde conseguir métodos contraceptivos? (Explorar: quem falou do local; quem o atendeu, recebeu o material; se não recebeu, o que fez)
- 20) A quem você procura, aqui na FEBEM, quando tem alguma dúvida ou problema de saúde? (Explorar: se é esclarecido sobre as dúvidas; se ele se sente à vontade para falar sobre o assunto; no caso de problemas de saúde: o tempo que leva para ser atendido; quando o tema se refere a parte sexual)
- 21) Pensando em você, no seu futuro, filhos, mulher, o que você acha que deve ser feito antes de alguém ter um filho? (Explorar: por quê; aonde; como; que coisas podem ajudar ou atrapalhar na hora em que se espera um filho)

ANEXO D**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA DIRETORES, COORDENADORES E MONITORES****I- IDENTIFICAÇÃO GENÉRICA**

- 1) Quantos anos você tem?
- 2) Qual seu nível de escolaridade?
- 3) Há quanto tempo trabalha na instituição? (Explorar: quais são suas atribuições; tempo que permanece no trabalho; tipos de trabalho que já fez antes de vir para a FEBEM)

II- ROTINA DE VIDA

- 4) Como é o seu dia-a-dia na FEBEM? (Explorar: as rotinas da FEBEM; o que gosta e não gosta de fazer; relacionamento com os internos; relacionamentos com outros educadores)

III- MOTIVOS DA PRESENÇA DOS JOVENS NA FEBEM

- 5) No seu ponto de vista, o que faz os jovens acabarem vindo para a FEBEM? (Explorar: causas em geral)
- 6) O que de forma geral, faz com que muitos jovens que saem da FEBEM acabem voltando? (Explorar: ocorrência de espinhos; dívidas, quais; conflitos familiares; injustiça policial; ter abraçado a bronca de outro)
- 7) No caso dos reincidentes, o que, na sua opinião, fez com que o adolescente tivesse voltado outras vezes? (Explorar: se a postura do interno melhorou ou piorou com o retorno à instituição; o que ele acha que aconteceu ou deixou de acontecer para o adolescente retornar)
- 8) Na sua opinião, os jovens que estão na FEBEM querem mudar de vida? (Explorar: mudar o que; por quê; como)

IV- PROPOSTAS

- 9) O que poderia ser feito aqui ou fora da FEBEM para ajudar os jovens que vêm para cá, ao saírem, terem uma vida melhor? (Explorar: mudanças internas e externas à FEBEM)
- 10) Que trabalhos você acredita possam ser feitos dentro ou fora da FEBEM que ajudem os jovens (que quiserem) a mudar de vida? (Explorar as áreas para o desenvolvimento integral do interno)

ANEXO E**CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, Maria Cecília Rodrigues de Oliveira, pesquisadora associada ao Núcleo de Estudos para prevenção às DST/AIDS e uso indevido de drogas (NEPDA) do Departamento de Psicologia e Educação da FFCL-RP-USP, venho respeitosamente convidá-lo a participar de um estudo que tem por objetivos colher subsídios para programas que possam facilitar a inserção social de adolescentes em conflito com a lei e colher subsídios para programas de promoção de saúde junto aos adolescentes investigados.

Este estudo será realizado através de entrevistas individuais, de caráter voluntário, sem quaisquer sanções, com duração aproximada de 40 minutos. As entrevistas serão gravadas, sem no entanto, identificar os participantes, garantindo o anonimato. Serão realizadas na própria instituição, no horário que melhor convier aos participantes.

Os resultados obtidos ficarão disponíveis após o término do estudo (estimado em 2 anos).

Solicitamos, caso concorde em participar do estudo, que assine este consentimento informado e aproveitamos para agradecer desde já sua colaboração.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 1999.

ANEXO F**ROTEIRO PARA TRANSCRIÇÃO DAS SESSÕES GRUPAIS**

No. da sessão:

Data:

Local:

Tempo de duração:

No. de participantes:

Pavilhão:

Coordenador/Colaborador:

Condições físicas do ambiente em que se realizou o trabalho: (cheiros, limpeza, acomodações, instalações elétricas, etc) :

"Clima na instituição" (tenso, tranquilo, razões) :

Temas trabalhados:

Aquecimento :

Oficina(s) realizadas(s):

Interesse e participação:

Principais verbalizações (em que contexto?):

Principais posturas (em que contexto?):

Intercorrências:

Novos interesses:

Comentários Gerais:

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

PRETI, D. (org.). **Análise de textos orais**. Projeto de estudo da norma linguística urbana culta de São Paulo (projeto NURC/SP). FFLCH/USP, 1993.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda ... () nível de renda nominal ...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os ... éh::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo de tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco ... Central ... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos ... ou três razões ... que faziam com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos das essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simulação de vozes	[ligando as linhas	A. na casa da sua irmã B. Sexta-feira? A. fizeram lá B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem ... —
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação.	“ ”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião ... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRReira entre nós” ...

* exemplos retirados dos inquéritos NURC/ SP nº 338 EF e 331 D².

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá? Você está brava ?*)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...* (*alongamento e pausa*)
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto final; ponto-e-vírgula; dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.

**TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA
ENTREVISTA COM E6**

ENTREVISTA COM E6

P: pesquisadora/ H: Inicial do nome do entrevistado

P: quantos anos vc tem?....

H:... dezoito....

P:... de que cidade vc é?....

H:... Ribeirão Preto....

P:... aonde vc morava antes de vir para a Febem?..

H:.... na favela....

P:... mas... sua casa... é na favela.... ou só vc que morava na favela?...

H... só eu.... que morava na favela....

P... e com quem vc morava na favela?....

H.... com uns colega ... lá... senhora....

P:..... e antes... de morar na favela... vc morava com quem?.....

H.... com minha mãe.... eu fui pra favela com quatorze ano.....

P... e por que vc quis ir morar na favela?....

H... ah... não sei .. senhora... eu comecei a andar com uns cara uns cara diferente.... comecei com uma maconha.... eu trabalhava... parei de trabalhar... parei de estudar... aí... minha mãe brigava muito comigo..... nós discutia muito.... agora ... minha mãe até que nem tanto... mas ela não queria eu nesse caminho.. né senhora... mas minhas irmã **CHAPAVAM**⁵³.... e aí... elas começava... como é que fala... começava a xingar.... aí... eu fui chapando.....- - que era pra eu arrumar um serviço... - - aí... sair de casa.... e fui morar lá na favela.....

P.... e aonde vc estudava?....

⁵³ Chapar: irritar, incomodar, encher

H.... Fábio Barreto.... lá na Amador Bueno.....

P..... em que série vc parou?....

H.... na sexta senhora...

P.... e vc gostava da escola?....

H.... gostava...

P.... vc tem alguma boa lembrança da escola?....

H..... ah.... eu tenho..... senhora.... porque na escola... eu arrumei **uma pá de namorada**⁵⁴ ... né senhora... ((risos))..... era BOM.... era GOSTOSO.... estudar... só que quando a gente tá estudando.. a gente não vê isso daí.... depois que nós pára é que nós vê que é bom... **tá ligado**⁵⁵... conheci uma pá de pessoa diferente.... trocar uma pá de idéia sadia....

P.... vc nunca pensou em voltar pra estudar?....

H... ah senhora... eu tô fazendo Telecurso aqui.... tá ligado.. vou fazer umas prova... pra acabar a oitava série....

P.... e vc acha que é legal.?... o que vc tem aprendido no Telecurso?....

H.... tenho porque a gente vai na escola pra aprender a fazer os barato.... e aí... a gente faz só as prova..... as prova é maior mamão de fazer..... ((H. dizia isso com uma ponta de orgulho pela facilidade que ele encontra para realizar as provas)).....

P..... vc lembra por que vc deixou de estudar... já que era uma coisa que vc gostava de fazer?...

H.... ah... eu comecei a perder a vontade de ir na escola.... porque...eu não fumava muito.... umas maconha.. eu fumava de vez em quando.... mas aí... eu ficava encanando aula... pra ir na casa dos colega... ficava encanando... encanando.... aí... eu parei... de uma hora pra outra..... fui perdendo interesse de ir pra escola... achava mais interessante ir pra casa dos colega.....

⁵⁴ Uma pá de namorada: muitas namoradas

P.... vc tem alguma má lembrança da escola?...

H... tenho.... umas briguinta... na escola... ((H. tinha um ar maroto e um sorriso nos lábios..)).... com uns maluco... lá... coisa de moleque pequeno mesmo.... por causa de coisa boba... faz muito tempo....

P.... e com as professoras?...

H... ah:::.... eu tenho também... uma muié.... foi socar o dedo na minha cara... eu quebrei o dedo da inspetora de aluno.... ela puxou meu cabelo aqui assim..... ((mostrou a região da nuca))... e já socou o dedo na minha cara....

P... e por que ela fez isso?...

H... porque vc tá ligado?... ficava um bolo... assim..... no portão.... na escada... ficava esperando o sinal.. que o sinal batia.... e abria o portão... era pra todo mundo entrar pras classe.... aí... subiu todo mundo gritando.... ((ah:::.....))... todo mundo correndo pra entrar pras classe.... todo mundo pequeno né.... e eu fui subir correndo... gritando também.... e eu - - AI:::..... - - .. e ela - - CALA A BOCA... - - tinha um monte gritando e ela grudou só eu.... só eu mano.... eu tinha cabelo grande.... e aí eu chapei.... e aí... ela começou a pôr o dedo na minha cara... e aí... eu quebrei o dedo dela... e ela começou a chorar... e foi lá na diretora.... e eu fiquei suspenso seis dia.... e eu já tinha uma suspensão de 3 dia.... porque eu já tinha batido numa menina já..... ((risos))

P.... e o que ela tinha te feito?...

H.... ah senhora... eu acho que foi por causa da fila cantina.... mesma coisa... nós saiu correndo pra pegar a fila da cantina....eu descí... cheguei... e aí... ela queria dar a frente pra outra menina.... vc tá ligado?... - - não.... eu cheguei... não vou dar a frente não... vai lá pro fim da fila... eu falei - - e aí... a menina saiu falando... - - não sei o que é que tem... - - aí eu já saí... **catando**⁵⁶ a menina....

P.... me fala um pouquinho da sua família....

⁵⁵ Tá ligado? : entende?

H..... assim..... o que eu tenho de lembrança deles?.... ((confirmei))... tá ligado... meu PAI... era muito nervoso.... muito bravo.... comigo.... ele é separado da minha mãe.... eu ia na escola... fazia todos os barato.. certinho.... nunca tinha repetido de ano.... porque eu parei de estudar mesmo...e mesmo assim.... ele proibia MUITO as coisa..... acho que por isso que eu desvirtuei... e na hora que eu comecei a sair.... eu já.... eu já queria pá... né mano.... aí eu.... ele era assim.... eu tava brincando..... - - eu tinha medo dele pra caramba - -... ele já gritava.... chegava assim no portão..... e... - - JÚNIOR JÁ PRA DENTRO.... RAPAZ....- - já:::.... vinha até chorando.... porque eu sabia que ia apanhar.... só porque eu tava na rua... brincando com os moleque... e ele não gostava.... às vez.... uma hora ou outra... é que ele deixava eu brincar.... e aí ele falava - - ... tal hora tem que estar aqui em casa.....- - mas... se eu não tivesse lá essa tal hora.... o bicho pegava.... também..... eu brigava muito com a minha mãe... tá ligado... e nós era pequeno..... a gente ficava vendo aquelas fita lá..... eu chorava.... grudava nele.... eles discuta... DISCUTIA FEIO MESMO..... mas não chegavam a agarrar.... um agredir o outro.. sabe?... uma vez lá.... eles discutindo lá... ele agarrou ela pelo pescoço assim oh..... ((fez o gesto de quem está enforcando com as mãos)).... aí... eu PULEI... e dei uma MORDIDA... assim.. aqui.... na nuca dele... que ele tava grudando na minha mãe..... aí ... minhas irmã.... veio pra separar.... ele era um cara bom..... às vez ... ele vinha e batia... e depois ele vinha agradar.... ele ficava com dó... falava... - - filho... não é assim.... eu te bato... porque eu quero te corrigir....não quero o seu mal... - - ((H. imitou o pai com a voz calma, mansa, meiga)).... ele não tinha mau coração... ele batia e depois.... se arrependia.... tá ligado... ele batia na hora do nervoso.. ele era muito nervoso.... porque ele não bebia bebida... senhora... era nervoso de.... ele não bebe nada.. nada... nada... muito difícil.... mesmo uma cerveja..... só em festa assim.... mas minha família.... é assim.... quando tava meu pai... e minha mãe.... era um clima pior.... briga todo dia.... e nós tava perdendo a liberdade.... e eles briGavam... e desconTavam em nós... tá ligado.... ficavam nervoso... aí a gente já ia pedir algum bagulho⁵⁷... aí.... - - não ... não vai não..... - - já descontava tudo em nós.... aí... depois que minha separou do meu pai.... meu pai... ficou mais bom ... com nós... não sei se é porque ele sentiu mais a falta... né mano.... aí.... eu e meu pai... começou a Ter mais relacionamento....

⁵⁶ Catando: batendo

nós conversa mais bagulho assim.... de vez em quando... a gente sai... e vai dar um pião.... ele cola lá de carro.... e pá.... nas minhas irmã.... na minha mãe... e aí tem um monte de muié conversando... e eu digo pra ele... - - oh pai... vamos dar um pião.... - - - - vamos... entra aí... - - nós entra no carro... e sai nós dois pra um **rolé**⁵⁸ na rua.... AGORA..... VICHI... peguei maior amizade com o meu pai... tá ligado... porque de primeiro tinha muito medo DELE... mano... não podia nem trocar idéia com ele... mano... agora que ele separou..... ele **cola**⁵⁹ lá em casa... **troca uma idéia**⁶⁰ com a minha mãe.. não briga... não discute mais com a minha mãe..... às vez discute.... mas não é briga assim..... esses barato agora... é bem melhor... agora... do que antes....

P:..... no que eles trabalham?.....

H.... meu pai trabalha pela Prefeitura... lá na Coderp.... pela Prefeitura... agora.... ele tava na FEAPAM... agora.... pela Coderp..... ele trabalhava no almoxarifado..... ele ficava lá entregando ferramenta.... e a minha mãe... trabalhava de auxiliar de limpeza.... lá no prédio da Embratel.... lá em frente à Catedral.... agora minha mãe está desempregada.... que ela fez cirurgia.... ela tirou..... os:..... óvulos.... ((completei... ovários)).... é os ovários... rancou tudo os barato..... eu tinha uma irmã casada.... que tem 25.... vai fazer 25 ano agora em dezembro... é a V..... ela trabalha lá na MacSeg.... corretora de seguro lá na Presidente Vargas.... e essa outra com 23 ano... trabalha lá no edifício Padre Euclides... lá na Visconde de Inhaúma.... e meu irmãozinho tá com 13... mas ele tá quase do meu tamanho... tá GRANDE....o.G.....

P:.... o relacionamento entre os irmãos... era bom?...

H.... nós brigava muito.... pra falar que tem relacionamento melhor assim.... foi agora dessa vez.... depois que eu vim da Febem.....foi a primeira vez.... porque nós brigava muito.... mano... eu e minhas irmã.... NOSSA.... nós catava na mão mesmo..... brigava de soco... e ela me ARRANHAVA.... e eu dava SOCO nela... aí

⁵⁷ Bagulho: coisa

⁵⁸ Rolé: passeio, volta

⁵⁹ Cola: chega

⁶⁰ Troca uma idéia: conversa

depois que eu vim pra Febem..... eu já tava morando.. fazia tempo.... lá na favela... aí... eu não ia mais lá em casa... eu ficava tipo um mês.... sem ir lá em casa... às vez... eles ficava uns três mês.. sem ver eu... aí meu irmãozinho... só me via lá na rua.... só cumprimentava.... nem parava.. também....

P.... vc não ficava com saudade?...

H.... eu ficava com DÓ.... meu irmão.... tipo.... no dia que ele me viu.... já colou lá em casa chorando..... mas depois que eu fiquei sabendo..... depois.... é que eles viram que as coisas também... não são assim.... e depois que eu vim pra Febem..... é que a gente teve mais tempo pra trocar uma idéia.... aí pá.... aí... eu saí pra rua... e tava sossegado..... mas aí... eu tava roubando ainda... fazendo assalto... tava colando na favela.... mas aí eu ia pra casa.... dormia na minha casa..... só que eu dormia mais na favela do que na minha casa.... eu desacostumei..... não gostava muito de **ficar na barba da minha mãe.**⁶¹

N.C.: ((H. pareceu-me envergonhado por depender da mãe... e falou dessa situação com um sorriso maroto em desaprovação pela própria atitude))....

N.C.: ((enquanto a entrevista acontecia.... Pancho gritava.... chutava bola... fazia embaixadinha.... outros meninos gritavam também....depois... cantavam.... alguém estava no chuveiro... cantando... e outros poucos cantavam junto.... uma barulheira.... mas deu pra transcrever))....

..... então eu ia lá na minha casa... só de vez em quando..... aí... eu fui preso de novo... mano... nós foi roubar.... uma residência... lá no Iguatemi.... lá.... aí... cataram nós em flagrante..... eu... outro de menor..... e dois de maior... os dois foi pra cadeia... e nós veio pra Febem..... aí... nós **abraçou a fita**⁶²... e eles saiu.... flagrante mesmo..... **dentro da goma**⁶³... catou mesmo.. e saiu.... catou tudo que a gente tinha catado.... e aí... nós foi preso.... eu vim pra Febem.... e fiquei dois mês e dez dia..... fugi.... aí... fiquei vinte e dois dia só... lá na rua..... aí me cataram de novo... lá na favela.... aí... eu fiquei mais.... seis mês.. e dez dia.... aqui na Febem.... aí eu saí de liberdade.... fiquei cinco mês e pouco no mundão.... e agora pego esse homicídio de novo....

P:.... mas isso tem a ver?.....

⁶¹ Ficar na barba da minha mãe: depender financeiramente da mãe

⁶² Abraçou a fita: assumiu o delito praticado por outros

⁶³ Dentro da goma: flagrante

H:.. AH SENHORA... tava eu e outro maluco.... nós matou o cara por causa de treta aqui na Febem..... tá ligado.... acho que a senhora conheceu.... o N.G.P..... que tá lá no cinco agora.... foi o irmão dele que nós matou....

P:.... e por quê?.....

H.... porque eles conspirou comigo e o Z.... aqui dentro da Febem..... e fui eu.... e um outro maluco que tá na cadeia... o maluco.... ((o tom de voz de H. nesse momento era baixo.... houve uma pequena pausa e ele retomou...)).... mas senhora... eu tava de BOA.... eu namorava outra mina... não a C. ((atual namorada de quem H. gosta muito))... outra mina... eu larguei da mina.... e comecei a namorar a C..... e eu não sei se é porque eu já comecei a gostar dela.... tá ligado.... que eu já comecei a ficar mais sossegado.... eu não dormia mais na favela.... se eu dormi umas três vez ... na favela... é muito.... e eu fiquei cinco mês e pouco.... no **mundão**⁶⁴ tá ligado... eu ficava mais na minha casa.... até minha mãe falou - - nossa vc mudou pra caramba....- - elas ((mãe e irmãs)).... viu que eu tava melhorando.... mas eu matei esse maluco.... por causa de pá mesmo.... foi muita **tiração**⁶⁵ mesmo... VICH... conspirou grandão.... aí eu já tava na rua... aí o Z... voltou pra cá... aqui no um mesmo.((referindo-se ao número do pavilhão)). e tava ali... tomando uma ducha... e eles cataram o Z.... dentro do **boi**⁶⁶.... catou ele pelado.... e desceram o couro nele.... aí... com pedaço de pau.... e aí... o Z.... **mandou pipa**⁶⁷ pra nós.... no Domingo.... tá ligado... isso aconteceu na sexta aí no Domingo... ele mandou um pipa... aí... na Segunda feira tava **embaçado**⁶⁸ de polícia... tinha um monte de polícia na favela.... aí na Terça catei uma arma... esse outro maluco.... catou outra.... aí... tinha uma banquinha em frente do bar.... uma pá de gente... tudo de bonezinho... corrente.... aí... nós chegamos.... já enquadraramo todo mundo.... - - vai...vai... vai... todo mundo com a mão na cabeça... põe a mão na cabeça.... cadê o Di.... cadê o Di.- - aí eles falaram... - - o Di ... não fica aqui não.... - - aí... nós viu que eles não era envolvido com o cara.... que eles era meio pá... aí.... nós continuou descendo a rua.... aí nós trombou o M. e o W..... o W. é esse irmão do N..... que nós matou..... e o M.... é um outro que

⁶⁴ Mundão: livre no mundo

⁶⁵ Tiração: provocação

⁶⁶ Boi: banheiro

⁶⁷ Mandou pipa: mandou recado

⁶⁸ Embaçado: complicado

saiu da Febem de São Paulo.... aí eu falei.... - - **firmeza**⁶⁹ W?... se lembra de mim mano?... - - aí... nisso o outro começou a dá uma idéia no M.... - -então.. M... parece que os cara tão conspirando contra o Z... lá na Febem..... o que é que tá **pegando**⁷⁰?... - - ele nem esperou nós acabar de falar... ele já deitou a bicicleta e saiu correndo.... porque já tava ligado na **fita**⁷¹... aí já peguei... e dei dois tiro nele... BÁ....BÁ.....((imitando o som)). aí pegou um tiro... de raspão... e ele correu atrás de um caminhão.... e entrou dentro da casa... aí... não deu pra catar... aí... o R... deu quatro tiro no W.... virou... e deu mais dois no M.... aí... eu peguei e dei mais dois no W.... um pegou nas costa dele... foi fatal... mesmo.....

N.C.: H. foi chamado para jogar bola no campo mas recusou.... disse que estava bem e que depois que acabasse ele iria encontrar os colegas.

P:... vc chegou a trabalhar enquanto tava lá na favela?.....

H:.. eu fazia uns trampo.. assim... mas não é trabalhar... tá ligado... eu roubava.... e eu fazia uns trampo assim..... não é nem pra ganhar... é pra passa tempo mesmo.... tipo... quando mudava gente nova... a gente ajudava a arrumar os barraco.... tá ligado... dava uma força só pra desbaratinar.... só pra Ter alguma coisa pra fazer.... MAS EU SEMPRE TRABALHEI SENHORA..... eu só parei... quando eu me envolvi de uma vez.... porque antes de envolver... eu TRABALHAVA....((H. estava empolgado com o próprio relato e soltou algumas coisas sem muita coesão)).... oh... eu já tava fazendo.....aí... eu já tava fazendo uns assaltin..... aí... vendia uma droga.... só no desbaratino... tá ligado... aí eu peguei.... não deu nada...

P.... e no que vc trabalhava?..... H:.... quando eu era mais pequeno assim.... eu vendia picolé.... eu estudava lá no Fábio Barreto de manhã.... e eu chegava de tarde.... tinha um cara que tinha sorveteria.... eu ia lá... pegava o carrinho de sorvete.... aí ele falava..... - - vc vende por tanto... e vc fica com tanto...- - e aí eu vendiaera lá no Marinceck..... essa fita aí....

P:.... sua família é de que bairro?...

H.... de primeiro morava no Marinceck.... agora é no Geraldo Correa de Carvalho....

⁶⁹ Firmeza: tudo bem

⁷⁰ Pegando: acontecendo

P:... e a favela que vc diz que fica?...

H... é do Jandaia... aí vc tá ligado.... eu trabalhava vendendo picolé.... eu tinha oito.. nove ano.... eu era pequeno mesmo... só que eu já queria fazer um **corre**⁷² do meu dinheiro.... tá ligado.... aí... eu parei de vender picolé....

P;... e porque vc parou?.....

H... porque eu vendi bastante tempo..... eu vendi mais de um ano.... depois não sei.... eu não lembro..... não sei se foi o meu pai..... ah não.... é porque eu comecei a olhar carro... os moleque tavam ganhando mais do que eu.... aí eu já comecei a me interessar... e comecei a olhar carro com os moleque... tá ligado.... aí deu um tempo.... já... **não vira**⁷³.... aí... eu comecei a trabalhar na PROMERP.... na área azul..... aí.... pela CODERP.... PROMERP.... pela área azul... eu vendi cartãozinho..... aí eu comecei a dar trabalho.... na área azul... que eu comecei a fumar maconha.... quando eu tava na área azul... foi a primeira vez.... que eu tava com um moleque de serviço... foi a primeira vez que eu fumei maconha foi no serviço.... ((H. achou graça do que contava...risos)).... e aí eu parei..... eu saía da escola... e tinha que ir pro serviço.... e eu não ia mais pro serviço..... tá ligado.... parei de ir... e aí... me mandaram embora da CODERP... tá ligado... e aí... eu fui lá... conversei com a D. Vera... que é a chefe da PROMERP.... lá.... e ela me deu uma chance.... - -olha... vou te dar uma última chance.... - - e aí... eu comecei a trabalhar lá no postinho do Simioni..... aí eu trabalhei lá... quando já tava pra fazer quatorze... e com quatorze já tem que espirrar.... e aí... saí de lá.... aí... fui trabalhar uma cara de carpinteiro..... foi o último serviço que eu trabalhei.... ((fiquei admirada.... e H. se sentiu bem com a minha admiração... sei que é um trabalho que exige muito raciocínio, pois meu avô era carpinteiro))... ÉH..... eu sei fazer uma pá de bagulho.... trabalhei **uma cara**⁷⁴....

P:. e vc não gostaria de se aperfeiçoar nesse trabalho de carpintaria?....

H:.....eu gostaria SIM... senhora... OH:::::..... isso aí... ganha dinheiro.... o meu patrão..... nós acabou um telhado.... quatro água..... em uma semana e meia.... e nós

⁷¹ Fita: conversa

⁷² Corre: fazer um negócio, resolver uma situação

⁷³ Não vira: não dá certo

⁷⁴ Uma cara: muito tempo

foi pra outra cidade e catou três mil real.... num telhado só.... eu trabalhei uma cara.... eu já tinha quase quinze.... só que eu tava trabalhando.... mas eu já tava me envolvendo com uns maluco pá... tá ligado..... aí... mesmo eu trabalhando..... eu fui fazer um assalto... tá ligado... não sei se a senhora sabe onde que é a Casa do Boi... lá na Saldanha Marinho.... então... nós assaltamo... a Casa do Boi... no dia do pagamento.... catamo... cinco mil real... em dinheiro... e vinte mil de cheque.... aí nós colocou fogo no cheque.... e eu TRABALHAVA..... mesmo assim... eu fui fazer essa fita de manhã.... e à tarde... fui pro **trampo**⁷⁵ ainda.... aí eu vi... que dava dinheiro.... aí... fiz outro assalto... e nós catou dois mil real... era uma firma.... nós foi lá .. e **enquadrôu**⁷⁶ o office-boy.... deram a fita... parei de trabalhar.... tava vindo dinheiro mais fácil... mano... eu trabalho pra caramba.... e ganhava dez real por dia... mas era dinheiro BOM SENHORA..... era um dinheiro bom.... e dependendo do serviço que trabalhasse ganhava quinze real ainda... era serviço maior... ele reconhecia.... ele dava vinte real pros outro... e quinze pra mim....

P.... ele era parente teu?...

H.... não.... ele era vizinho.... de um colega meu... e um dia ele tava lá fazendo um serviço... e eu tava na porta desse colega.... e tava todo mundo dando uma força pra ele... porque ele é velhinho.... mas é SANGUE BOM... o cara... ele tem uns.... cinquenta e cinco ano mas é **ligeiro**⁷⁷ pra trabalhar... aí... ele pegou... e viu que eu era esforçado..... - - oh.. moleque... vc é pequeno... mas é trabalhador..... hem moleque... vc é esforçado.....- - ele gostou do meu serviço... e me convidou pra trabalhar.... - - eu tenho um serviço agora... que vai uns três dia..... se vai nesse serviço comigo se vc gostar..... - - e que dia que eu posso vim..... - - amanhã mesmo.... vc já pode vim..... - - e aí... eu comecei a trabalhar com o cara... e é o serviço.... que eu MAIS gostei de trabalhar... viu senhora.... ei tinha jeito pro bagulho..... eu sabia fazer os barato certinho... aprendi uma pá de bagulho... eu já sei enterçar..... caibrar..... ripar.... e cobrir.... eu só não sei fazer é o esqueleto do telhado.... tá ligado... só esqueletar que eu não sei... depois que esqueletou... aí já era..... aí.... vc enterça.... caibra... ripa e cobre.... e aí já era....

⁷⁵ Trampo: trabalho

⁷⁶ Enquadrar: intimidar, ameaçar à mão armada

⁷⁷ Ligeiro: esperto

P... como é o teu dia-a-dia aqui na Febem?.....desde a hora que vc levanta...

H... eu levanto todo dia cedo.... sete..... vinte pras sete..... mais de sete e meia eu não levanto tá ligado... eu já levanto cedo... e já dou um trato aqui na minha **jeca**⁷⁸... no meu **barraco**⁷⁹ ... pego minha toalha... tomo um banho... desço lá em embaixo... tomo um **móca**⁸⁰ ... e aí fico aí... no pátio.. peço pra ir na minha assistente pra dar um **pião**⁸¹ peço pra ir lá pra falar com os cara do três

P... vc frequenta escola?... oficina?.....

H... escola eu não tô fazendo não... porque eu não tô vendo ninguém ir... desde que eu voltei de **bonde**⁸²... nunca fui na escola... mas antes de eu ir de bonde... eu ia na escola ... ia na marcenaria..... na mecânica.....

P... o que vc gosta... de fazer...e o que vc não gosta de fazer?.....

H..... ((H. tinha a voz extremamente baixa e entristecida nesse momento))..... ah.. senhora.. na Febem... não dá vontade de fazer nada... dá vontade assim... porque AQUI... não tem NADA pra fazer.... por isso que não dá vontade de fazer nada... tá ligado... se tiver uns bagulho massa pra fazer..... eu gosto.. né senhora... eu gosto de fazer um monte de coisa.... eu gosto de um trampo... ninguém me põe eu pra trabalhar... eu tava indo lá fora já... agora eu fui pra São Paulo... agora eu tenho que esperar vinte e um dia... pra poder ir lá....

P.... e depois que vc almoça... o que vc faz?...

H..... à tarde..... eu vou..... escovo os dente.... de vez em quando eu durmo.... aí... de vez em quando eu fico aqui... desse jeito... quando tem campo... vou pro campo... ou então fico aqui no pavilhão... assitando uma tela.... mas na maioria das vez... eu durmo depois do almoço..... eu durmo um pouco..... eu durmo lá pelo meio-dia... uma hora... e acordo lá pelas duas.... três hora.... aí... tomo uma ducha de novo... e desço... lá pro pátio... pra encher o saco do monitor..... ((risos)).....

⁷⁸ Jeca: cama

⁷⁹ Barraco: quarto de dormir

⁸⁰ Móca: café da manhã com café e chocolate, pão e manteiga

⁸¹ Pião: volta, passeio

⁸² Bonde: ônibus que vem ou vai para a Febem de São Paulo

P... como é o teu relacionamento com os monitores... coordenadores?....

H..... ah... senhora... eles não reclama de mim não.... às vez eles fica só um pouco nervoso.... mas eles gosta da minha pessoa... tá ligado... às vez tá tendo uma agitação.... eles cola... e fala - - oh H..... dá uma idéia na rapaziada.....para eles **ficar de boa.**⁸³ ... - - e os maluco respeita... vc tá ligado... é pra nós mesmo.... por isso que eles gosta de mim.... né mano... porque eu não sou de ficar agitando... assim.... tá ligado.... agora... hoje.... eu já chapei.... já chapei com as assistente.... eu tava lá conversando com o sr. Boy.... aí o moleque apertou o extintor.... mas não saiu nada... só fez aquele barulho.... porque ele só deu aquela apertadinha... aí... a assistente tava dentro da sala... e nem viu quem fez o barulho... e aí já veio falar... tá ligado... aí ela me chamou dentro da sala... e falou assim - - ... vc sabe porque dentro da casa da gente tem parede..... teto... - - e eu falei.... - - pra se proteger... pra não entrar ladrão.... - - então... vc sabe pra que tem aquele extintor ali?..... - -pra se proteger... - -mas por que a senhora tá falando isso aí pra mim... senhora ?..- - por causa que só voces tava ali perto ali oh..... - -só nós? ..senhora?.....não quero saber que tinha nós a senhora viu quem que apertou o bagulho?.....- - ela falou assim.... - - não eu não vi.... mas eu vou Ter que pôr o seu nome..... porque era vc que tava ali perto..... - - AH..... EU CHAPEI.... né senhora..... - - então põe meu nome então.... comecei a incendiar tudo..... - - aí ela veio e me chamou de idiota.... - - AH... SEU IDIOTA..... vc não vcs tudo o que vcs falam vcs grita..... ela só tá falando..... - - ué só tá falando.... tá dizendo que vai pôr meu nome no relatório.... - - ((H. não quis falar quem foi e respeitei))..... - - ela não viu quem que foi e já tá falando que vai pôr meu nome..... - - então fala quem que foi... - -tá achando que eu sou cagueta?... senhora...- - vai me chamando de IDIOTA QUE EU TE DOU UMA ESTRALADA..... - - tá achando que os outro é bobo?... fiquei nervoso.... e dei um empurrão na testa.... fiquei nervoso.... ((H. estava muito alterado ao relembrar do fato e tentei acalmá-lo dizendo que compreendia sua indignação.....))..... NOSSA nunca chamei ninguém aqui de idiota... nunca desrespeitei ninguém.... nenhuma funcionária..... que é ISSO?... eu pus a mão na cara dela... - - então eu vou pôr fogo na sua sala... se tiver isso escrito aí.... eu não fiz nada ... - - aí eu saí andando.... e deixei elas lá.... mas eu fiquei muito nervoso.... meu

⁸³ Ficar de boa: ficar em paz

relacionamento é bom.... com os monitor... eu peço pra ir nos lugar... eles nem vai comigo.... porque sabe que eu..... tenho **responsa**⁸⁴

P:.... e com os outros rapazes?....

H... é bom senhora... é à pampa.....

P:... vc já falou um pouquinho.... mas como vc considera essa infração?....

H.... infração grave.... né senhora... só que.... é foda..... essas fita aí no crime... é problema... né senhora... porque eu TAVA sossegado.... porque eu não queria matar ninguém não... se eles não punha a mão no Z aqui..... eu ia deixar até quieta a fita.... porque eu tava de boa.... de boa aqui na Febem.... eles **tretou**⁸⁵ comigo... mas ia deixar sossegado.... saí pra rua já era.... só que catou o Z..... aí é problema.... porque o Z.... é IRMÃOZÃO MESMO.... o Z.... é do MEU sangue mesmo.... mora lá também.... ele é FIRMEZA.....

P;..... quantas vezes vc já esteve aqui mesmo?....

H.... tenho três passagem e uma fuga....

P:..... a primeira vez...

H... a primeira vez... caí com uma moto roubada... depois.... com assalto na residência..... a agora... caí com o homicídio..... e uma fuga... na vez da residência.....

P.... vc sabe o código desses delitos?...

H..... 157.... da primeira vez.... 157.... da Segunda... e dessa vez..... 121....

P:..... na sua opinião.... o que faz com que os jovens acabem vindo pra Febem... de um modo geral...

H... acho ... assim.... começa no crime de EMBALO... de bobeira.... porque quando eu comecei.... eu não tinha treta com ninguém... tá ligado... quando comecei andar armado... tá ligado.. aí o que é que aconteceu?..... eu agora vejo isso daí... vc tá ligado... eu me SENTI:;;;;A.....eu andava armado.... e me SENTI:;;;;A..... que eu

⁸⁴ Responsa: responsabilidade

tava armado.... tá ligado... hoje eu vejo que é diferente..... eu tenho que andar armado por necessidade... já não ando mais por.... hoje... é por necessidade... se eu não andar armado.... eu corro risco de vida.... agora..... os menor vem pra Febem..... no crime é o seguinte.... tudo tem regra.... e no crime também tem regra... e neguinho às vez quer tirar... quer fazer uma coisa.... às vez cagueta... o cara... rouba ladrão..... **rato de mocó**⁸⁶ ... é umas fita a mais... às vez ... vem com assalto... porque tem necessidade de... tipo.... a maioria é por causa de **espinho**⁸⁷.... porque tem necessidade..... de roubar arma... rouba pra comprar bala..... e muitos casos aí... é por causa de droga... e aí... pára de estudar.... pára de trabalhar.... e aí... não tem dinheiro... tem que roubar... e acaba vindo pra Febem.....

P.... pensando em toda sua vida desde que vc era pequeninho.... o que vc acha que aconteceu na sua vida que acabou fazendo com que vc viesse pra cá?....

H..... AH..... REVOLTA... senhora..... eu era muito revoltado com o meu pai.... tá ligado..... eu sempre gostei MUITO DE DINHEIRO.. aí.... eu queria me adiantar... e eu sempre fui muito AMBICIOSO.... e eu queria me adiantar.... acho que foi isso daí.... muita revolta... também... meu pai me batia..... e sabe porque eu chapava?.... tipo.... na rua da minha... eles ficava brincando na rua até dez hora de pique-esconde.... e meu pai.... não deixava eu.... e esses moleque.... que ficava até dez hora brincando... que as mãe liberava assim.... hoje.... os moleque é tudo trabalhador.... alguns já casou..... tudo assim..... tem muié.... e eu.... que meu pai me prendia.... me segurava.... tô aí... oh... desvirtuei pro crime....

P..... vc acha que desvirtuou....

H.... eu acho senhora... mas já tô melhor de novo..... né senhora... minha intenção quando sair daqui.... é ficar de boa com a minha mina.... tá ligado.... até tenho um trampo aí... em outra cidade.... eu vou até acelerar daqui.... sabe.... AQUI.... é foda.... DÁ também..... mas as amizade é problema..... já é muito conhecimento..... vc já começa a colar.... e aí... já desbaratina.... e mesmo que não quer fazer um assalto.... numa hora... já pesa.... que às vez pode precisar de um dinheiro..... então às vez

⁸⁵ Tretou: brigou

⁸⁶ Rato de mocó: ladrão que rouba ladrão

⁸⁷ Espinho: rival, inimigo

vai de cabeça dura..... pensa que o negócio é **mamão**⁸⁸.... que não vai dar nada... e vai de cabeça....

P.... das outras vezes.... que vc saiu.... vc fez planos para mudar de vida?....

H.... fiz nada...((H falou com tristeza)).... dessa vez... é que tá diferente... e é porque eu tô com a minha mina... né senhora.... ela faz sentido na minha vida.... eu parei com muita coisa que eu fazia.... por causa dela.... e mesma coisa ela.... também... .ela largou mão de muita coisa.... por causa de mim.... tá ligado.... é que **NÓS SE GOSTA**.... né senhora..... nós tá vendo que a **nossa cara**⁸⁹.... é ficar mesmo..... essa vida aí oh..... É:::..... ficar preso.... olha aonde que eu tô.... tô preso.... podia tá lá fora.... tá de boa... curtindo.... pensando em mudar sabe por quê? Sennhora?.... porque agora eu tô de maior... mais cedo ou mais tarde.... eu acabo indo pra cadeia e aí.... a senhora acha que é isso que eu quero?..... ficar vendo minha mina.... só uma vez por semana.... e ainda dentro de cadeia.... e vendo uma pá de coisa feia.... vendo neguinho morrer toda hora.... não é verdade?..... tomando facada.... às vez pensa que a gente não liga.... eu ligo pra essas fita sim... eu fico só olhando..... os cara não se garante... não entra no crime..... mas só que é FODA.... tem muito neguinho que entra no crime..... porque usa droga.... e droga é problema..... que nem esses maluco que usa pedra....vem pra Febem e passa mal.... e aí eles sai.... e naquela fissura..... eles é viciado..... já quer fumar mais.... e acaba vindo pra Febem.... só que eu quero sair daqui.... e ficar de boa mesmo.....

P..... e dívida..... espinho como vc tava falando..... também acaba fazendo a rapaziada vir pra Febem?..... H.... ah.. tem....

P.... e perseguição policial....marcar o moleque?.....

H.... IH... SE TEM.... tem uns maluco mesmo.... tem polícia mesmo que forja.... tá ligado..... tem muitos caso.... a polícia já enquadra o lugar..... às vez.... o cara vende mesmo uma droga... mas eles cata o cara.... e não consegue achar o cara com nada.... não consegue prova.... nunca consegue pegar o cara com nada..... o que é que eles faz?.... eles vai lá e joga droga em cima do cara.... e fala que catou com o cara.... e leva ele preso....agora... dívida também..... o moleque deve.... não trabalha... não tem

⁸⁸ Mamão: fácil

como pagar.. vai roubar... vai preso..... **treta**⁹⁰ a mesma coisa.... o cara tem treta com um.... tem treta com outro.... aí ele tem que se ARMAR.... e os espinho dele.... tem uma metralhadora... duas trezentos e oitenta..... quatro oitão..... umas duas de repeteco..... e aí ele vê que o espinho tá mais armado.... ele vai fazer um corre pra comprar arma mais **nervosa**⁹¹..... então se um tem metralhadora... o outro vai fazer corre para comprar fuzil... se tem fuzil... vai fazer corre pra comprar granada... é aonde.... que..... a fita é essa também.....

P.... vc acha que conflito familiar também....

H... voltar pra Febem.... não.... que nem eu.... já tenho passagem.... tipo..... minha família ficar brigando comigo.... isso aí é **ZICA**⁹² sabe o que é senhora.... depois que a gente vem pra Febem.... a gente fica muito..... muito..... não é MACHÃO..... é muito..... ((ajudei com a palavra independente)).... É:..... INDEPENDENTE.... fica muito rebelde.... vc tá ligado...

P..... o que é que fez com que vc tivesse voltado três vezes?.... ((H ficou pensativo e eu fui continuando a perguntar)).... o que vc acha que deixou de acontecer.... lá fora.... que vc gostaria que tivesse acontecido e que não aconteceu?....

H..... ah.... senhora.... o que eu acho que deveria Ter acontecido antes... que não aconteceu... foi a C ((a namorada))..... Ter começado a namorar comigo antes.... ((H fala com profundo carinho da namorada, seu tom de voz é meigo))..... eu acho também.... que é por causa de uma outra mina.... que eu gostava dela... e pá.... eu gostava bastante da mina.... eu tava sossegado..... e eu sabia que ela não gostava dessas fita aí.... só que aí... eu larguei dessa mina..... aí... eu comecei.... aí... eu não tinha mais nada a perder.... entendeu?.... aí já foi.... já desgramou.. mesmo.... no começo... a gente quer se mostrar... mas depois.... já é necessidade.... já arruma espinho.... arruma não sei o quê.... aí... já tem que ficar ligeiro.... é problema.... mano... se a C..... ou outra **muié..... de responsa**⁹³ aí.... eu tava de boa...

⁸⁹ Nossa cara: nossa decisão

⁹⁰ Treta: briga

⁹¹ Nervosa: mais potente (também pode significar: mais bonita)

⁹² Zica: doença, coisa nojenta, coisa horrível

⁹³ Muié de responsa: mulher de respeito

P... os jovens que estão aqui... querem mudar de vida?...

H.... alguns quer sim.... senhora... OH.... eu vou falar a verdade.... A MAIORIA....
A MAIORIA..... eles pensa em mudar.....

P:..... mudar o que?....

H.....quer mudar quer sair..... quer parar de dar tiro nos outro... porque essa vida é cruel.... é do cão... mesmo....é a lei do cão.... ou vc mata.... ou vc morre.... é tudo ou nada.... vc tá aqui.... e não sabe se amanhã vc tá vivo..... e eu acho assim.....

P:..... o que dificulta?...

H..... eles sai pro mundão.... e tá lá as mesma amizade de antes.... e os cara NÃO FOI PRESO.....tá ligado... os cara tá lá.... mas só vc foi preso..... aí chega lá.... os cara tá roubando..... tá dando tiro nos outro..... aí vc chega e cola..... e vc já tem **uma coleta**⁹⁴ com os cara.... já tem um conceito.... - - oh... irmão.... firmeza.... saiu..... - - e aí... vc já começa empolgar..... na idéia do maluco já.... - - vamo até ali.... tomar uma ceva..... - -

NOSSA.....

P... é muito difícil manter a própria opinião na hora?....

H.... não é que é difícil.... é que se vc sai..... vc vai deixar o cara falando.... tá ligado....

P:..... não dá só pra ser amigo... respeitar..... e ficar fora disso?.....

H.... é que é FODA..... é os irmão... que é tudo aliado... mesmo... na fita... correndo lado a lado com nós... agora... TUDO TEM JEITO.... só não muda..... quem não quer... porque tudo tem jeito... só que é aos poucos... não é assim de uma hora pra outra.... a senhora tem que Ter OPINIÃO.... TEM QUE TER.... porque é MUITA gente.... COLANDO.... e pá.... - - vamo fazer um assalto..... - -..... ah não ... **eu tô à pampa**⁹⁵- - IH..... TÁ COM MEDO..... puxou uma febezinha.... ela te apavorou.... - -

⁹⁴ Uma coleta: uma amizade

P..... e eles não entendem que depois disso.... vc com dezoito anos.. vai pro cadeia....

H..... aí é o tal negócio.... que eu falo - - é **sangue bom**⁹⁶.... só que se eu for preso.... sou eu que vou ficar lá na cadeia... sangue bom..... é porque na hora que eu for preso... ninguém vai lá bater no peito... e dizer... que vai puxar cadeia pra mim.... - - mas é que é FODA.... já se tornou necessidade.... vc já tá ali.... já tem que fazer alguma coisa também..... por que senão.... vc passa até a ser **TIRADO**⁹⁷.... - - olha só... mó parasita de boi.... fica só parasitando aí.... - -

P..... e será que não dá para ganhar dinheiro com outra coisa....

H..... TRABALHANDO.... né senhora....

P..... se tivesse que fazer alguma mudança..aqui dentro... ou fora da febem.... que mudanças vc faria?..... para melhorar a sua vida....

H:..... a minha vida.... ou a vida dos moleque.....((deixei à vontade))... vou falar.... essa febem... aqui... é uma das melhor Febem que tem... agora mesmo.... tem vários curso.... só não recupera quem não quer.... tem gente fazendo computação no mundão..... então.... eles te dá uma chance de melhorar... agora... que nem lá em São Paulo.... vc não tem chance de melhorar.... lá ... vc só fica pensando maldade... então... sabe o que eu mudaria... pra entrosar..... sabe porque tem essas confusão.... porque neguinho fica no seguro do muro... sabia?.... neguinho xinga... neguinho pá.... porque tem os muro... agora... chegava... derrubava tudo esses muro... de dentro.... só deixava os de fora... e deixava todo mundo junto... conviver... LÓGICO... aí vc ia ver o que ía acontecer.... neguinho ia Ter que se segurar.... ia Ter que... por bem.. ou por mal.... aprender a conviver..... se quebrar esses muro aí... melhora.... isso que eu acho.... ia acabar as desavença.....

P..... e fora da febem..... que mudanças.... que idéias vc daria.... tipo trabalho?.....

H.... na minha opinião.... eu já prefiro trabalho... assim..... de local variado.... tipo... vc sabe porque muita gente que tá aqui.... não sai pra rua e não trabalha?..... porque

⁹⁵ Eu tô à pampa: eu estou sossegado, tranquilo

⁹⁶ Sangue bom: colega, amigo

⁹⁷ Tirado: desrespeitado

fica com medo.... de trabalhar ali..... e se um espinho vê..... já pode vim e matar eu.... agora... se trabalhar num local variado... o que é que vai acontecer? ... hoje vc tá aqui..... amanhã.... vc tá ali.... nunca sabe o lugar certo..... amanhã.... vc já está em outro lugar... e nunca o cara vai ficar sabendo... todos os lugar que vc vai.... muita gente aqui.... não trabalha... não estuda.... também... por causa disso.... tá ligado.... aqui.... devia Ter um curso também.... pra passar de SÉRIE.... de série senhora.... porque aqui a gente estuda... estuda.... faz Telecurso... mas seis meses aqui.... tinha que valer um ano... mas tinha que ser aula reforçada.... aula que nem do mundão.. mesmo... zoou... na classe.... põe pra fora da classe.... não é não?.... fez bagunça na classe.... desrespeitou?... suspensão.... da escola... deixa sem ir na escola... uns bagulho... que menor GOSTA.... a gente fala que.... pá... não gosta... mas se começar..... é porque faz tudo ERRADO... começa pela própria direção.... o próprio juiz.... começa a fazer as.... porque se eles mesmo começar a fazer os bagulho certo.... menor não é bobo não... menor gosta das coisa boa também.... é ladrão mas não é BOBO.... né senhora?...

P.... vc sabe o que são métodos contraceptivos?.....

H;.... não....

P... e se eu disser que são métodos pra evitar a gravidez?....

H..... ah.... lógico.... não sei todos não.... mas conheço alguns.... transar de camisinha... tomar remédio.... ((pílula))....

P:.... e vc sabe como devem ser usados?....

H.... ah senhora.... não sei não.... a minha mina é que toma esses barato.....

P:.... e a camisinha.... se não souber também tudo bem?...

H... oh.... eu sei... como é que é vcs mesmo.... falou pra nós... que jeito que é.... eu não usei.... se eu falar que eu usei.... eu não..... ((fomos interrompidos por Sorriso que queria a toalha de banho emprestada pois ia ao P.S. por conta daquele exame que ele havia pedido))....

P:.... vc sabe quais são os mais indicados para os jovens?....

H.... camisinha né senhora.....

P;.... e vc sabe por que?....

H.... porque já evita gravidez.... doença..... um monte de coisa....

P:.... vc costuma usar algum método com a C?....

H.... toma remédio.... toma pílula pra não engravidar....

P:.... já teve alguma vez de vcs não terem usado?....

H.... e ela ficou grávida.... e aí... ficou... quando ela tava grávida de dois mês.... ela perdeu.... o nenê..... mas é que nós não tomava pílula..... ela engravidou.... porque ela queria Ter um filho mesmo....

P:..... a C queria?....

H... NÃO senhora... NÓS queria..... NÓS IA TER UM FILHO SENHORA... ela tomava isso aí... e nós fomo viajar.... e ela parou de tomar remédio..... - - se eu parar de tomar remédio... eu vou ficar grávida..... - - mas aí.... nós queria né senhora.... e eu já tinha um **dinheiro na unha**⁹⁸... para comprar tudo os bagulho do nenê..... pra comprar carrinho... berço.... para poder comprar uns barato.....

P.... e por que vc queria Ter um filho?....

H.... ah sei lá.... deu barato de Ter um filho com ela... senhora..... porque o bagulho..... é um baratinho..... eu CURTO criança... até umas hora... é maió barato..... ah.... pensei.... vou construir minha vida com ela... e já era.... não é não....

P.... quem indicou pra ela?.... as pílulas.....

H.... não sei.....

P.....e por que vcs escolheram a pílula?.....

H.... porque é ruim... camisinha..... não vira... não gosto não

⁹⁸ Dinheiro na unha: dinheiro guardado

P.... vc sabe aonde conseguir... a pílula e a camisinha....

H.... na farmácia.... comprar.....

P..... e aqui na Febem.... quem vc procura.... quando tem algum problema de saúde...

H.... eu dou idéia no monitor.... e aí.. ele pega.... se eu tiver com dor.... eu vou lá ... com a enfermeira.... e aí.... vc fala com a enfermeira.... mas essa enfermeira.. aí.. não sabe de nada... dá... um remédio.... serve pra TRINTA dor.. mano.... o mesmo remédio que vc toma para dor de cabeça.... vc toma pra dor de estômago.... vc toma para dor de ouvido.... então.... eles passam para a enfermeira.... se elas achar.... que deve ir para o P.S. ... hospital..... aí... vc vai.... senão.... vc morre aí.....

P.... e vc é esclarecido das coisas?....

H.... ah.... elas não conversa muito essas fita não.... tipo... um exame... exame mesmo..... já pedi... pra fazer exame....exame de HIV..... e eles não me leva não.....

P.... vc sabe que vc pode fazer?....

H.... É?.....

P.... se vc não fizer aqui.... vc pode estar fazendo lá no P.S. perto da rodoviária.... o exame é gratuito....

H.... eu já fiz uma vez..... e não deu nada... mas eu quero fazer outra vez..... eu gosto de fazer... e faz dois ano... que eu não faço o barato....

P.... vc tem alguma suspeita..... alguma razão para achar que precisa do exame.... senão eles também.... não fazem assim....

H.... NÃO senhora.... mas eu falo que eu tenho.... ((não aguentei e ri))... igual... da outra vez que eu fiz.... porque eu morei lá na favela... e catei umas mina diferente.... tá ligado... aí.... eu pá.... e a gente nunca sabe..... Deus me livre....

P.... e quando o assunto se refere à parte sexual... vc fica à vontade para falar do assunto?...

H.... fico NADA..... fica esquisito.... né... de vez em quando dá umas coceira.... assim..... mas eu mesmo não tenho... mas os mano..... assim.....

P.... e se viesse um médico aqui.... atender vcs?....

H... ah não... a médica era mais à pampa.... ((um sorriso maroto....risos)).... mas se for médico é à pampa também.... só que... tem que saber trocar idéia né senhora... sem maldade senhora... às vez vc tá com um machucado assim.... sem maldade... no pênis... e tem alguma coisa diferente... ou tá doendo algum bagulho diferente.... vc tem que FALAR... né senhora... porque vc não sabe.... se é uma crista de galo.... um bagulho perigoso.... que vc fica aleijado.... e até corta o barato..... ((risos))... e se não tiver intimidade... pra falar desses negócio... é problema né senhora.... e fica estranho... chegar nas enfermeiras....

P.... H.... pensando em vc... no seu futuro.... na C.... nos seus filhos.... o que vc acha que deve ser feito..... antes alguém Ter um filho....

H..... ah senhora... tá ligado... essas fita aconteceu com nós.... nós queria Ter filho... e perdeu..... nós pensou..... nós queria Ter o bagulho.... e aí... perdeu.... se era para Ter o bagulho e não teve.... é porque Deus não quis... não é verdade?..... às vez não era a hora... de repente... vc não tava preparado.... porque o bagulho não é BRINCADEIRA.... é pra SEMPRE..... porque é RESPONSABILIDADE PRA SEMPRE no bagulho.... igual aconteceu comigo... nós pegou... e queria Ter o filho... só que nós não teve... perdeu.... aí nós pensou bem.... ah.... é melhor esperar... Ter nossa casa..... Ter as coisas nossa... um canto NOSSO..... mesmo.... um lugar que nós vai poder criar nosso filho... sem problema..... que ninguém vai falar nada..... ninguém vai dar palpite na nossa vida... só que é muita responsa e é pra sempre.... e o bagulho vai crescendo vai dando preju..... ((risos))... e tem que correr atrás do preju... até a mãe descabela.... até a mãe se não for pá.... descabela..... não é não.... senhora?... ((risos nossos))..... primeiro lugar tem que Ter responsabilidade e condições e depois disso já era.... mas a hora que eu sair daqui.... vou arrumar minha vida... vou arrumar um serviço bom.... ((Sorriso voltou para devolver a toalha e preocupou-se em arrumá-la.... H. disse que não precisava se incomodar que ele mesmo arrumaria depois....S. insistiu em deixar arrumado.. Incrível o respeito entre eles)).... eu tenho uma Bíblia no meu barraco... eu curto mais um salmo.. dá para entender mais.... ((comentei de um salmo que eu conheço e ele foi capaz de repetir e identificar...legal))...

Agradecimentos mútuos!!!!